

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ILHA DO MASSANGANO: DIMENSÕES DO MODO DE VIDA DE UM POVO

A (RE) CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ILHA DO MASSANGANO NO VALE DO SÃO FRANCISCO.

ANTONISE COELHO DE AQUINO

RECIFE
NOVEMBRO DE 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ILHA DO MASSANGANO: DIMENSÕES DO MODO DE VIDA DE UM POVO

A (RE) CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ILHA DO MASSANGANO NO VALE DO SÃO FRANCISCO.

ANTONISE COELHO DE AQUINO

RECIFE
NOVEMBRO DE 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ILHA DO MASSANGANO: DIMENSÕES DO MODO DE VIDA DE UM POVO

A (RE) CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ILHA DO MASSANGANO NO VALE DO SÃO FRANCISCO.

Antonise Coelho de Aquino

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Professora Dra. Maria Nazareth Wanderley Baudel como exigência para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

RECIFE
NOVEMBRO DE 2004

Aquino, Antonise Coelho de

Ilha do Massangano : dimensões do modo de vida de um povo ; a (re) construção do modo de vida e as representações sociais da Ilha do Massangano no Vale do São Francisco. – Recife : O Autor, 2004.

ix, 141 folhas : il., quadros, fotos, mapas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2004.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Sociologia - Representações sociais. 2. Comunidade da Ilha do Massangano, Pólo Petrolina/PE, Juazeiro/BA – Modo de vida e práticas sociais. 3. Representações sociais – Questões do rural, agricultura e trabalho. 4. Cotidiano rural – Aspectos lingüísticos – Discurso do sujeito e identidade popular. I. Título.

**304.2
307.72**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
BC2005-310**

Ata da Sessão de Arguição de Defesa de Dissertação de ANTONISE COELHO DE AQUINO, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos cinco dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatro, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame da Dissertação de Mestrado de ANTONISE COELHO DE AQUINO**, intitulada: *"ILHA DE MASSANGANO: Dimensões do modo de vida de um Povo. A (re) construção do modo de vida e as representações sociais da Ilha de Massangano no Vale do São Francisco"* Um estudo de caso". A Comissão foi composta pelos Professores: **Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley** – Presidente/orientadora; **Dra. Eliane Maria Monteiro da Fonte** – Titular Interna – PPGS e **Dra. Tereza Correia Nóbrega Queiroz** – Titular Externa – UFCG. Dando início aos trabalhos a Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornarem a Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley, presidente da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 05 novembro de 2004.

Fulvia Elis

Wanderley

Eliane Maria Monteiro da Fonte

Tereza Correia Nóbrega Queiroz

Antonise Coelho de Aquino

DEDICATÓRIA

Ao povo da ilha do Massangano, por revelarem um pouco de suas vidas, pelas amizades conquistadas e a confiança depositada.

Aos meus amados pais, exemplos de amor e dedicação e ao meu filho Eric, sentido da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A realização do mestrado de Sociologia em Petrolina foi a concretização de um sonho desta sertaneja que não perdeu a oportunidade que estava em suas mãos. Por isso, neste momento, gostaria de fazer um agradecimento especial àqueles que contribuíram direta e indiretamente para que este mestrado acontecesse aqui em nossas cidades. Certamente, muitos nomes não serão pronunciados, mas a força e a coragem dessas pessoas estarão sempre vivas em meu coração. Apesar das dificuldades, não recuei, segui em frente, aprendendo, lutando, permitindo que a reconstrução fizesse parte de minha vida, pois o aprender não se esgota jamais. Estendo meus sinceros agradecimentos às pessoas e instituições que colaboraram :

- à Universidade Federal de Pernambuco, principalmente aos professores e funcionários que formam o Programa de Pós-Graduação em Sociologia;
- à Prof^a. Maria Nazareth Wanderley Baudel, pela orientação, aprendizado e confiança demonstrados ;
- ao Prof^o Elmo José dos Santos, pelos ensinamentos, amizade e orientação durante a toda a minha vida profissional e, principalmente neste trabalho;
- à Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCH III – Juazeiro/BA , direção, professores e funcionários pelo apoio incondicional nas diversas etapas do curso;
- aos moradores da ilha do Massangano que compartilharam suas vidas e segredos e me deram a oportunidade de fazer novas amizades ao longo do trabalho;
- à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e à diretora da Escola Jesuíno Antonio, a Sra. Marlene Souza, e à direção da Escola de Aplicação Prof^a Vande de Souza pelo apoio durante a realização do curso e do trabalho;
- à Prof^a. Elisabeth Moreira e Pedro Gama pelo incentivo na realização do mestrado e pelas discussões sugeridas;
- aos colegas dos cursos de mestrados em Sociologia e de Alimentos, pela amizade e companheirismo; a Sandra Novaes por sua dedicação nos ensinamentos de Estatística;
- aos amigos e amigas que estiverem sempre presentes, mesmo algumas vezes, apenas em meu coração, pelo incentivo e amizade: Carla Cristina de Andrade pela valiosa ajuda na tradução da língua inglesa; Dra. Lígia, pelo apoio e cuidados redobrados com a minha saúde, e muitos outros não mencionados;
- à William por ter recuperado meus arquivos do world;
- aos meus familiares: meu pai que ajudou a conhecer e amar o povo da ilha do Massangano, minha mãe, pela generosidade e incentivo nos momentos difíceis; às minhas irmãs Nizane e Rosângela, meu irmão Antonio Henrique, meu cunhado Kleber, pela torcida e amizade de vocês, sempre; ao meu filho Eric, por compreender e aceitar as minhas ausências em função do mestrado, pela sua eficiência e dedicação nas horas difíceis da ajuda na organização e digitação do trabalho final.
- à Vanessa Silva de Lima, de modo especial, pelo carinho, convivência e dedicação constantes, compartilhados durante todo o mestrado.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA _____	IV
AGRADECIMENTOS _____	V
RESUMO _____	VIII
ABSTRACT _____	IX
INTRODUÇÃO – PROPOSIÇÕES GERAIS _____	01
- Processo de Desenvolvimento da Região do Médio São Francisco como Quadro Geral que Influencia as Possibilidades da ilha _____	09
- A População da ilha _____	15
- Processo Histórico de Ocupação _____	17
- Dados Demográficos e Sociais Atuais _____	19
- Pressupostos Metodológicos _____	20
CAPÍTULO I - PERCURSO TEÓRICO SOBRE A ILHA _____	27
1.1 - Fontes sociológicas para um percurso _____	27
1.2 - A ilha, o rural e o urbano _____	43
1.3 - Discurso, Representações Sociais _____	49
CAPÍTULO II - SER DA ILHA _____	66
2.1 - Multiplicidade de atividades _____	68
2.2 - Vida Social _____	77
2.3 - Expressões Culturais _____	91
CAPÍTULO III - REFLEXÕES SOBRE O MODO DE VIDA DE ONTEM E HOJE _____	103
3.1 - O antes e o depois na fala dos moradores _____	111
3.2 - Aspectos da religiosidade e da festa na fala dos moradores _____	122
3.3 -Elementos para novas reflexões _____	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	136
ANEXOS _____	141

Anexo 1: Lista de Entrevistados _____	142
Anexo 2: Roteiro de Questões das Entrevistas _____	143
Anexo 3: Caderno de Fotos _____	144
Anexo 4: Mapa de Localização da Zona Ribeirinha _____	155
Anexo 5: Mapa de Localização do Pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA _____	156
Anexo 6: Levantamento cartográfico digitalizado da ilha do Massangano _____	157

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o modo de vida, o rural e as representações do povo da ilha do Massangano, localizada a 12 km de Petrolina/PE no vale do São Francisco. A ilha do Massangano, no presente momento, passa por transformações em relação ao seu isolamento, as conseqüências da economia globalizada na agricultura, a re-simbolização do espaço, do próprio modo de vida e da própria vida. Para atingir os objetivos, realizou-se uma retrospectiva histórica e social da região e em que aspectos o desenvolvimento da agricultura no Vale do São Francisco acarretou mudanças para a vida das pessoas investigadas.

Assim, existe um fio condutor que liga a caracterização do povo à própria região em que ele está inserido, destacando também a natureza teórica que envolveu o estudo até a análise dos discursos dos moradores. Existe um sentido de localidade muito significativo presente no grupo. A ilha do Massangano é o local dos antepassados, do trabalho, dos festejos, da sociabilidade, da família, da própria identidade.

Um sentido que continua forte porque consolidada a identidade do grupo, o sentimento de pertencimento à ilha. Essa identidade está muito ligada aos seus cultos (religiosidade), à forma como se relacionam entre si, à estrutura familiar e ao samba de véio.

Os aspectos lingüísticos influenciam na identidade de “ser da ilha”, assim como integração grupal e a valorização das crenças tradicionais são fatores de preservação da identidade do povo. O trabalho é a atividade que, em parte, determina a maneira de viver dos moradores, passando a ser, inclusive, a razão de suas existências, por estar ligado ao sustento e também a uma história de trabalho com a terra, com uma cultura. No entanto, as modificações no plano econômico acabaram por impor aos habitantes da ilha transformações muito visíveis nas relações com a agricultura, a base fundamental de sua subsistência. Os fatores econômicos ligados à posse e a exploração da terra e da água fragilizam e desagregam a comunidade da ilha, contribuindo para que os habitantes abandonem a sua condição de ilhéus. Esperamos que o foco no modo de vida dos moradores da ilha do Massangano, trazendo à tona dimensões da vida desses atores sociais, contribua para desvendar as práticas sociais da população rural do vale do São Francisco e sua situação atual.

PALAVRAS-CHAVE: MODO DE VIDA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, ILHA DO MASSANGANO, RURAL, DISCURSO.

ABSTRACT

This study aims to analyse the way of life, the country and the social representations of the people from Massangano Island, located 12 Km from Petrolina/PE in the São Francisco valley. The Massangano island at present, faces transformations related to its isolation, the consequences of globalized economy in the agriculture, the re-simbolization of the space, of the own way of life and the own life. To reach the aims, it was done one historical and social retrospective of the region and which aspects the development of agriculture in São Francisco valley brought changes to the life of investigated people.

So, there is a conductor lead that connects the characterization of the people to own region in which they are in, detaching also the theoretical nature that involved the study until the analysis of the speeches of the habitants, There is a sense of lacion very meaningful present in the group. The Massangano island is the ancestors, the work, the party, the societibility, the family, the own identity location.

One sense that continues strong because it consolidates the group identity, the feeling of belonging to the island, this identity is deeply connected to its cults (religiosity), the way their relantionship is, the familiar strucutre and to the 'samba de véio'.

The linguistical aspects influence in the identity of 'belonging to the island', like group integration and giving traditional beliefs credit are factors of preservation of the people identity. The work is the activity that, in part, determinates the way of living of the habitants, becoming the reason of their existences, for being connected to the support and also to a work history with the land, with a culture. The changes in the economical plan led to persuade the island habitants the transformations a lot visible in the relations with the agriculture, the fundamental base of its support. The economical factors connected to the possession and to the land and water exploration make the island community weak, contributing so that the habitants leave their condition of island habitants. We hope that the focus on the way of life of the Massangano island habitants, bringing to the top dimensions of the life of these social actors, contributing to find out the social practices of the country population of São Francisco valley and its nowadays situation.

Key words: way of life, social representation, Massangano Island, country, speech.

INTRODUÇÃO

PROPOSIÇÕES GERAIS

A intenção inicial deste estudo é investigar a vida na ilha do Massangano, localizada a 12 quilômetros do pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA no sertão nordestino, numa abordagem sociológica do modo de vida e das relações estabelecidas entre os moradores e, entre a ilha e a sociedade regional, traçando um paralelo entre um antes e o depois, destacando o que era e como era viver na ilha, e no que hoje se apresenta, pois no momento, a comunidade passa por transformações em relação ao seu isolamento, as conseqüências da economia globalizada, a re-simbolização do espaço, do próprio modo de vida e da própria vida.

A ilha do Massangano é uma das inúmeras ilhas situadas no vale do São Francisco que sofre os impactos das transformações, ao tempo em que padece de um certo isolamento materializado até mesmo nas tradições que seus habitantes procuram conservar. Uma questão ampla e vaga, mas que induz e justifica uma pesquisa: como vive e o que é ser habitante da ilha?

Uma das reflexões que induz esta pesquisa é a construção pela sociedade brasileira de um *"novo olhar sobre o meio rural, com características positivas"* (WANDERLEY,2001:1) o que delineia a necessidade de conhecer algumas dimensões do modo de vida da ilha do Massangano. Outro aspecto relevante deste estudo é a especificidade do local: a ilha não é uma ilha. Ela mantém relações de diversas modalidades com a cidade. São amigos, parentes, comerciais (venda e compra),

educacionais, de turismo, de cultura (exportação do samba de véio- tradição cultural do lugar e dos penitentes – ritual religioso preservado nas margens e em algumas ilhas do rio São Francisco), e, sobretudo, com o poder local.

Na descrição do modo de vida desses moradores, buscou-se, inicialmente, a definição do que é ser da ilha, em um espaço que predomina o conceito de ser sertanejo – representando a luta e a força dessa gente que vive aqui no sertão - embora não sofra radicalmente com a seca como os da caatinga, aqui também se encontra um povo sofrido. Ser da ilha do Massangano significa ter a coragem de desbravar, de recomeçar todo dia, da vontade de uma gente simples, mas que trabalha e coloca o trabalho como a representação da própria vida.

Dessa forma, para submeter a realidade da ilha a um certo olhar sociológico, fixou-se uma inspiração advinda de muitos outros trabalhos bem sucedidos, como é próprio do fazer científico. Mas uma dessas inspirações apareceu mais fortemente e deve ser assim destacada: *Os Parceiros do Rio Bonito*, obra de Antônio Cândido sobre o modo de vida caipira, publicado em 1958. O que diferencia este estudo do de Cândido não é a época, mas o espaço sócio-cultural estudado é único.

As relações estabelecidas entre o povo da ilha e os habitantes das cidades do pólo são diversas e podem ser assim descritas: por um lado há bastante influência das cidades na vida dos moradores da ilha, pois os mesmos procuram ajustar-se ao que se poderia chamar de “mínimo inevitável de civilização”, expressão usada por Antonio Cândido, tais como a energia elétrica, a presença de rádio, tv, antenas parabólicas, celulares por toda a ilha. Por outro lado, os moradores procuram preservar as formas tradicionais de equilíbrio como o resgate do Samba de véio, uma das mais antigas manifestações da cultura ribeirinha que sobrevive no lugar. Conforme os

entrevistados, a importância dessa dança para a comunidade vem se firmando mais recentemente em decorrência da divulgação do grupo na mídia.

Um elenco de questões está implícito na situação acima. Destacam-se, por exemplo: como os ribeirinhos obtêm os recursos para a manutenção da vida? Atividades como pesca e agriculturas de subsistência são significantes? Quais as formas de sociabilidade presentes na comunidade? Como se dá a valorização da cultura local como forma de preservação da identidade? Como se refletem, no espaço da Ilha, as tensões entre o passado e o presente, ou seja, o antigo e o novo? Uma questão aqui a ser destacada é como o isolamento espacial e social está presente nessa tensão e como ele interfere nas condições de vida dos moradores das ilhas?

Conhecer a ilha do Massangano mais de perto significou colocar uma lente de aumento neste complexo interacional que é a dinâmica das relações do dia-a-dia deste povo. No decorrer da pesquisa descritiva constatou-se que as atividades produtivas dos moradores são o elo de ligação com o próprio lugar, um traço determinante em seu modo de vida. Em nenhum momento, o contexto (a ilha) foi ignorado. Pelo contrário, evidenciou-se que o processo de trabalho e suas representações sociais foram responsáveis pelo povoamento, como também o gerador da sobrevivência do povo. Além disso, a estrutura fundamental de sociabilidade da ilha se constitui de agrupamentos de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas.

Verifica-se uma vida social e cultural dinâmica que favorece a convivência dos vizinhos em atividades comuns. Há de se identificar, como determinante desse agrupamento, o sentimento de localidade existente em seus moradores, cuja formação depende não apenas da posição geográfica, embora na ilha

isso seja presente, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, mostrando, por assim dizer, “ *o esqueleto topográfico*”, expressão de Cândido (2001:84).

A convivência entre o povo da ilha decorre da proximidade física e da necessidade de cooperação. A obrigação bilateral é elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento. Outro elemento de definição da sociabilidade na ilha é “*a vida lúdico-religiosa – complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no povoado a sua unidade básica de manifestação*” (CÂNDIDO:2001:94). A missa, as novenas aos santos, o ritual dos penitentes propiciam a comunicação entre a comunidade.

Percebe-se, ao contrário dos agrupamentos estudados por Cândido que a ilha não apresenta, como diz Cândido, um estado de anomia. Trata-se, na realidade, de um agrupamento mais complexo de relações mais estáveis com o mundo exterior, característica de uma sociabilidade mais rica. O mínimo social e vital, aqui, ultrapassa o isolamento e a dieta da fome. A complexidade apresenta-se da seguinte forma:

a) Há o agrupamento familiar, mas há convergência de unidades vizinhas. A família é definida pela interdependência das pessoas;

b) Na sucessão de dias e trabalhos correntes notam-se subdivisões da vizinhança em nível superior ao âmbito da família, mas inferior ao âmbito do povoado;

c) Há aspectos complementares como atividades da vila, auxílio mútuo, quando se trata das partes limítrofes, mas próximas da ilha;

d) O grupo, procurando ser coeso e até suficiente a si mesmo, liga-se a uma administração central. Mais uma vez o rústico deve ser relativizado;

e) Observa-se que de acordo com o aumento da densidade demográfica, há não só o aparecimento e desenvolvimento do povoado, mas um deslocamento dos seus limites e perdas de funções.

Baseando em Cândido a ilha “é uma estrutura lábil, capaz de flutuação e, por isso mesmo, ajustada às necessidades do povoamento disperso e da ocupação do território” (2001:101). O povoamento é, predominantemente, de origem familiar. Foi iniciado por uma determinada família, que com o tempo, atraía parentes, ou os filhos casados se estabeleciam, bem como os genros, etc. “Ao fundamento territorial, juntava-se o vínculo da solidariedade de parentesco, fortalecendo a unidade de povoado e desenvolvendo a sua consciência própria” (CÂNDIDO, 2001:102), como pudemos perceber durante a pesquisa.

Ao encararmos a visão da ilha como espaço social que ocorrem movimentos de aproximação ou de afastamento onde se criam e recriam movimentos, estivemos atentos ao seu contexto e as suas inter-relações com outros lugares. Daí a pesquisa descritiva fazer uso de uma grande quantidade de dados: situações, ambientes, diálogos, reconstituídos em formas de palavras ou transcrições literais.

Dessa forma, caminhar em direção à escolha da Análise do Discurso, como forma de analisar as falas dos moradores nas entrevistas realizadas, partiu da concepção de que os textos são “*produtos de um trabalho ideológico não consciente, uma manifestação na qual o sujeito do discurso é aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia*” (MUSSALIM, 2001:110).

Baseando-se no fato de que a Análise do Discurso procura estabelecer a relação entre um discurso e suas condições sociais e históricas que permitem que ele seja produzido e gere efeitos de sentidos e não outros, ou seja, a Análise do Discurso valoriza o contexto em que o discurso é produzido, encontrando na Sociologia uma

fronteira bem próxima, pois para as duas disciplinas o “*discurso é concebido como objeto lingüístico e cultural*” (Idem: p.112).

Para melhor compreensão da leitura, este trabalho apresenta a seguinte organização: na introdução uma breve apresentação da população da ilha, sua caracterização, processo histórico de ocupação, dados demográficos e sociais atuais, os pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa.

O primeiro capítulo, com o título: percurso teórico para a ilha faz um percurso pelos autores que fundamentam o modo de vida rural, as representações sociais e a análise do discurso. Tudo que está no estudo (teoria e metodologia) é decorrente da necessidade da própria investigação. Não existiu teoria e métodos apriorísticos, mas o fazer foi quem definiu os autores e os passos da pesquisa. Por exemplo, Marx, Weber e Durkheim não dizem a mesma coisa, pois partem de pontos de vista diferentes. O interesse em resenhá-los foi, de fato, inscrever o estudo numa tradição que vem desses teóricos, que, como o próprio termo determina, são clássicos. Não se quis igualar ou estabelecer uma linearidade, mas apenas contemplá-los nas contribuições que ofereceram aos estudos sociológicos. De Antonio Cândido buscou-se a inspiração, mas, sobretudo o conceito de meios de vida, colocados neste estudo como “modo de vida”. De Cândido também se destacou a noção de trabalho, que, neste estudo, por sua importância foi buscar as formulações marxianas (o pensamento/ a escrita do próprio Marx).

No segundo capítulo, com o título “Ser da ilha” foi subdividido em três aspectos: a) a multiplicidade das atividades dos moradores, b) aspectos da vida social, c) as expressões culturais. No terceiro, a análise das entrevistas realizadas a partir de referencial teórico que valorizou as falas dos entrevistados recebeu o seguinte título: Reflexões sobre o modo de vida ontem e hoje. Esse capítulo foi subdividido em três

partes: o antes e o depois na fala dos moradores; aspectos da religiosidade e da festa na fala dos moradores e, finalmente, elementos para novas reflexões.

Quanto à parte metodológica, o critério usado para a escolha dos entrevistados se deu pelo grau de participação com o próprio lugar, tais como: alguns dos líderes da comunidade; proprietários de terras mais antigos, uma representação das mulheres e dos jovens, bem como dos idosos. Por haver uma identificação entre a pesquisadora, o local e os moradores, houve a necessidade de se manter neutra diante dos fatos expostos nas entrevistas, sem tomar partido de nenhuma situação ou conflito. Há de se destacar que esta pesquisadora realizou todas as entrevistas, transcreveu a maioria e passou a escrita para a fala popular, daí a incursão no discurso. Foi para o discurso também por achar importante as condições de produção do dizer dos moradores (a contextualização). Sem o contexto, talvez as vozes queiram dizer outras coisas.

Finalmente, antes de apresentar os pressupostos metodológicos que orientaram este estudo, procede-se à apresentação do processo de desenvolvimento do submédio São Francisco como quadro de possibilidades para o povo da ilha, estabelecendo a relação entre a caracterização do povo estudado à própria região em que se insere, destacando também a natureza teórica que envolveu o estudo até a análise das categorias utilizadas na pesquisa.

Tomamos como hipóteses os seguintes aspectos: o espaço físico e sociocultural da ilha do Massangano, no contexto das transformações ocorridas no Vale do São Francisco, trazem conseqüências para o modo de vida do povo, colocando-os em meio a um conflito entre um passado próximo e um presente complexo; Os aspectos lingüísticos, a integração grupal e a valorização das crenças tradicionais são fatores de preservação e influenciam na identidade de “ser da ilha” ; O resgate da cultura local é

uma das formas de se estar preservando as condições do meio em que vivem os moradores e a própria vida social; O processo de urbanização pelo qual passam as cidades de Petrolina e Juazeiro ainda não se encontra na Ilha, pois seus moradores vivem uma situação de graves dificuldades sem poder acompanhar as mudanças e integrar-se à nova realidade sócio-econômica da região.

Como pesquisa em sociologia, baseia-se no aspecto econômico, buscando explicações diversas para os diversos fenômenos, indo ao encontro das representações sociais e auto-representações, por meio de uma análise enunciativa das entrevistas e outras fontes que contribuíram para esta pesquisa. Trata-se, pois, de investigar modos de vida e representações em um grupo pequeno e relativamente homogêneo, um relativo que não é determinante nem causa, como um *a priori*, mas, sim, necessário à investigação. O trabalho é, portanto, de descrição e, obviamente, interpretativo, explicativo, para o qual interagem interdisciplinarmente a sociologia, a antropologia, a história, análise do discurso e alguns outros campos do saber.

Deve-se considerar, destacadamente, a atuação da história, confundida com a sociologia em tantas abordagens contemporâneas, a ciência para os teóricos do capital e seus seguidores. A história do lugar, de vidas, da terra é importante para pensar os aspectos dessa elaboração. Subjaz-se um percurso em companhia da memória, pois é por meio das falas que reconstituímos elos desta história social.

Trata-se, pois, nesta elaboração, de um estudo de campo descritivo porque descreve características, situações, pessoas, ambiente, depoimentos, diálogos; e explicativo, preocupado em estudar e explicar o modo de vida e representações sociais dos moradores da ilha, por meio de observação espontânea e entrevistas semidirigidas, realizadas entre 2002 e janeiro de 2004.

O processo de desenvolvimento da região do Médio São Francisco como quadro geral que influencia as possibilidades da ilha

Com a redescoberta do rio São Francisco, envolvendo a sua nova fase de gerador de riquezas, coloca-se em evidência o modo de vida das populações ribeirinhas, especialmente no vale do São Francisco, objeto de estudo em seus múltiplos aspectos sócio-econômicos e culturais, entre os quais podem se destacar os trabalhos de DAOU:1989; SIGAUD:1990; BLOCH:1996; LOPES:2000; SILVA:2001, entre outros.

Esses estudos sobre o submédio sanfranciscano apontam que, nas últimas décadas, houve, nesta região, um processo de mudanças radicais decorrentes da construção da barragem de Sobradinho¹ com impacto nas cidades ribeirinhas, o advento da implantação dos projetos agrícolas de irrigação cujas produções são dirigidas para os mercados internacionais, as conseqüências próprias da emigração, do crescimento populacional e estabelecimento de novas relações sociais entre os diversos atores e setores da vida social. A degradação do meio ambiente e os mais diversos problemas sofridos pelo rio São Francisco atingem a vida dos habitantes de suas margens e ilhas².

O rio São Francisco percorre cerca de 3100 quilômetros, da sua nascente na Serra da Canastra (MG) até sua foz, atravessando ou materializando a fronteira de

¹ Segundo Ana Maria Lima Daou, no texto *Uma reflexão sobre o deslocamento compulsório em Sobradinho*, entre os anos de 1972 a 1978, a CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) com a construção da barragem de Sobradinho deslocou cerca de 70.000 pessoas. Destas, 80% eram camponensas, ou seja, trabalhavam em regime de economia familiar, e viviam nas margens e ilhas do trecho onde se formou o lago de Sobradinho com 4.214 km de extensão. A formação do reservatório da hidrelétrica implicou a inundação de parte das sedes municipais e de parte do território dos municípios de Sento-Sé, Casa Nova, Pilão Arcado e Remanso (1989:1).

² O município de Petrolina possui 64,1 km de margem de ilhas com nomes os mais curiosos possíveis: ilha do Rodeadouro, do Massangano, dos Afonsos, da tapera, do coqueiro, do São Gonçalo, do jenipapo, da lagoa, do fogo, de Nossa Senhora, do carneiro, do urubu, do badeco, do combate, do cupê o vento, de Santa Luzia, do quipá, do pico, dos bois, da cachoeira, do gato, da maniçoba e ilha do salgadiço.

cinco estados: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. O “Rio da unidade Nacional” é tradicionalmente dividido em quatro grandes áreas: alto, médio, submédio e baixo. A região que mais nos interessa aqui, o submédio São Francisco, tem como principais pólos urbanos as cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), separados apenas por uma larga ponte sobre as águas do “Velho Chico”³. A faixa territorial que corresponde ao submédio São Francisco vai seguindo o rio por cerca de setecentos quilômetros.

Com os estudos realizados, verifica-se que esta região possui, há muito tempo, atrativos para receber migrantes, embora apresente uma realidade de pobreza e atraso para muitos. Sampaio citado por Lopes⁴ apresenta o seguinte fato:

A partir do final do século XIX a situação era de extrema pobreza e atraso. Não se via agricultura nem trabalho permanente. Na beira do rio, no lameiro das margens, onde a umidade resiste melhor à secura do ar, descobrem-se, às vezes, os restos de uma plantação de milho, de abóboras, de batatas doces e de mandioca, mas tudo em proporções minúsculas e muito pouco cuidadas (LOPES: 2000).

Para Andrade citado por Lopes (1997) , com a inundação do lago em 1977 muitas famílias tiveram que se retirar ou ser retiradas, perdendo lavouras e grande parte dos animais sem que fossem indenizadas. Com a implanta o da barragem de Sobradinho foi resolvido o problema da oscila o do volume de água do rio que

³ Nome carinhoso que o rio São Francisco recebeu dos barraqueiros, poetas, políticos, pintores, etc. Existem outras denominações tais como ‘ Rio dos Currais’ - dado pelos primeiros habitantes da região – e por outros autores como ‘Nilo Brasileiro’, chamado por J. V. Couto, ‘ Grande Caminho da Civilização Brasileira’, por João Ribeiro, ‘ Rio da Redenção Econ mica’, pelo ex- Presidente Médici. (Cf. BRITTO, 1995:33; PIERSON, 1972:32)

⁴ LOPES, Esmeraldo Lopes. *Opera. Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco*. Juazeiro/ BA: [s.e.], 1997. Neste livro o escritor retrata a luta do homem sertanejo vivendo às margens do Rio São Francisco, realizando uma retrospectiva da formação histórica e social desse povo.

provocava a inundação de áreas ribeirinhas, quando ocorriam enchentes na estação das chuvas, mas causou a perda da referência do espaço físico para a população, até mesmo alterou a identidade social.

Ocorreu outra situação que foi a migração de vários nordestinos para a cidade de Sobradinho/BA em busca de trabalho e melhores condições de vida. Segundo dados do relatório da Comissão Pastoral da Terra de Juazeiro /BA apresentados no livro de Bloch⁵.

A irrigação no sertão do São Francisco não se limitou à modificação da face agrária da região, mas o avanço da agricultura pode ser interpretado como uma revolução agrícola regional, modificando o valor da terra, a estrutura de classes, as relações de mercado, foi mais que suficiente para alterar os modos de vida e de produção que antes predominavam na região.

Após a construção da hidrelétrica de Sobradinho, as populações ribeirinhas passaram por um processo de mudanças significativas, já que houve a regularização dos níveis de água e assim as populações passaram a utilizar a irrigação artesanal⁶. Esse foi um dos motivos pelo qual o rio São Francisco caracterizou-se como

⁵ BLOCH, Didier *As frutas amargas do Velho Chico: irrigação e desenvolvimento no Vale do São Francisco*. São Paulo: Livros da Terra, 1996. Neste livro o autor apresenta o desenvolvimento da agricultura irrigada no submédio São Francisco, tema de grande atualidade e que vem sendo objeto de estudos que abordam aspectos os mais variados, como o crescimento populacional e econômico da área atingida pelo impacto da irrigação e a atuação de órgãos federais, como a CODEVASF e a EMBRAPA, nas transformações ocorridas na economia regional. Esta obra também discute a importância que a região do Vale do São Francisco adquiriu como exportadora de produtos tropicais oriundos da agroindústria ou apenas da agricultura, quais as modificações e adaptações ocorridas em decorrência de novas tecnologias agrícolas e os impactos causados ao meio ambiente.

⁶ A irrigação artesanal garante o sustento de muitas famílias nas zonas ribeirinhas, como também para a comunidade da Ilha do Massangano, visto que ela lança mão de pequenos motores a diesel para mover bombas que irrigam alguns hectares. A energia que ora se consome é gerada pela CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) tendo na zona rural a CERPEL (Cooperativa de Eletrificação Rural de Petrolina) como a responsável por esses serviços.

um ‘condensador de gentes’⁷ e isso se justifica em virtude da crescente procura de melhores condições de vida que populações de outras regiões do País procuraram no vale do São Francisco.

Defrontar com as dificuldades advindas das condições impostas pela barragem de Sobradinho foi uma das principais conseqüências para os ribeirinhos, como também a inadequação de seus equipamentos e técnicas para a prática da pesca no lago, já que eles necessitavam aprender a utilizar as novas técnicas e equipamentos desconhecidos e economicamente inacessíveis à maioria dos antigos pescadores. Muitos foram impedidos de continuar suas atividades em decorrência da redução da produção de pescado e da baixa produtividade das terras.

Dessa maneira, pode-se perceber a importância da história do povo da Ilha do Massangano ligada diretamente à história do povo do Vale do São Francisco que tem passado por intensas mudanças socioeconômicas ao longo das últimas décadas, alterando significativamente as cidades de Petrolina e Juazeiro, as quais passam também por um crescimento contínuo desde a década de cinquenta.

A preocupação com o futuro do rio São Francisco no que tange à sua preservação foi quase uma unanimidade entre os entrevistados: o rio está merecendo cuidados urgentes e os moradores estão atentos para essa preservação até mesmo por uma questão de sobrevivência, já que ele é parte do imaginário do povo da ilha, extensão de suas próprias vidas.

Em sua obra Lopes (2000) acrescenta que os técnicos e o Governo não se preocuparam em dar continuidade a algumas atividades da região como a navegação

⁷ Afirmação feita pelo antropólogo Donald Pierson em seu estudo realizado nos anos cinquenta e publicado em 1972 pelo Ministério do Interior e pela Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), hoje conhecida por CODEVASF sobre o meio e a vida do homem no Vale do São Francisco.

e a pesca na construção da hidrelétrica. Houve muitos problemas a esse respeito e a população diante das dificuldades surgidas deixou de exercer tais atividades. Esses dados são comprovados nas falas dos moradores da Ilha, os quais intercalam o relato de suas lembranças com a tristeza de terem desistido de realizar suas antigas práticas da pesca, do comércio de compra e venda de produtos, do trabalho como barqueiros ao longo do rio.

Na fala dos jovens, muitos se recordam da época em que os pais trabalhavam em barcas, realizando a venda de produtos ou tendo a pesca como principal atividade. Os mais velhos relatam essas informações numa mistura de saudosismo, revolta, pois a mudança de ocupação deveu-se à falta de condições em manter as tradicionais atividades econômicas. Outro aspecto comentado por Lopes (1997) foi o prejuízo que a população ribeirinha, vivendo à jusante da Barragem sofreu em relação à cultura tradicional de vazante, pois as enchentes e as vazantes perderam os ciclos naturais das águas.

A partir das transformações nos anos setenta e oitenta, tem-se hoje no vale do São Francisco um espaço, antes nomeado como "áreas pouco exploradas". Essas áreas conhecidas como zona ribeirinha antiga, destinadas quase exclusivamente à criação de gado, são caracterizadas como uma nova zona ribeirinha. Algumas ilhas e margens do rio são uma extensão dessa zona, por apresentarem uma nova estrutura de exploração: bares, mercearias, serviços de lazer, restaurantes; atividades agrícolas e não-agrícolas. Daí perceber um grande interesse em torno dessa área ribeirinha, bem como a valorização de terras com a chegada da especulação imobiliária, construção de chácaras. Tudo isso faz parte das transformações operadas sob o pretexto do desenvolvimento.

Mesmo que as mudanças tenham um significado social e econômico para a região do vale do São Francisco, verificam-se as conseqüências geradas como a degradação ambiental e econômica do povo que vive à margem do rio, também a desestruturação familiar e social das pessoas que, por diversos fatores, perderam suas terras e agora, passam a ser empregados nelas, perdendo assim o status anterior e por fim a perda de sua própria identidade⁸.

Para Silva⁹ (2001), o pólo Petrolina/Juazeiro, na década de 90, foi marcado por novos investimentos na produção de frutas realizados por grandes grupos empresariais brasileiros, além de outros investimentos advindos do Estado, em suas instâncias nacional e subnacional. Para este pesquisador, *houve uma conformação do complexo frutícola da região no contexto da instabilidade macroeconômica e de crise do Estado*” (Silva, 2001:97).

A expansão da irrigação no submédio São Francisco alterou a dinâmica agrária da região. Antes dos projetos de irrigação, da energia elétrica, o cultivo era feito carregando-se latas d'água para molhar as plantas. Dessa forma, houve um processo de modernização intenso, tendo como traços marcantes a incorporação de níveis elevados de tecnologia e a transformação nas relações de trabalho.

⁸ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989. Nessa busca de identidade e especificidade dos ribeirinhos em um contexto de diversidades, é possível pensar naquilo que Pierre Bourdieu chamou de “poder simbólico ou de campo de luta simbólica”, compreender a luta pela identidade do ribeirinho e sua inclusão no real, ou seja, a representação do real, mais exatamente, a luta das representações, no sentido das imagens mentais e também das manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais.

⁹ SILVA, Pedro Carlos Gama da. *Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina- PE/ Juazeiro -BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas*. Tese (Doutoramento em Economia) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Economia, Campinas, 2001. O estudo realizado pelo autor propõe uma análise das relações de interesses públicos e privados que foram os responsáveis pelo crescimento da fruticultura irrigada mostrando as transformações ocorridas no pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA. O autor conclui seu trabalho mostrando que a governança setorial, voltada para a exportação, restringiu-se a poucos produtores e empresários, propondo, por fim, medidas de indução externa do Estado para a reorganização das cadeias de qualidade de abastecimento alimentar, bem como a estruturação da governança setorial local.

Paradoxalmente a tal desenvolvimento, em muitos locais na região do pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA como, por exemplo, as ilhas, não há ainda desenvolvido o processo de acompanhamento sistemático para o agricultor que cultiva o feijão, a cebola, o arroz, as hortaliças, paralelamente às culturas do maracujá, goiaba, manga.

Uma disputa ocorrida em relação à posse das ilhas entre os governos do estado de Pernambuco e do Bahia, pois os dois governos, além dos grandes fazendeiros, tinham interesses nessas terras para serem usadas também como reduto para o gado nos períodos de seca. A ilha do Massangano, por exemplo, pela facilidade de acesso e por causa da localização ficou pertencendo ao estado de Pernambuco. Em relação à outra ilha, a do Rodeadouro, existe uma cooperação e parceria entre os governos municipais de Petrolina e Juazeiro o que tem trazido benefícios para os moradores do Massangano que trabalham nesta ilha. A ilha do Rodeadouro não foi nosso objeto de estudo, mas mantém estreita relação com a comunidade da ilha do Massangano como pode ser observado na leitura deste trabalho.

A População da ilha

Sabe-se que os primeiros registros oficiais da população da ilha do Massangano datam de 1830, possível início da povoação do lugar. O nome da ilha, segundo seus moradores, foi dado por um antigo fazendeiro de nome João do Massangano. Esse sobrenome pertencia a uma família proprietária da maioria das terras nessa área.

Com a construção da hidrelétrica de Sobradinho¹⁰, obra iniciada em 1973 e concluída em 1977, muitas ilhas foram submersas, mas no caso específico da ilha do Massangano que fica à jusante da barragem isto não ocorreu. Pelo contrário, a ilha foi favorecida pela regularização do leito do rio, permaneceu com uma boa área de terra o que possibilitou ainda a cultura de hortaliças, cebola, mandioca não apenas na época da vazante. Com a relocação da população que vivia próxima ao lago de Sobradinho, algumas famílias vieram residir na Ilha do Massangano por não terem para onde ir ou por não desejarem ser reassentadas em lugares distantes de parentes e amigos. Dessas famílias, uma delas possuía terra no lugar – herança de familiares – daí aproveitar a situação e ficar no lugar - plantar, construir uma nova vida.

Dessa forma é que a história do povo da ilha do Massangano, como os moradores preferem ser chamados, é uma história de agricultores, sertanejos e relocados da barragem de Sobradinho que lá chegaram há mais de 30 anos e agora em 2004 são considerados “gente do lugar”. Segundo os próprios entrevistados, não importa se eles vieram de Itacuruba, Ouricuri, Santa Maria da Boa Vista, localidades do Estado de Pernambuco ou de muitos outros lugares, o que interessa hoje é “ser da ilha” – uma nova identidade construída a partir de reelaborações e reassimilações do passado e do presente.

¹⁰ A barragem de Sobradinho foi considerada uma obra imprescindível para a irrigação e o desenvolvimento do Nordeste, mas para alguns pesquisadores, Sobradinho não afetou apenas a população que vivia na área de formação do lago, porém toda a população beiradeira que vivia à sua jusante, bem como a ecologia que sofreu um forte impacto (LOPES, 1997:227).

Processo Histórico de Ocupação

Para melhor localização do espaço onde se localiza a ilha, faz-se relevante compreender o processo de colonização do sertão nordestino, integrado à colonização portuguesa em virtude do crescimento populacional que levou à busca de terras no sertão para a criação de gado que seria necessário para o trabalho nos canaviais e para o abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento, como Salvador/BA e Olinda/PE (ANDRADE,1998).

Por isso, o interesse de Garcia d'Ávila e seus descendentes – os quais constituíram a famosa Casa da Torre – de possuir terras, inclusive às margens do rio São Francisco para criar gado. Com seus vaqueiros, eles estabeleceram currais na margem esquerda do Rio São Francisco ocupando grande parte dos sertões de Pernambuco e Piauí.

Segundo Andrade (1983:39), “nos anos cinquenta e sessenta, o grande proprietário de terras, pecuarista por excelência, fornecia a terra aos agricultores sem terras a fim de que eles a cultivassem recebendo como renda a “palha”, o restolho das culturas”. Essas propriedades baseadas em documentos de sesmarias ou em contratos de arrendamento eram conquistadas muitas vezes, à força, sem apoio das autoridades distantes (Idem,p.39). Esta situação perdurou nesta região após a construção da hidrelétrica.

Até a primeira metade do século XX, um dado significativo sobre a agricultura praticada em áreas úmidas das margens do São Francisco, é que apesar de sua fertilidade, foram pouco utilizadas para agricultura - *praticada de forma bastante rudimentar e restringia-se ao plantio de milho, abóbora, batata-doce e mandioca – culturas herdadas da tradição agrícola dos índios* (LOPES,2000:93).

O desenvolvimento da agricultura sertaneja também foi o responsável pelo povoamento no vale do São Francisco, inclusive, com início da atividade agrícola contemporâneo do desbravamento do interior e da criação de gado. Nesse sentido Andrade¹¹ (1998) afirma que existiram muitos transtornos, pois as áreas cultivadas eram pequenas, limitadas por cercas e pela grande distância do sertão para o litoral, fazendo com que os preços dos gêneros alimentícios aumentassem após chegar aos locais de venda. Daí ter como opção, muitas vezes, a utilização dos espaços das ilhas para criação de animais e para o plantio, mesmo sem os recursos necessários para isso.

A criação de gado pelos vaqueiros, a plantação de cebolas, arroz, hortaliças e a pesca foram as primeiras formas de ocupação dos moradores da ilha. Atualmente, a prática de criação de animais como ovelhas, carneiros, porcos, galinhas, gado é paralela à plantação de hortaliças e frutas, principalmente, a goiaba e o maracujá, atividades que garantem condições mínimas de subsistência. Por serem atividades que garantem apenas o mínimo de subsistência, alguns moradores partem para a busca de empregos nas zonas ribeirinhas e nas cidades, fazendo o retorno no fim do dia. Isso não apenas dá lugar a reações culturais, mas origina novos tipos de comportamentos que se tornam necessidades derivadas, ligadas àquelas.

“No século XVI, os currais de gado se estendiam pela margem direita do rio São Francisco apontando que o homem branco chegava com gado, escravos, agregados e se instalava nas ribeiras mais férteis, construía casas, levantava currais de pau-a-pique e soltava o gado no pasto” (ANDRADE,1998). Esses vaqueiros foram os

¹¹ Andrade, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. Para este autor, o cultivo da agricultura ocupava pequenas áreas uma vez que era feita visando ao abastecimento da população de cada “curral” e nos locais mais úmidos e mais favoráveis (1998:174), pois era uma das atividades importantes em áreas como o leito do rio São Francisco e seus afluentes, à proporção que o baixar das águas deixavam descobertas as ‘praias’ e ilhas; eram, portanto, culturas de vazante. Os produtos mais cultivados eram a mandioca, o milho, feijão, algodão e, às vezes, a melancia e o melão.

primeiros moradores da ilha. À medida que se iniciava a atividade agrícola e o desbravamento do interior com a criação de gado, eram utilizados o leito do Rio São Francisco e seus afluentes e à proporção que as águas baixavam, deixavam descobertas as “praias” e ilhas.

Uma das formas de ocupação da ilha foi por arrendamento, pois os moradores não tinham títulos de propriedade, assim se agregaram à comunidade em formação. Outras ocupações ocorrem por habitantes das duas cidades, Petrolina e Juazeiro, residentes temporários. Alguns são proprietários de terra na ilha, mas vivem e trabalham nas cidades e vêm, geralmente, nos fins de semana.

Outra forma de ocupação dos espaços da ilha foi pela chegada de agricultores que vieram para trabalhar, plantar cebola¹², a mandioca (macaxeira) ou cuidar do gado, primeiras atividades agrícolas da ilha nas terras de parentes, de heranças dos familiares. Depois, os demais familiares chegaram com o objetivo de fazer visitas, aos parentes: irmãos, tios, conheceram os jovens que já estavam trabalhando no lugar, começaram a namorar e “foram ficando”, constituindo, assim, novas famílias. Evidencia-se com isso que a formação das famílias se baseia nos laços de parentesco, de amizades e compadrio construídas ao longo dos anos.

Dados Demográficos e Sociais Atuais

Segundo dados do último IBGE (2000), a população da Ilha é formada por 150 famílias numa extensão de 5 km. Alguns desses migrantes, atuais moradores da

¹² Desde os meados da década de 60, os agricultores locais preferiam plantar cebola em virtude da grande demanda do mercado do Centro-Sul e pelos retornos financeiros oferecidos, embora a produção local concorra com a produção de numerosos estados do Brasil (ANDRADE,1998).

ilha, vieram de outras áreas ribeirinhas do Rio São Francisco, como de Orocó, Santa Maria da Boa Vista, Itacuruba, localidades do estado de Pernambuco e de outros lugares, por diferentes motivos, entre os quais a relocação da barragem de Sobradinho já que, após a construção da hidrelétrica, muitos perderam suas ilhas, pois seus lugares de origem foram inundados e por isso vieram para esse local.

Entre 2001 e janeiro de 2004, época da realização da pesquisa, existiam poucas mulheres trabalhando como empregadas em fazendas próximas ou como garçonetes, cozinheiras na ilha do Rodeadouro.

Atualmente, os jovens buscam empregos em fazendas próximas à zona ribeirinha. Para os moradores, as fazendas de fruticultura e de lazer proporcionaram empregos para a comunidade que vive sem ter oportunidades de trabalhos; no entanto, eles estão sujeitos às intempéries desses locais o que determina a contratação em épocas determinadas, apenas por alguns meses.

Em suas falas gravadas, esses jovens entrevistados manifestam o interesse em frequentar um curso universitário ou mesmo passar em concurso público, pois as oportunidades de trabalho na ilha ainda são restritas. Por isso, ir para a cidade representa a oportunidade de mudar de modo de vida, de participar da vida urbana, ainda que isso represente a submissão a um sistema que explora de maneira avassaladora a força de trabalho.

Pressupostos Metodológicos

O propósito do estudo foi desdobrável em outros tais como: conhecer aspectos da vida sócio-cultural da vida do povo da ilha, como produzem suas condições materiais de sobrevivência, quais as relações sociais constituídas e suas implicações nas

práticas cotidianas; verificar como é produzida e estruturada a identidade sociocultural desses habitantes, as trocas simbólicas, verificando quais os fatores que influenciam a transformação das condutas; aprofundar os conhecimentos na tentativa de reconstruir, por meio das falas, as representações sociais sobre o lugar e seus habitantes; compreender como se organiza a vida na Ilha do Massangano e quais as influências e interferências externas nesse modo de vida; destacar aspectos sócio-históricos da comunidade, relacionados a uma anterioridade e ulterioridade temporais e espaciais ligadas ao crescimento agrícola, social e econômico da região; observar a relação do homem com a terra e com o trabalho, principalmente perceber quais suas condutas em relação à ocupação da terra e apropriação da natureza por outros costumes e pela cultura dos que vêm de fora.

A realização da pesquisa ocorreu entre os meses de dezembro de 2002 a janeiro de 2004. Sempre em visitas às casas dos moradores da ilha. Na escolha dos informantes foram levados em consideração os seguintes aspectos: a) residentes ou proprietários de terra na Ilha; b) filhos, parentes que freqüentam a ilha nos finais de semana; c) pessoas que exerceram alguma atividade profissional na Ilha durante algum tempo; d) alguns visitantes e autoridades municipais de Petrolina. Trabalhamos com o modelo de entrevista semi-estruturada, na qual consistiu de perguntas definidas, mas abertas, que ao mesmo tempo permitia-nos a introdução de novas questões visando acompanhar o desenvolvimento ou o aprofundamento do discurso dos informantes.

Para a coleta de dados, foram utilizadas diversas técnicas: registro etnográfico das atividades dos moradores e seus rituais; registro fotográfico de eventos e cenas da vida cotidiana, registro em fitas magnéticas das histórias de vida dos moradores, das histórias sobre as primeiras ocupações da ilha, a origem do povo e muitos outros fatos que mostravam os meios de subsistência do povo. A opção por esse

instrumento deveu-se a uma aproximação mais direta com os moradores e até mesmo pelo tipo de proposta que impulsionou essa investigação.

Foram realizadas trinta e quatro entrevistas para que pudéssemos coletar dados pertinentes à análise interpretativa. Tais entrevistas buscaram atingir o lado subjetivo dos indivíduos, as suas representações da esfera simbólica e do real e, para tanto, consideramos, também, a linguagem, a expressão livre, a informalidade.

Os informantes falavam espontaneamente seguindo a linha de pensamento e experiências a partir dos questionamentos feitos o que nos possibilitou obter dos entrevistados os aspectos mais relevantes sobre o seu modo de vida, suas opiniões sobre o lugar onde vivem. A entrevista semi-estruturada caracteriza-se pela abertura à profundidade do discurso. Visando realizar um levantamento sobre o lugar, o modo de vida das pessoas, suas aspirações, sonhos, os relacionamentos construídos, a sociabilidade entre as famílias que vivem na ilha, estabeleceram-se alguns dados concernentes à caracterização do povo, considerando-se aspectos econômicos, faixa etária, tempo de residência, trabalho, parentesco e outras variáveis.

Em todas as fases do trabalho, fizeram-se presentes as contribuições de teóricos importantes ligados aos temas sociológicos, bem como historiadores e estudiosos sobre a região do São Francisco. Destacamos a presença de Marx, Giddens e Cândido, nas questões mais profundas sobre o trabalho, o fazer sociológico e uma maneira especial de observar o grupo rural, nessa parte, buscamos também os estudiosos da sociologia rural, que tem, entre nós, Wanderley como uma representante. Buscamos, também, os estudos da análise do discurso para agirem no tratamento dos dados.

Retornando a Antonio Candido, localiza-se um aspecto da vida social (os modos de vida), considerado como tema sociológico e como problemática social,

pesquisando a comunidade com suas diversas atividades políticas, religiosas, recreativas, administrativas, econômicas etc., não hesitando em situar o grupo na perspectiva histórica e na complexidade do que é o município e a região.

O trabalho de campo desenvolveu-se ao longo do mestrado em decorrência das constantes visitas à comunidade nos fins de semana, já que ela está localizada a apenas alguns quilômetros do centro urbano de Petrolina e por possuir uma relação de convivência e vizinhança entre os moradores, pois minha família possui um pedaço de terra no lugar. Durante as visitas às casas dos moradores, contamos com a disponibilidade e confiança das pessoas com as quais fizemos entrevistas tanto na hora das refeições, de descanso ou mesmo no meio de seus trabalhos. Dessa forma, pudemos participar do dia-a-dia desse povo ribeirinho, dos vários momentos de suas vidas, rituais, acompanhando-os em seus afazeres na roça, em seus ritos religiosos (novenas, missas, a quaresma), nas longas caminhadas por toda a ilha, nas conversas no terreiro em tardes quentes e acolhedoras.

Na visão das Ciências Sociais, as representações sociais explicitam a estreita relação entre as produções mentais e as dimensões materiais e funcionais da vida dos grupos. As representações sociais como uma forma de conhecimento: dizem respeito à dimensão cognitiva e como produto social, esse conhecimento deve ser analisado, observando-se como contraponto ou complemento o contexto social em que emerge, circula e se transforma.

Esse contexto de produção e circulação das representações sociais apresenta-se nos estudos empíricos tanto pela análise de situações sociais complexas – como é o caso da nossa pesquisa – ou focalizando sujeitos, atores socialmente definidos. Nos dois casos a localização social dos sujeitos deve transcender o

agrupamento das diversidades quanto ao nível educacional, econômico ou de classe social.

No respeitante à integração das representações sociais no corpo deste trabalho, abordam-se as mesmas em um contexto real focalizando um grupo social específico de modo a verificar as condições de produção e de atualização dessas representações, o seu funcionamento e função, as eficácias e transformações mediante o saber do senso comum articulado entre os moradores da ilha.

Para cumprir esse alvo, no aspecto metodológico, buscamos uma aproximação com o uso da abordagem etnográfica. Sabemos que a pesquisa etnográfica e a etnometodologia podem contribuir sobremaneira para a investigação nos diversos campos das ciências sociais. Falar de pesquisa etnográfica não quer dizer que devamos entendê-la como uma receita mas discutir encaminhamentos e procedimentos que efetivamente cumpram uma função de observar, descrever e explicar os fenômenos ligados à sociedade - isso quer dizer que nos interessa desse tipo de pesquisa o seu vínculo ao cotidiano – e às falas, a língua viva em produção dos moradores da ilha.

Outra característica importante nesse estudo é a ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou resultado finais. Existe a preocupação com a significação, com a maneira própria com que as pessoas vêem a si mesmas, a sua experiência e o mundo que as cerca. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes, uma vez que o uso das entrevistas semidirigidas teve como objetivo a apreciação de aspectos sócio-culturais e vivenciais dos moradores da ilha. Nessa etapa é que propomos a análise do discurso, para melhor verificar as falas.

A investigação da produção discursiva dos moradores da Ilha do Massangano apresenta como corpus um conjunto de textos de gêneros formal e funcional, produzidos por sujeitos empíricos em uma determinada cenografia histórica.

Trata-se, pois, de um trabalho interdisciplinar que contempla, também, os estudos da linguagem e que busca, de fato, exercê-la em sua constituição, observando, sempre, que a teoria faz-se importante, sobretudo, na medida em que possibilita uma prática que deverá realimentá-la. Os pressupostos e procedimentos da análise do discurso ao qual esse estudo busca contribuições advêm da articulação de algumas práticas desenvolvidas por estudiosos da linguagem, muitos dos quais se dedicam a análises de textos.

Será desenvolvida a análise de *corpus* mediante procedimentos, baseados em noções, temas e categorias previamente estabelecidos. Verificar-se-á o "jogo enunciativo", utilizando-se o mecanismo do seqüenciamento - sem jamais perder de vista a unidade textual - procurando a análise no nível do enunciado ou conjunto de enunciados que se imponham como pertinentes a nossos objetivos. Dar-se-á, pois, uma seleção de segmentos que apresentem determinados temas, observando-lhes as regularidades.

Para dar conta da análise pretendida, trabalha-se, inicialmente, na formação de seqüências textuais e discursivas, destacando as possibilidades da verificação de elementos da enunciação. Da superfície textual é que emergem suportes para o nível interdiscursivo. Seqüências discursivas são aquelas orais ou escritas de dimensão superior à frase, ou seja, são seqüências lingüísticas nucleares que possibilitam a descrição e análise do relacionamento da co-discursividade e da co-textualidade, como os fatores textuais, e ainda o funcionamento dos enunciados definitórios, dos enunciados conclusivos e os mecanismos da citação, que estabelecem o contexto da prática discursiva e, conseqüentemente, da interdiscursividade.

As seqüências discursivas demonstram um relacionamento interdiscursivo e também um relacionamento intradiscursivo sustentando textualmente

o mesmo discurso ou expondo relações extradiscursivas. No plano textual, comparativamente a outros textos, queremos observar certas regularidades e recorrências que muito se aproximam de fenômenos citativos. Busca-se, a interação entre vozes, pois o discurso não é repetível de qualquer maneira. Ele obedece a regras de reformulação. Observe-se, também, que há as condições de produção e o espaço onde é produzido.

A produção do discurso dos moradores apresenta uma forma de argumentação que utiliza uma lógica dedutiva de causa e efeito, tendo uma posição defensiva e uma tendência social de conformidade, procurando produzir linearidade, homogeneidade e unidade no discurso. Desta forma, para verificar as hipóteses do trabalho será necessário a desconstrução do discurso produzido, no sentido de perceber as contradições e as múltiplas causalidades.

Para tanto, utilizamos os seguintes procedimentos para análise: leitura atenta às respostas dadas por cada entrevistado; desconstrução do discurso original, segmentando-o para análise; leitura atenta de cada segmento, sublinhando as idéias que se apresentam interligadas aos eixos norteadores, hipóteses, questões básicas e objetivas; realização de correlações entre informações para possíveis agrupamentos, relações e contradições entre falas; articulação dos dados empíricos com estudos teóricos realizados e estabelecimento de relações entre o dizer e as condições de produção, reconstituindo cenografias, historicidade e formas sujeito; reflexão sobre a realidade dos moradores da ilha elaboração do relato final.

CAPÍTULO I

PERCURSO TEÓRICO PARA A ILHA

1.1 - Fontes Sociológicas para um Percurso

Para desenvolver um estudo sobre a re-significação do espaço de uma ilha, devem-se retomar pontos que envolvem o inter-relacionamento entre as Ciências Sociais, o rural e a agricultura, numa abordagem eminentemente interdisciplinar que aponte para o modo de vida dos moradores. Trata-se de uma visão de Ciências Sociais que, além da teoria, vem sendo modificada pela experimentação de possíveis soluções para os problemas investigados.

Cabe ao pesquisador dar continuidade às observações dos problemas constatados e acrescentar novos problemas que surgem durante a investigação, buscando analisar o seu objeto e atingir a finalidade do estudo a que se propõe realizar. Sobre esse fazer, são importantes as palavras do sociólogo, quando diz que *“o cientista social tem a capacidade de demonstrar que, na realidade, somos movidos por causas que não temos a menor consciência. O papel das Ciências Sociais seria, portanto, o de revelar formas de causações que os atores ou protagonistas ignoram”* (GIDDENS, 1996:98). Com isso, o autor parece querer afirmar a necessidade de desvelamento de certas práticas sociais cotidianas. Não se trata, propriamente, de uma não-consciência, mas despreparo para as explicações racionais sobre os fenômenos.

Os estudos sociológicos sempre destacaram, de alguma maneira, as contribuições de suas filiações. Os estudos de pensadores como Marx, Durkheim e Weber continuam como referências, mesmo que implicitamente, nos trabalhos sobre fenômenos que se produzem nas relações de grupos entre seres humanos. Derivam, em alguma medida, desses pensadores, as grandes teses em Ciências Sociais. É assim que fazendo a transição da noção de fundadores para a noção de clássicos, que se afirma que todas as disciplinas intelectuais têm fundadores, mas apenas as Ciências Sociais têm a tendência de reconhecer a existência dos “clássicos”: *Os clássicos são fundadores que ainda falam por nós com uma voz que é considerada relevante. Eles não são relíquias antiquadas, mas podem ser lidos e relidos com proveito, como fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas* (GIDDENS, 1998:15). A co-presença dos três pensadores é parte constitutiva deste trabalho, na medida em que ele presentifica o grupo, a economia e a cultura. Em *Política, sociologia e teoria social*, Giddens procura demonstrar a importância de algumas correntes sociológicas que destacaram tais clássicos – Parsons, por exemplo – retomando-os criticamente, traçando uma discussão sobre a sociologia desde o século XIX, chegando, inclusive, a dialogar com Habermas sobre o conceito de trabalho, muito importante para o estudo ora apresentado. Os clássicos estão, de muitas maneiras, algumas mais evidentes que outras, relidos pelos diversos autores que dão sustentação teórica e metodológica para esta reflexão. Isso quer dizer que são várias as nossas inspirações, advindas, também, de estudos pioneiros sobre sociedade brasileira, como os de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Nice Muller e Lia Fukui e outros, em suas diversas abordagens do rural¹.

¹ Para Pereira de Queiroz, na apresentação do estudo de Lia Freitas Garcia Fukui, *Sertão e bairro rural* (Ática, 1979), diz que o mesmo relaciona os estudos de Nice Lecocq Muller, “Sítios e sitiantes do Estado de São Paulo”

Este trabalho visa, portanto, uma pesquisa sobre o modo de vida da ilha do Massangano, quer pela observação direta, quer, principalmente, pelas falas de seus moradores. A inspiração sobre esse fazer, coloca-nos diante de um estudo sociológico de grande importância para os estudos das Ciências Humanas no Brasil. A obra *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* apresentou-se, desde que se nos apareceu, contribuindo em possibilidades para pensar o viver na ilha, ressaltadas as diferenças que a regionalidade e o contexto temporal possam imprimir aos estudos sociológicos. A sua forma de olhar o homem rural é, de fato, o que mais serviu como fonte para as nossas reflexões.

Apesar do caráter acadêmico, e da posição política ter sido apenas esboçada no fim, talvez este trabalho ainda tenha algum interesse para os que acham que a reforma das condições de vida do homem brasileiro da campo não deve ser baseada apenas em enunciados políticos, ou em investigações especialmente econômicas e agrônômicas; mas também no estudo da sua cultura e da sua sociabilidade (Cândido, 2001:14).

Com este dizer, o autor estabelece as bases dos seus estudos que, de fato, podem apresentar contribuições para descrever e analisar “comunidades” rurais. O rural da ilha do Massangano apresenta algumas especificidades que se distanciam das características dos caipiras paulistas; mas vemos aparecer traços dispersos na análise do povo bandeirante, que contribuem para um olhar sobre os moradores da ilha.

O estudo sobre o “caipira”, que, na realidade, procura dar conta de diversas faces dos meios de vida, afirma-se, como influenciado intelectualmente por Marx e *A Ideologia Alemã*. Ressalta, ainda as contribuições de autores como Redfield, Richards, Malinowski e Lévi-Straus, muitos dos quais publicados ainda na primeira década do século

(FFCL/USP, 1951) e de Antonio Cândido, *Parceiros do Rio Bonito* (José Olympio, 1964): “Sua pesquisa se coloca em sua continuidade, porém constitui um passo à frente em nova direção”.

passado, na área de antropologia e etnologia, fixados em modelos empiristas, funcionalistas, estruturais e descritivos de povos primitivos. O modo de vida que nos interessa retoma, sim, os meios de vida de Cândido, mas está ligado às diversas dimensões de um viver na ilha que se traduz por múltiplas formas da existência do grupo analisado.

É importante observar que as influências de Cândido são, de certa maneira, antropológicas. E, mais ainda, são convocadas as contribuições tanto dos estudos das personalidades culturais e dos processos de difusão, contato e traços interculturais; dos estudos da organização dos sistemas sociais e dos estudos dos sistemas de representações. Percebe-se, também, uma tendência a pensar, como Radcliffe-Brown, uma sociologia muito próxima da antropologia social, cujos antropólogos, diferentemente de Mauus, defendiam como fazendo parte dos estudos sociológicos e ligados mais especificamente às sociedades primitivas. Trata-se de uma visão não compartilhada por todos os estudiosos, mas que parece servir ao objetivo dos estudos sobre o caipira. É por isso que o autor apenas afirma a inspiração intelectual marxista.

Essa influência é que dá ao estudo de Cândido a dimensão interdisciplinar entre sociologia, antropologia e história, o que apareceu como um certo pioneirismo, naquele momento em que produzia uma obra considerada clássica na bibliografia sociológica brasileira. Uma dimensão histórica que poderia abranger todos os aspectos do estudo e também destas reflexões que aqui apresentamos.

Neste passo, temos um exemplo de como combinaram aqui orientações do sociólogo – buscando dados históricos e estatísticas – com as do antropólogo – reconstituindo por meio de poucos informantes, reputados significativos numa sociedade relativamente homogênea. Como sabemos, nas sociedades rústicas, menos embora que nas primitivas, é acentuada a homogeneidade dos indivíduos, principalmente se nos colocarmos do ponto de vista dos padrões ideais. Daí a possibilidade de conhecermos o passado pela tradição de alguns

informantes escolhidos, e o presente pela análise de pequenos agrupamentos (Cândido, 2001:23).

Embora as discussões não sejam as mesmas, nem tampouco as influências datadas, principalmente no que se refere aos estudos sobre *folk-culture*, não se pode dispensar a sistemática teórica e metodológica que o estudo desenvolve. O autor se propõe a localizar um aspecto da vida social – a obtenção dos meios de vida e as transformações – considerado não só como tema sociológico, mas também como problema social. Daí a interdisciplinaridade, daí a crítica sociológica da época.

Dirá, ainda, que esse modo de olhar advém da convicção de que *os fatos se tornam problemas conforme a perspectiva do pesquisador, e que não é possível desconhecer a implicação prática das investigações metodologicamente conduzidas* (CÂNDIDO, 2001:25). Cândido revela, também, que procurou determinar unidades mínimas da vida econômica e social, em que as relações encontram um primeiro ponto de referência; que considerou os demais aspectos do município e que situou o grupo estudado na perspectiva histórica e da vida rural e que, mesmo quando pensava em um sujeito empírico, era o grupo que recompunha a abstração. Sobre a cultura (sociedade) rústica e cultura (sociedade) caipira, o autor esclarece que se verificam os critérios étnicos da primeira e os aspectos culturais da segunda.

Uma das noções esboçadas por Cândido é a de grupo, colocada aqui com a seguinte formulação:

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem

satisfeitas. São estas, portanto, o verdadeiro ponto de partida, todas as vezes que o sociólogo aborda problemas das relações do grupo com o meio físico (Cândido, 2001:29).

Adianta-se, com isso, o que se propõe como “meios de vida”, o que confere a dimensão sociológica do estudo. Para essa visão, as sociedades se caracterizam, primeiramente, pela natureza das necessidades de seus grupos e os recursos de que dispõem para satisfazê-las: *Com efeito, as necessidades têm um duplo caráter natural e social, pois se a sua manifestação primária são impulsos orgânicos, a satisfação destes se dá por meio de iniciativas humanas, que vão-se complicando cada vez mais, e dependem do grupo para se configurar* (CÂNDIDO, 2001:29).²

Parte daí a compreensão da vida social a partir da satisfação das necessidades, mostrando, de um lado, “*que a obtenção dos meios de subsistência é cumulativa e relativa ao equipamento técnico; de outro, que ela não pode ser considerada apenas do ângulo natural, como operação para satisfazer o organismo, mas deve ser também encarada do ângulo social, como forma organizada de atividade*” (CÂNDIDO, 2001:30).

Na leitura de Cândido, esse modo de produção não deve ser considerado apenas reprodução da existência física dos indivíduos; ele já é uma espécie determinada da atividade destes indivíduos, uma determinada maneira de manifestar a sua vida, uma determinada maneira de viver destes indivíduos.

² Essa visão de grupo e sociedade é respaldada em Marx, em suas Obras filosóficas que, ao recusar a dicotomia homem-natureza, ou natureza e cultura, dirá, citado por Cândido (2001: 30): “Conhecemos uma única ciência, a ciência da História. A História pode ser encarada de dois lados e dividida em História da Natureza e História dos Homens. Mas os dois lados não podem ser separados do tempo; enquanto houver homens, a História da Natureza e a História dos Homens se condicionarão reciprocamente”.

Essa “maneira de viver” é o fato, relacionado à subsistência, visto por Malinowski como uma das “molas da cultura”, situado já no terreno institucional. É a partir desse antropólogo funcionalista que se completa a formulação inicial de Cândido, para quem a obtenção, para cada grupo, do equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio depende dos tipos de organização que desenvolver nesse sentido. Para tanto, cita dois tipos de ajustamento: 1) a descoberta de soluções que permitam explorar o meio físico para obter recursos de subsistência; 2) o estabelecimento de uma organização social compatível com elas. Baseia-se em Goodfellow para quem *o homem não precisa apenas de comida, mas de uma organização para obter comida*.

A importância conferida a Malinowski dá-se por conta da sua obra, que propõe uma etnografia dedicada à investigação do presente a partir de métodos funcionais, o seu caráter empírico – observação direta de uma determinada sociedade – e indutivo, privilegiando o estudo da organização dos sistemas sociais em detrimento do estudo dos comportamentos culturais dos indivíduos. Destacam a coesão das instituições, o caráter integrativo da família, da moral e, sobretudo, da religião, em clara referência a Durkheim, para quem o antropólogo é que deve descobrir as leis de funcionamento da sociedade.³

Uma das contribuições que parecem também visíveis no estudo de Cândido, é a própria abertura das fronteiras dos estudos disciplinares, fazendo aparecer, dentre outras, as contribuições de Malinowski. A sobrevivência, nessa forma de olhar, quer dizer que há a

³ Malinowski dominou a cena antropológica de 1922 a 1942, sendo um dos primeiros a conduzir cientificamente uma experiência etnográfica. Radical no trabalho de campo, buscava compreender por dentro o que sentem aqueles que pretendem a uma cultura que não é a deles. Afirmava, indo de encontro aos estudos americanos, que a partir de um único costume, ou mesmo de um único objeto aparentemente muito simples, aparece o perfil do conjunto de uma sociedade, considerando que esta deve ser estudada enquanto uma totalidade, tal como funciona no momento mesmo onde é observada. Dedicar-se, pois, ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura (Laplantine, 1994:83).

necessidade que pode ser pensada, como quer Malinowski, e que é retomada por certas análises que contemplam uma visão marxista da sociedade. O próprio Cândido, em sua época, procura, sim, destacar o funcionamento do grupo e também as suas estruturas e sistemas de representação.

Entende-se com isso, que para cada sociedade, num determinado contexto, há uma relação entre o ajuste ao meio e a organização social, que diferencia grupos quanto ao gênero de vida, em um equilíbrio advindo das condições gerais da cultura: o equilíbrio social depende duma equação entre o “mínimo social” e o “mínimo vital”. Por essa formulação, a cultura não pode ser associada a um certo mínimo, pois aparece como um todo funcionando em conjunto orgânico.

Para o autor, no entanto, não se deve cair num extremo oposto de relativismo e desconhecer que pode haver nas culturas traços francamente disfuncionais que dificultam a integração dos grupos e, sobretudo, a sua sobrevivência em situações de mudança. Diz, ainda, que certas culturas resolvem de maneira mais satisfatória que outras os problemas de ajuste ao meio e às transformações sociais, graças ao equipamento material como à organização adequada das relações.

É lapidar, pois, a afirmação de que não se pode compreender os meios de subsistência de um grupo alheios ao conjunto das relações culturais desenvolvidas sob o estímulo das necessidades básicas:

Ao referir-se à alimentação que, do ponto de vista social, só se torna inteligível como necessidade, na medida em que está ligada a uma organização para obtê-la e distribuí-la, retomando as palavras de Goodfellow, diz-nos que “à dependência do grupo em relação aos recursos naturais corresponde uma ação por ele exercida de maneira a configurar

a mencionada continuidade, onde homem e meio aparecem numa solidariedade indissolúvel “ (CANDIDO, 2001: 31-32).

Assim, o meio natural aparece como celeiro que não será utilizado indiferentemente, em bloco, mas de acordo com as possibilidades de operação do grupo, pois os animais e as plantas não constituem, em si, alimentos do ponto de vista da cultura e da sociedade⁴:

É o homem quem os cria como tais, na medida em que reconhece, seleciona e define. O meio se torna deste modo um projeto humano nos dois sentidos da palavra: projeção do homem com as suas necessidades e planejamento em função destas – aparecendo plenamente, segundo queria Marx, como uma construção da cultura (CANDIDO, 2001: 36).

Para esclarecer o que, de fato, pretende investigar a respeito de um agrupamento de caipiras paulista e como aparece a questão histórica em seus estudos, o autor assim se manifesta:

Começaremos pelo estudo dos elementos diretamente ligados à manutenção da vida, mormente a exploração dos recursos naturais para a elaboração da dieta. Em seguida passaremos ao estudo das formas de vida social que permitem aos agrupamentos rústicos a sobrevivência enquanto grupos. Num e noutro caso, procuraremos apenas sugerir o teor geral da vida do velho paulista rural das classes inferiores, para chegar a possíveis considerações sobre as características da cultura (CÂNDIDO, 2001: 46).

Sobre essa retomada do histórico ligado ao cultural, o autor auxilia-se do historiador Sérgio Buarque de Holanda, em seu artigo *Índios e mamelucos na expansão paulista*, para quem a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade é preciso nunca perder de vista a presença, no interior do corpo social,

⁴ Observe-se, aqui, em Cândido, que a sua inspiração intelectual em Marx não advém apenas dos estudos sobre a Ideologia Alemã. A maneira de vida do caipira que convoca muitos estudos clássicos sobre antropologia, explicita, também, a necessidade dos estudos marxianos, naquilo que se refere ao trabalho e à subsistência.

de fatores que ajudam a admitir ou rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhos à sua herança de cultura (CÂNDIDO, 2001: 47).

São considerações como essas que interessam a este trabalho, que busca elementos da elaboração de Candido, dados os devidos tratamentos a esse fazer do sociólogo, sendo desse fazer que se recolhem as reais contribuições. Ainda que importantes afirmações em torno de desenvolvimento social mínimo - excluindo-se a questão da dieta - substituindo-a por subsistência e sobrevivência, à ênfase pela linguagem e a cultura, eis o necessário ao estudo ora apresentado. De fato, já temos aqui configuradas a linha mestra para delinear o modo de vida dos moradores da ilha, ou seja, já é possível pensar, pelo que se disse, como os ribeirinhos obtêm os recursos para a manutenção de suas vidas. A obtenção de tais recursos implica práticas ligadas à agricultura e ao trabalho em geral.

A questão da subsistência, colocada por Cândido e outros autores citados, é importante para este estudo na medida em que se verificou que todos os moradores entrevistados deram, sobremaneira, destaque às atividades que mantêm para a manutenção da vida e de seu modo de vida.

Deve-se, pois, acompanhar tal destaque na medida em que a atividade produtiva pode se constituir em meio para a compreensão da vida na ilha. Mas o modo de vida dos moradores da ilha não pode ser caracterizado apenas pela subsistência. Há mais, como é o caso da sociabilidade que, nesse caso, está diretamente integrada ao espaço rural.

Sobre o modo de vida rural da Ilha do Massangano, devemos verificar a questão da sociabilidade e destacar o papel da própria família, como núcleo básico das variadas relações. O próprio Candido teorizou sobre esse aspecto, nas décadas de 40 e 50 e essa contribuição do mestre é destacada por Fukui, da seguinte maneira:

Antonio Cândido, em *The Brazilian Family*, caracteriza a família brasileira como um vasto grupo de parentes, compreendendo dupla estrutura: uma legal, regida por padrões de interesse e voltada para a conservação do patrimônio; outra regida por padrões afetivos, regulando a vida de um vasto grupo doméstico que inclui, além de pai, mãe e filhos, parentes, empregados, escravos e mais uma larga periferia de trabalhadores livres, ligados pelo trabalho à vida da fazenda. Trata-se de uma família extensa de tipo patriarcal, isto é, na qual predomina a autoridade do pai ou patriarca. Em outro trabalho, “A vida Familiar do Caipira”, caracteriza o grupo familiar de lavradores humildes, atribuindo-lhes também a estrutura patriarcal e uma posição relativamente importante da mulher dentro do grupo, apesar de sua subordinação ao homem (Fukui, 1979:38).

O modo de vida da ilha pode ser pensado como aquele característico de um grupo do qual se pode falar em autarquia com referência ao bairro e não nas relações familiares. E, se no caso dos bairros estudados por Candido um dos elementos de sua caracterização era o trabalho coletivo, no caso da ilha podemos dizer que existem as relações de associativismo em interesses comuns.

Um bairro poderia, deste ângulo, definir-se como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalho de ajuda mútua. É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades. A obrigação bilateral é aí elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento (CANDIDO, 2001:87).

Nas falas dos moradores podemos detectar amplas formas de sociabilidade, muitas vezes ligadas ao próprio trabalho agrícola, já que é quase impossível dar conta de tal atividade sem “cooperação vicinal”. Nesse sentido, podemos até mesmo falar em forma de mutirão. Assim como nos bairros de Candido, impõe-se, na ilha, a necessidade de ajuda, formando uma rede de relações, ligando os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a unidade estrutural e funcional.

Além dessa “sociabilidade vicinal” ligada ao trabalho e à subsistência dos indivíduos, das famílias e dos grupos, destaca-se, também, a vida lúdico-religiosa, *“complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no bairro a sua unidade básica de manifestação”* (CANDIDO, 2001:94) e, nesse sentido, até podemos dizer que se dá uma ampliação do bairro, pois vizinhos de outras ilhas e mesmo das cidades fazem-se participantes do grupo. Pode-se, afirmar com Candido, que existe, de fato, uma força da religiosidade como fator de sociabilidade.

As formas de sociabilidade estão, pois, ligadas aos laços familiares e de amizade, ao trabalho, à geração da subsistência dos membros do grupo, à religiosidade e, também, ao lúdico das manifestações culturais, dentre as quais a mais importante é o samba de veio.

Pelas interpretações de Candido, concluiu-se por uma assinalada diminuição e decadência das festas – não apenas as religiosas, como as mais acentuadamente recreativas: *“Antigamente, a dimensão lúdica era uma das vigas da cultura caipira, favorecida pelo lazer e a vida social fechada. Hoje ela vai sendo obliterada pelo ritmo do trabalho, a abertura de uma economia dependente e a diminuição dos incentivos de outrora”* (CANDIDO, 2001:232). Ainda que possamos pensar que a cultura do grupo sofreu transformações que podem ser consideradas negativas, verificamos que existe uma realimentação de suas próprias tradições.

Pode-se pensar, aqui, que as necessidades dos moradores da Ilha do Massangano não estão ligadas diretamente à alimentação, mas a um processo de transformação que apresenta novas necessidades no nível da melhoria das condições de vida nos diversos aspectos socioeconômicos e culturais. Cabe-nos observar a organização

desenvolvida pelos moradores para a obtenção de meios nessas novas condições. A realidade dessas pessoas leva-nos a pensar em um mínimo vital, mas, também, em um mínimo social que se inter-relacionem.

Em seus estudos sobre o passado, presente e mudanças sobre a maneira de viver do caipira paulista, o autor de *Os parceiros do Rio Bonito* pode contribuir, em nível de análise, principalmente na última parte da obra, na qual busca fazer a “análise da mudança” de modos de vida. Sobre tal mudança, ele diz:

Hoje, a dimensão econômica avultou até desequilibrar a situação antiga. A expansão do mercado capitalista não apenas força o caipira a multiplicar o esforço físico, mas tende a atrofiar formas coletivas de organização do trabalho (mormente ajuda mútua), cortando as possibilidades de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. Entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influência da economia regional, individualizando-se. Condição de eficácia e, portanto, sobrevivência, é a renúncia aos padrões anteriores e a aceitação plena do trabalho integral, isto é, trabalho com exclusão de atividades outrora florescentes e necessárias à integração adequada (Cândido, 2001:213).

Tal realidade verificada pelo autor, leva-nos também a pensar os moradores da ilha e todas as conseqüências advindas de certas mudanças. Mas independentemente delas, a relação dessas pessoas com o trabalho sempre foi marcante dentre suas preocupações fundamentais, lembranças e concepção de vida. O mundo do trabalho, evidentemente, vem impondo novos comportamentos, mas as relações com o trabalho remontam, conforme as narrativas, ao próprio povoamento da ilha. A questão do trabalho é, pois, destacada no modo de vida de seus moradores, exatamente porque é de ordem econômica, ligada à própria subsistência e sobrevivência. Uma das possibilidades de iluminar o modo de vida dos moradores da Ilha do Massangano está ligada à relação com o processo trabalho.

O tema trabalho - que impõe um deslocamento naquilo que até então temos considerado como influência de Cândido - marcado explicitamente nas falas e recorrente nas diversas entrevistas, demonstra que, além do trabalho ser fundamental para o modo de vida dos moradores, que estes estão reagindo às diversas pressões do mundo do trabalho. O que designamos aqui por trabalho – e que é a designação de marxista⁵ - é o próprio processo de trabalho, definido como as relações do homem com a natureza, relações técnicas de produção ou processo de produção.

Para Marx (1998), a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho e, ao trabalhar, o homem torna-se força de trabalho em ação, ou seja, trabalhador. O processo de trabalho deve ser considerado à parte de qualquer estrutura social determinada:

O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, como sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza imprimindo-lhe força útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nele adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui de formas instintivas, animais, de trabalho (Marx, 1998:211).

A subsistência dos moradores da ilha está ligada às atividades produtivas que realizam, quer como agricultores, quer como assalariados, donos e/ou operadores de pequenas embarcações que fazem o transporte fluvial coletivo. A importância dada pelos moradores à forma como produzem o sustento de suas necessidades, acaba por constituir

⁵ MARX, K.. *O capital. Crítica da economia política*. No Livro Primeiro “O processo de produção do capital”, Vol. I, Parte Terceira “A produção da mais-valia absoluta”, Cap. V “Processo de trabalho e processos de produzir mais-valia” encontra-se a introdução para se refletir a problemática da atividade produtiva.

todos os demais elementos de seu modo de vida. Acredita-se que a categoria trabalho está pressuposta não apenas na forma de vida como também em todos os enunciados dos moradores entrevistados.

A reflexão sobre o trabalho, a utilização da força de trabalho leva necessariamente à compreensão de processo de trabalho cujos elementos componentes são a atividade adequada a um fim (o próprio trabalho); a matéria a que se aplica o trabalho (o objeto do trabalho) e os meios do trabalho (o instrumento do trabalho). Nessa maneira de ver, a terra e a água são vistas enquanto objeto de trabalho, assim como também os peixes e as fruteiras nativas. Por esse ponto de vista, a terra transforma-se em um meio de trabalho, sendo que para determinadas atividades, pressupõe outros meios e desenvolvimento da força humana de trabalho, indicando as condições sociais em que este se realiza. Essas considerações sobre as relações do homem com a natureza, por si só, já pavimentam um caminho para se refletir sobre o modo de vida e sustento da comunidade estudada, pois, como bem coloca Marx, estamos tratando aqui da relação com a terra:

A terra (do ponto de vista econômico, compreende a água), que, ao surgir o homem, o provê com meios de subsistência prontos para utilização imediata, existe independentemente da ação dele, sendo o objeto universal do trabalho humano. Todas as coisas que o trabalho apenas separa de sua conexão imediata com seu meio natural constituem objetos de trabalho, fornecidos pela natureza. Assim, os peixes que se pescam, que são tirados do seu elemento, a água; a madeira derrubada na floresta virgem; o minério arrancado dos filões. Se o objeto de trabalho é, por assim dizer, filtrado através de trabalho anterior, chamamo-lo de matéria-prima. Por exemplo, o minério extraído depois de ser lavado. Toda matéria prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima depois de ter experimentado modificação efetuada pelo trabalho (MARX, 1998:212).

Tais princípios formulados por Marx, esclarecem que o meio de trabalho é uma coisa inserida entre o trabalhador e o objeto de trabalho e que lhe serve para dirigir sua

atividade sobre esse objeto, propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas para fazê-las atuarem como forças sobre outras coisas, de acordo com o fim que tem em mira. Tudo que esse trabalhador se apossa imediatamente – excetuados meios de subsistência colhidos já prontos, tais como frutas, quando seus próprios membros servem de meios de trabalho – não é o objeto de trabalho, mas o meio de trabalho⁶.

Para a *Crítica da Economia Política*, o que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como e com que meios de trabalho se faz, sendo que esses meios servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e indicam as condições sociais em que se realiza o trabalho. Além das coisas que permitem ao trabalho aplicar-se a seu objeto e conduzem a atividade, consideram-se meios de trabalho todas as condições materiais, quaisquer que sejam, necessárias à realização do processo de trabalho. É assim que a terra se apresenta como um meio universal de trabalho, pois fornece o local ao trabalhador e proporciona ao processo que ele desenvolve o campo de operação (*field of employment*). Todo o processo do ponto de vista do resultado, do produto, evidencia-se que meio e objeto de trabalho são meios de produção e o trabalho é trabalho produtivo (MARX, 1998:215).

Muitas discussões são provocadas sobre os conceitos marxianos, inclusive na crítica de Habermas, para quem o trabalho, em Marx, é um conceito puramente epistemológico. Giddens (1998) propõe enxergar o trabalho como “trabalho social”, como as atividades produtivas socialmente organizadas pelas quais os seres humanos interagem

⁶ A terra, seu celeiro primitivo, é também seu arsenal primitivo de meios de trabalho. Fornece-lhe, por exemplo, a pedra que lança e lhe serve para moer, prensar cortar etc. A própria terra é um meio de trabalho, mas, para servir como tal na agricultura, pressupõe toda uma série de outros meios de trabalho e um desenvolvimento relativamente elevado da força de trabalho. O processo de trabalho, ao atingir certo nível de desenvolvimento, exige meios de trabalho já elaborados (MARX, 1998:213).

criativamente com a natureza material: o trabalho permanece como atividade intrinsecamente social, entre outros tipos de atividades ou formas de instituição. No caso específico da comunidade da Ilha do Massangano, queremos pensar que outros tipos de atividade estão diretamente relacionados ao trabalho que estes moradores desenvolvem para garantir suas condições de vida. Integrados a uma sociedade mais ampla, eles buscam mediante uma divisão social do trabalho a “reprodução da autonomia relativa da comunidade local”. A questão é saber que forma de integração ocorre entre o rural e o urbano, relacionada ao meio de vida na ilha.

Um dos fatores que nos traz a uma abordagem heterogênea dos fenômenos observados na ilha está ligado a um entendimento em que todas as ações estão ligadas ao universo da cultura. Interessa, pois, verificar a questão da cultura, procurando redimensioná-la, ao colocar este estudo no campo sociológico, da economia e da agricultura, da política, da história e da memória, procurando verificar esses múltiplos aspectos em torno de determinados temas. Isso quer dizer que a questão da subsistência, pelo trabalho, aparece como eixo norteador. A maneira de viver se transforma, então, em nossa elaboração, como modo de vida, que convoca, pelos temas que desenvolve, uma abertura teórica que convoca a interdisciplinaridade e tendências dentro de uma mesma disciplina.

1.2 - A ilha, o Rural e o Urbano

Um estudo sobre o modo de vida na ilha envolve abordagens mais recentes sobre o rural e o urbano, ou seja, o inter-relacionamento de questões ligadas à organização, os problemas sociais da comunidade e a diferenciação do espaço socioecológico; o modo de

vida rural e a natureza das diferenças rurais e urbanas e, sobretudo, as alterações socioculturais e econômicas que ocorrem no contínuo rural-urbano.

Viver na ilha pode ser, para alguns olhares, estar cercado de água por todos os lados, numa situação de isolamento relativo. Nas últimas décadas, a Ilha do Massangano vive o dilema da modernidade ao querer conservar a sua condição de ilha e o seu cada vez mais intenso inter-relacionamento com as cidades.

Localizada na imensa zona geográfica que, no Brasil, é conhecida como sertão, não sofre, contudo, muitas das mazelas vividas por habitantes de outras localidades, como a vegetação tipicamente catingueira e a escassez de água. Os seus moradores, como os próprios moradores das cidades próximas, conservam elementos definidores da condição sertaneja.

Um aspecto bem mais importante para pensar a ilha é a sua situação historicamente rural, principalmente quando são verificadas as transformações ao longo de seu povoamento e o seu relacionamento com as cidades. Apresenta-se, como elemento descritivo, o contínuo rural-urbano, no qual a ilha está inserida. Partindo da intenção desta pesquisa que busca perceber o modo de vida dos ilhéus, suas relações com o meio urbano e como as transformações ocorridas no Vale do São Francisco influenciam a vida da Ilha do Massangano, buscar-se-á realizar um percurso teórico-metodológico envolvendo as valiosas contribuições de sociologia rural.

O “rural”, para kayser citado por Wanderley (2000)⁷, é um modo particular de utilização do espaço e da vida social. O espaço rural deve ser entendido, ao mesmo tempo,

⁷ Referência dos estudos rurais entre nós, Maria de Nazareth Baudel Wanderley em seu artigo “A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo”

como espaço físico, lugar onde se vive e lugar de onde se vê e se vive o mundo. Tal compreensão norteia as linhas gerais deste nosso estudo, que prevê o rural como uma categoria histórica que se transforma.

Segundo Wanderley, do ponto de vista sociológico, quando se fala em “rural”, aponta-se para duas características consideradas fundamentais: “Por um lado, uma relação específica dos habitantes do campo com a natureza, com a qual o homem lida diretamente, sobretudo por meio de seu trabalho e do seu habitat (...) Por outro lado, relações sociais, também diferenciadas, que Mendras, fundador da sociologia rural francesa, definiu como “relações de interconhecimento” resultantes da dimensão e da complexidade restritas das coletividades rurais. Destas relações resultam práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família” (WANDERLEY, 2000:88).

O aprofundamento de estudos sobre a dinâmica da vida social rural, refletindo quanto ao continuum rural-urbano, revela elementos indispensáveis para se conhecer a realidade do Brasil. Há também que se considerar o grau de isolamento da comunidade em estudo, que se subdivide em geográfico e social para se identificar a rede de relações construídas pelo povo no próprio espaço e em outros, considerados por Wanderley (2000) *como* entrelaçamento de relações sociais, que envolvem as relações de parentesco e de vizinhança, a base da vida social local abrangendo as necessidades do trabalho e da produção e as práticas de lazer e da vida religiosa.

O rural, segundo o IBGE citado por Wanderley (1999), pode ser caracterizado pela “dispersão de sua população, a ausência do poder público no seu espaço e mesmo a ausência da grande maioria dos bens e serviços, naturalmente concentrados na área urbana.

(Revista Estudos – Sociedade e Agricultura. UFRRJ. 15.Out. 2000), estuda as transformações recentes do meio rural e das relações deste com o meio urbano.

Em consequência, o “rural” está sempre referido à cidade, como sua periferia espacial precária, dela dependendo política, econômica e socialmente. A vida desta população rural depende, portanto, direta e intensamente do núcleo urbano que a congrega, para o exercício de diversas funções e o atendimento de diversas necessidades econômicas e sociais” (Idem,p.89).

O meio rural consiste assim no espaço da precariedade social. Seu habitante deve sempre se deslocar para a cidade, se quer ter acesso ao posto médico, ao banco, ao Poder Judiciário e até mesmo à Igreja paroquial. Se a pequena aglomeração cresce e multiplica suas atividades, o meio rural não se fortalece em consequência, pois o que resulta deste processo é freqüentemente a sua ascensão à condição de cidade, brevemente sede do poder municipal. Neste contexto, a única alternativa que existe para a população rural se resume em permanecer periférica ou se tornar urbana, através da expansão do próprio espaço rural, ou através do êxodo para as cidades.

A legislação brasileira privilegia as funções político-administrativas exercidas a partir da cidade na qual com suas funções centralizadoras seria depositária do poder público e distribuidor dos serviços públicos e privados, destinados a todos os munícipes, rurais e urbanos. Inversamente, no espaço rural no interior da sociedade brasileira, o povoamento é mais rarefeito e disperso em relação ao centro municipal. Existem nele apenas pequenas aglomerações, que não estão inscritas na estrutura político-administrativa do país, nem absorvem os serviços essenciais.

Essas características citadas acima somente referem-se à ilha do Massangano e às demais ilhas caso percebamos os deslocamentos constantes de seus moradores em busca das infra-estruturas oferecidas pelas duas cidades do Pólo.

O Censo Demográfico, ao registrar os domicílios, distingue-os em função da situação urbana ou rural. Na situação urbana consideram-se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em todas a área situada fora desses limites, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos, as próprias ilhas.

O povo da ilha mantém uma estreita relação⁸ com os espaços urbanos, característica a ser considerada pela própria estrutura física e geográfica a qual afeta a população, restringindo os contatos sociais mais densos e complexos e o acesso aos bens e serviços já disponíveis em outras áreas urbanas.

Para Wanderley (2002:40), “o mundo rural participa de um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto das relações internacionais”. Essas ressignificações dadas ao mundo rural já fazem parte de estudos de diversos autores, entre eles Cândido (2000), Wanderley (2002), Brandão (1998), Abromovay (2002) os quais tem mostrado as peculiaridades históricas, sociais, culturais e ecológicas desse mundo vistas como identidades próprias em um espaço considerado singular, específico – termo usado por Wanderley (2002) – apresentando assim dois aspectos distintos: o primeiro, como construção social do espaço rural com seus recursos naturais (como a água, fonte de vida para os ribeirinhos), a conservação e o uso das paisagens naturais e aquelas construídas, as relações campo-cidade; o segundo considerado ‘lugar de vida’ (WANDERLEY, 2002) referindo-se o modo de vida e a identidade construída a partir desse modo de vida.

⁸ Nas palavras de Michel Serres citado por Santos (1997) “[...] ... nossa relação com o mundo mudou. Antes era local-local: agora é local-global”.

Na verdade, também é importante repensar a noção de espaço rural, o lugar dos "rurais". Segundo Wanderley (2000) "os contatos intermitentes(...) nem sempre significam a ocorrência de transformações profundas no que se refere ao modo de vida", especialmente para os moradores de uma ilha, os quais mantêm uma relação estreita com os centros urbanos, mas, também, sofrem o processo de isolamento e dificuldades diante dos processos de globalização e das novas organizações produtivas, familiares ou não, das exigências impostas aos agricultores, quando os mesmos não têm capacidade de investimento em suas terras e passam a ser trabalhadores assalariados em atividades agrícolas nas fazendas localizadas à beira do Rio São Francisco.

Para Carneiro (1998:53) "o ritmo de mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo também transforma as noções de "urbano" e "rural" em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais, as quais não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente". No entanto, não é possível considerar a existência de uma homogeneização que resultaria em um *continuum* no caso específico desta comunidade, pois a realidade é completamente diferente de outras regiões estudadas.

Pode-se observar, tomando como base as teorizações dos autores citados, que a Ilha do Massangano, após identificadas as dinâmicas interna e externa, está inserida em diversos tipos de espaços rurais como, por exemplo, é afrontada por processos de urbanização; existe uma economia agrícola produtiva, que ainda sobrevive; há implantação de atividades urbanas que a revigora; apesar de próxima de centros urbanos sobrevivem características rurais e pode ainda ser caracterizada como "meio rural vivo". O importante é, portanto, verificar "aspectos rurais integrados", o que pode levar, inclusive, ao questionamento de classificações utilizadas por alguns teóricos.

Está implícita nessa reflexão sobre o rural, o modo de vida rural presente na própria ilha, que se caracteriza por um isolamento relativo – isolamento das políticas públicas, para os seus moradores -, a relação com a terra que tem determinado as formas de existir; por uma agricultura basicamente de subsistência de onde os moradores retiram o seu sustento; a relação com o sagrado, com a festa e com a ideologia. Enfim, o traço mais determinante do modo de vida dos moradores da ilha relaciona-se com o trabalho que produz seus bens materiais e, de alguma maneira, está ligado aos bens imateriais.

1.3 Discurso, Representações Sociais

Pensar as falas dos moradores da Ilha do Massangano como um grande discurso é uma possibilidade que parece vir ao encontro dos objetivos desse trabalho. Analisá-lo enquanto elementos discursivos e interpreta-los à luz dos diversos estudos de caráter histórico-sociológico parece ser uma forma de atingir os objetivos. Ouvir as vozes dos moradores da ilha apresenta, já nos procedimentos, algumas reflexões sobre esse próprio fazer, já que uma questão de ordem sociológica deverá ser desenvolvida mediante as falas de sujeitos empíricos, os moradores, e que como falas merecem um tratamento dispensado aos atos de fala, na perspectiva de atingir os seus aspectos discursivos.

Ao iniciar essa discussão, vale destacar a importância de alguns conceitos como discurso, linguagem, enunciação, formação discursiva, poder e outras noções pertinentes à fundamentação do estudo ora desenvolvido. Esses termos são relevantes na compreensão da obra de Michel Foucault, bem como em Bakhtin, Pêcheux, Mangueneau, e outros teóricos da linguagem, os quais partem daquilo que o texto diz para uma relação entre

o dizer e as condições de produção, ou seja, o discurso não pode ser isolado de outros aspectos da linguagem, tais como a cenografia, as relações com a historicidade e com as formas-sujeito⁹.

Na abordagem que interessa ao nosso estudo, a linguagem é encarada como uso, não apenas para ressaltar informações, mas deve ser considerada com “*a função principal de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive*” (GNERRE,1987:3). Considere-se também que a linguagem é o lugar do confronto ideológico e que só pode ser estudada intrinsecamente ao ambiente social porque os processos que a constituem são histórico-sociais, ou seja, a linguagem não pode ser estudada separadamente da sociedade que a produz e de que para sua constituição entram em jogo os processos histórico-sociais.

Ao refletirmos sobre a linguagem, devemos destacar a noção de texto, que aparece como sua materialização. O texto que não é o sistema, como a língua; mas o texto em sua aparente individualização, a fala. Na verdade, o texto é o lugar de interação entre o falante e ouvinte, autor e leitor. Ao escrever algo, a pessoa o diz ou escreve de algum espaço social. E isto faz parte do sentido que não está em nenhum dos interlocutores especificamente, mas no espaço discursivo dos interlocutores; também não está em um ou outro segmento isolado em que se pode dividir o texto, mas sim na unidade a partir da qual eles se organizam. É necessário considerar a totalidade do texto para apreendê-lo melhor. Os textos veiculam o discurso.

⁹ A pretensão deste trabalho é por uma abordagem discursiva das falas dos moradores, procurando associa-las ao eixo de uma formação discursiva e a relação entre o dizer e as condições de produção do discurso. Crê-se que a análise do discurso, em sua interdisciplinaridade, pode contribuir para dar conta do objeto discursivo, auxiliando, assim, os estudos em ciências humanas.

A partir de uma reflexão sobre a ciência, a sociedade e a própria história, nessa relação modal de conhecimento, é que Foucault se depara com a arqueologia, com a produção e reprodução de saberes. É dessa reflexão que se impõe a opção pelo discurso. Conclui, Foucault, que *nem a literatura, nem a política, nem tampouco a filosofia e as ciências articulavam o campo do discurso no século XVII ou XVIII, como o articularam no século XIX* (FOUCAULT, 2002:35), deu-se uma mudança no discurso científico, na medicina e na biologia, por exemplo. Logo depois o autor fez uma definição: “*não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância*” (Idem, p.36). O discurso é um acontecimento e, como tal, exige um tratamento que vá além da origem e do elemento lingüístico¹⁰.

Para a descrição de acontecimentos discursivos, Foucault vai se perguntar como apareceu determinado enunciado, e não outro em seu lugar, para concluir que um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem resgatar inteiramente. A enunciação é ato produzido pela interação de indivíduos socialmente organizados, sendo o enunciado a unidade elementar, básica que forma o discurso.

O sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, como a origem do enunciado (seu autor/autora), mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado. Isto quer dizer que os enunciados posicionam os sujeitos - aqueles que os produzem, mas também aqueles para quem eles são dirigidos - de forma particulares, de modo que "descrever uma formulação como enunciado não consiste

¹⁰ As preocupações de Foucault com o discurso foram provocadas por seu interesse em discutir e verificar o funcionamento de algumas instituições, saberes e poderes produzidos pela sociedade. Nessa busca de filósofo e historiador, recolocou a linguagem no espaço da sua constituição, da historicidade, abrindo espaço para a formação de um conhecimento novo sobre ela e contribuindo para os estudiosos do discurso.

em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer "(FAIRCLOUGH, 2001:68).

Explica-se: uma formação social se caracteriza (sempre num determinado momento de sua história) pelo modo de produção que a domina e pela relação entre as classes que a compõem. Tais relações exprimem-se por meio de práticas hierarquizadas, realizadas por aparelhos, correspondendo a posições políticas e ideológicas, organizadas em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de domínio.

Nessa perspectiva, a análise do tipo enunciativo é uma análise histórica, já que se interessa pelas coisas ditas enquanto foram ditas; procura a modalidade de existência das coisas ditas. Procura, então, ajustar a descrição enunciativa à análise das "formações discursivas", ou seja, a individualização de uma formação discursiva se evidencia com a prática da análise enunciativa. A prática discursiva, assim, é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem, numa dada época e para uma dada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa. O discurso em Foucault é concebido como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

Apesar de seu caráter polissêmico, para Foucault ser um sujeito é ocupar uma posição enquanto enunciador. Também verifica-se o discurso como o ponto de articulação dos processos ideológicos. Significa o que cada época *pode dizer ou articular significativamente, uma espécie de acontecimento do dizer na esfera do saber, típico do pensamento de uma época, sem ser ideologia nem proposição científica. O discurso arma o pensamento* (ARAÚJO,2000:37). Deve-se destacar a função vazia do sujeito, ocupando um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos os quais formularão enunciados. Aqui, está

presente a dispersão dos discursos, ou seja, a dispersão é decorrente das várias posições possíveis de serem assumidas por um sujeito no discurso¹¹.

Após as afirmações sobre a natureza e a estrutura de um discurso, o enunciado e a enunciação, ao explicar os seus interesses de pesquisa, o filósofo antecipa a hipótese: *“suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos (de exclusão, de classificação, de ordenação e distribuição, de rarefação dos sujeitos falantes) que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2001:08).*

Para os estudos discursivos, há importância fundamental para as condições extralingüísticas. As condições de produção do discurso não devem ser entendidas apenas como sua representação no imaginário histórico-social. Os próprios protagonistas do discurso (chamados de interlocutores) não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representação de lugares determinados na estrutura social: o lugar de professora, de político, de pai. As relações entre esses lugares acham-se representadas no discurso por uma série de "formações imaginárias" designando o lugar que o destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

Esse sim é um aspecto interessante a ser observado nas condições da produção do discurso para perceber que o emissor pode antecipar a antevisão do imaginário do outro,

¹¹ Conforme Brandão esclarece, *a dispersão reflete a descontinuidade dos planos onde fala o sujeito que pode, no interior dos discursos, assumir diferentes estatutos. Esta concepção de discurso como campo de regularidades, em que diversas posições de subjetividade podem manifestar-se, redimensiona o papel do sujeito no processo de organização da linguagem, eliminando-o como fonte geradora de significações* (BRANDÃO, 1991:30).

fundar a estratégias do discurso, numa situação de entrevista, por exemplo, ou quando se cita a palavra do outro.

Foucault afirma que o discurso não é simplesmente o que manifesta ou oculta o desejo, mas é o objeto do desejo. *“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”* (ARAÚJO:2000). Em muitas circunstâncias não é possível e não se tem o direito de dizer tudo o que quer e para qualquer um, não se pode qualquer coisa.

O discurso¹² é concebido como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva que, por sua vez, é constituída por objetos de forma limitada, na qual as suas restrições sobre o que ocorre são uma função da relações entre as práticas discursivas e não-discursivas¹³.

Como prática política o discurso estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas como as classes, grupos, comunidades. Da mesma forma que nessa relação a prática ideológica constitui, mantém os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder, pois a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e os modos em que se articulam são um foco de luta. (FAIRCLOUGH,2001:94-95)

¹² Para os analistas, *“o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, que direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado* (Fairclough, 2001:91)

¹³ O discurso é considerado como prática social e não como elemento individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso implica ser o discurso *um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação* (Fairclough,2001:91). Outro aspecto na relação entre o discurso e a estrutura social é que a própria estrutura molda e restringe o discurso em todos os níveis societários, classes, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou mesmo a educação.

Conforme Foucault, os recursos infinitos para a criação de discursos são os seguintes: a fecundidade de um autor, a multiplicidade dos comentários, o desenvolvimento de uma disciplina. No entanto, eles são considerados coercitivos e restritivos.

Há algo importante a questionar nesse ponto: os rituais caracterizam todo tipo de discurso: o religioso, político. Ao analisar o efeito de um discurso faz-se necessário compreender a dimensão do poder, como também o discurso do poder, pois um mesmo discurso produz efeitos diferentes em lugares ou níveis sociais. Há uma distinção entre discursos e suas condições de produção, pois em que medida as representações do discurso estão inter-relacionados ao poder do discurso. Para Foucault, “*o discurso não é neutro ou puro*” (ARAÚJO,2000:63).

Outra consideração a ser destacada, neste estudo, é a discussão sobre o verdadeiro e falso nas Ciências Sociais. Este questionamento leva-nos a afirmar que em busca de respostas as Ciências Sociais encontram a verdade, estando sujeitas às especulações de como esta verdade pode ser alcançada. Assim, *a força dos discursos, seu caráter persuasivo baseia-se na coerência lógica, amplitude de campo, visão interpretativa dos argumentos* (ALEXANDER,1982:14)

Assim, percebeu-se a necessidade de compreensão das relações internas do discurso para a própria compreensão de aspectos sociológicos, correlacionados à vida do sujeito falante, possuidor de um discurso carregado de outras falas e sentidos. Identificar as intenções discursivas dos processos globalizantes também é uma necessidade para o sociólogo, pois poderá partir da análise de tantos discursos, os da globalização, entre outros, os quais procuram filtrar e modificar todo o sentido das informações.

Faz-se necessário refletir sobre o questionamento de como pode o discurso enunciar todo o conteúdo de uma representação. Para Foucault *é porque ele é feito de palavras que nomeiam, parte por parte, o que é dado à representação* (1999:82). E as palavras não são neutras, elas estabelecem relações dialógicas e de poder entre os signos. “*A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial* “ (BAKHTIN,1986:95) .

Ligadas à questão discursiva, aparecem como fundamentais para as nossas reflexões as representações sociais por se constituírem em um material importante para a pesquisa, pois elas demonstram o modo de trazer à realidade o mundo das idéias e seu significado no conjunto das relações sociais.

O interesse essencial pelas representações sociais, no campo da psicologia do desenvolvimento, é que elas levam a uma compreensão dos conjuntos organizados de significações sociais, no processo de construção dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é portador de uma história pessoal, vivendo a cotidianidade de sua vida, ele é também membro de uma categoria social, em função de sua família, de seu grupo e de seu tempo. Essa posição de sujeito, ao mesmo tempo particular e geral, designa seu lugar na relação como objetivo e sujeito de representações¹⁴.

¹⁴ Em Marx, a categoria chave para tratar do campo das idéias é a consciência. Para ele, as representações, as idéias e os pensamentos são o conteúdo da consciência que por sua vez tem sua determinação na base material. A partir de Marx, dois outros autores marxistas têm se preocupado com o campo das Representações Sociais: Gramsci e Lukács. Gramsci retira a idéia de que o senso comum seja inerente à ignorância das massas, demonstrando que cada grupo social tem seu próprio conformismo e ilusão. Lukács aprofunda o tema das representações em Marx, através da noção de “visão de mundo” como um conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúnem os membros de um grupo e as opõem aos outros. Para Weber, as representações sociais são juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem.

Moscovici¹⁵ apóia-se no conceito de representação coletiva de Durkheim. Para ele as representações Sociais deveriam ser reduzidas a uma modalidade específica de conhecimento, que tem como função a elaboração do conhecimento e a comunicação entre indivíduos, no cenário da vida cotidiana.

Moscovici contempla a mobilidade e circulação das representações contemporâneas que devem ser explicadas por si mesmas, buscando o pesquisador penetrar nessas representações, tentando desvendar sua estrutura e seus mecanismos internos.

As Representações Sociais findam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenrola a vida cotidiana. Assim sendo, a Representação Social é um conceito importante para o nosso estudo, uma vez que ela constitui o dado empírico que propicia uma análise que nos leve a atingir concretamente a consciência, a atividade e a identidade de sujeitos situados social e historicamente.

Por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais: podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981: 18).

Sá (1996:43-4) aponta a funcionalidade das Representações Sociais, como detentores de quatro funções: “a função de saber (que permite compreender e explicar a realidade); a função identitária (que a identifica e permite a salvaguarda da especificidade dos

¹⁵ SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Segundo o autor, para Moscovici (1976), psicólogo social francês que inaugurou o campo das Representações Sociais, estas devem ser consideradas como verdadeiras “teorias” do senso comum, “ciências coletivas”, *sui generis*, pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais (1995:26).

grupos); a função de orientação (que define o que é tolerado ou não em um dado contexto social); e a função justificatória (que explica tomadas de posição e comportamentos)” .

Ao estudar a Representação Social do povo da Ilha do Massangano pretende-se apreender ao nível do empírico a constituição de um pensamento social compartilhado, assim como a transformação de suas práticas sociais em novas formas de sociabilidade sob a força das interações sociais. Para (SIMMEL, 1990:259) os conteúdos, no nível individual e as formas no nível social minimiza significativamente o antagonismo tão frequentemente evocado entre o individualismo e a coletividade, viabilizando estudar a maior parte das redes de relações sociais desenvolvidas no fluxo da vida cotidiana.

Nas sociedades contemporâneas, existem duas classes de universo de pensamento: os universos reificados e os universos consensuais. Ambos atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. Nos primeiros, bastante circunscritos, produzem-se e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral. Os segundos dizem respeito às atividades intelectivas de interação social cotidiana, pelas quais as Representações Sociais são produzidas. A construção de significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo, cuja base é a realidade social.

O termo “senso comum” é utilizado por Schutz (1982) para se referir às Representações Sociais do cotidiano, tendo como referência à vivência cotidiana. Para este autor, a compreensão do mundo se dá a partir de um repertório de experiências pessoais e de outros. A experiência pode ser comum a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O conhecimento é individual, consistindo na elaboração interior. Assim sendo, cada pessoa possui um conhecimento de sua experiência, atribuindo importância a determinados temas, aspectos ou situações.

As representações sociais são descritas por Bourdieu (2001) como expressão das condições de existência, como fenômeno ideológico e capaz de revelar condições estruturais, sistemas de valores, normas símbolos, pois tem a magia de transmitir mediante porta-voz, as representações determinadas em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. Isso quer dizer que cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação. É por isso que o estudo ora apresentado vai buscar a contribuição dos estudos discursivos e se deixa inspirar pelas formulações sobre a linguagem, notadamente o pensamento de Bakhtin, que problematizou a linguagem, situando-a no ponto de convergência entre o método sociológico e a lingüística. Este filósofo procurou relacionar a linguagem com a sociedade, num debate sobre a dialética do signo enquanto efeito das estruturas sociais.

As Representações Sociais devem ser tratadas como um sistema de pensamento da mesma forma que se trata uma sociedade como um sistema econômico ou um sistema político, já que pela perspectiva psicossociológica de uma sociedade pensante, os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças dominantes, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social. Ainda conforme esclarece Moscovici citado por Sá, *“os indivíduos produzem e comunicam incessantemente suas representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos”* (1995:28).

Cada pessoa definindo o mundo a partir das representações, também ligadas aos atores sociais, estará amparada pelas teorias de Bourdieu que se preocupam com a objetividade das estruturas e a subjetividade do ator e reconstitui a fala dos mesmos, retrabalhando-as. Seria não negar a estrutura, mas entender a prática humana na sua

efetivação. Nesse sentido, o campo social, dentro do qual se reconhece uma estrutura de poder, seria trabalhado através de um conjunto de aspectos: *campus* social, *habitus*, campo cultural, condição de vida. Tudo isso deve ser entendido no conjunto das ações dos atores sociais que contribuem para a reprodução e transformação da estrutura.

Verificar como são produzidas e estruturadas a identidade sociocultural dos moradores da Ilha é pertinente para o aprofundamento do estudo. Segundo Sobrinho (1995), as experiências acumuladas ao longo da trajetória de um grupo produzem os esquemas de pensamento e de ação que guiam os indivíduos na constância de certas práticas através do tempo, isto é, o *habitus*¹⁶ que existem entre as pessoas de uma mesma comunidade.

É na dinâmica das interações e dos contextos sociais, religiosos, familiares, pessoais, tais como: escola, igreja, casa, trabalho que envolvem comunicação e discursos os quais se desenvolvem e possibilitam a identificação das representações sociais. Os atributos e significados da representação que eles têm sobre a si mesmos são distribuídos entre as pessoas e os grupos sociais. Esse fenômeno é analisado pelas diferentes teorias populares, como o senso comum, os saberes cotidianos dos moradores, suas perspectivas em relação ao modo de vida e a preservação do ambiente.

Apesar de estarem afastados dos centros urbanos (Petrolina/PE, Juazeiro/BA), os traços distintivos da identidade do povo da ilha são definidos pelas condições sociais e pelas propriedades relacionais. Segundo Moscovici (1961), as sociedades modernas são caracterizadas pelo seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Há, nos dias de hoje, poucas representações que são verdadeiramente

¹⁶*Habitus* para Bourdieu é um sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes (2001: 61-62).

coletivas. As representações estão presentes tanto no "mundo", como na mente, e elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos.

A atividade representacional significa que o sujeito constrói, na sua relação com o mundo, um novo mundo de significados. Assim, as representações sociais estão presentes na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, cultura.

Diante dos efeitos da sociedade de massa é que o estudo das representações sociais torna-se pertinente, pois é necessário recuperar o pensamento, a palavra e a plena possibilidade de criar saberes sociais. Também urge defender a vida em comum, ameaçada pela miséria, pela violência e pela desigualdade. A escolha do estudo das representações advém, principalmente, do fato de que os habitantes da ilha sofrem constantes mudanças que revelam o próprio processo de transformação histórica da sociedade local. O próprio termo *povo da ilha* já se caracteriza como representação cultural, leitura elaborada da realidade constituída da memória de um processo de transformação da paisagem local.

Quando falamos do povo da Ilha do Massangano estamos nos referindo a um ator, ou seja, a uma identidade coletiva que ganhou visibilidade social graças ao grupo cultural Samba de Véio que vem se apresentando em diversos lugares, até mesmo nas capitais, em programas educativos, escolas, festas juninas. Isso tem ajudado a construir referências identitárias próprias.

É preciso perceber o sentido das representações coletivas da comunidade, pois segundo Mauss (1999c: 294-295) citado por Martins (2001) *"na maior parte das representações coletivas trata-se não de uma representação única de uma única coisa, mas de uma representação escolhida arbitrariamente, para significar outras representações e*

para comandar práticas". Nessas indagações, é necessário ressaltar a importância do resgate das tradições da memória do povo ribeirinho, suas experiências e aprendizagens.

Este estudo rompe com as ilusórias transparências produzidas pelos discursos da comunidade da ilha e compreende que discursos e falas os moradores constroem sobre suas representações de ribeirinho, como local geográfico e simbólico e como suporte material de memória. Esse ilusório está ligado a certos tratamentos que são dados às falas em estudos que trabalham com entrevistas e informantes.

Existe, neste estudo, a necessidade da convocação da memória, mesmo porque se recorre ao imaginário, às representações. Referimo-nos, pois, a uma memória que não é um saber sobre a história, mas um dizer coletivo, transformado em acontecimento discursivo, múltiplo e, talvez, fundador de uma mentalidade ou dos dizeres de uma comunidade, como a ilha.

A memória é, pois, retenção, lembrança, recordação, mas é, sobretudo, uma das formas fundamentais de nossa existência, com o tempo, com o passado. E como esclarece Chauí¹⁷, *"o tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar"*.

São colocações bem férteis para as nossas buscas, pois sabemos que o documento sempre foi uma forma de preservação da memória dos fatos e ações dos grandes e poderosos, um direcionamento clerical e burguês da memória. Acreditamos, entretanto, que a memória coletiva, que cada vez mais interessa aos diversos campos do conhecimento, ao

¹⁷ CHAUÍ, M. "Apresentação". In: BOSI, E. *Memória e sociedade - lembrança de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz/ Edusp, 1987. Trata-se, o livro, de um estudo muito valioso sobre a memória, na área de Psicologia Social.

iluminar as vozes do passado, coloca-se num incessante trabalho a serviço do presente e do futuro, como parecem acreditar também os autores aqui convocados.

Para pensar e registrar nexos de memória dos moradores da ilha, fomos, sim, buscar o pensamento histórico para que se observasse que a ilha não possui registros escritos da memória de seus moradores ou de suas instituições. Para verificarmos aspectos da memória desses moradores, convocamos outros estudos mais ligados à sociologia.

Os estudos sobre a memória realizados por sociólogos ou mesmo por analistas do discurso sempre se antecipam na afirmação de que o seu problema não é o mesmo da psicolinguística, das neurociências ou das ciências cognitivas, mas sim, algo relacionado à linguagem ou à história, ou seja, a uma memória social, coletiva. Todos eles, também, destacam o papel pioneiro de Maurice Habwachs em trazer para as ciências sócias o objeto memória e para quem as convenções verbais constituem o quadro mais elementar e o mais estável da memória coletiva. Maurice Habwachs (1990) aponta que os grupos conservam algumas tradições pela pertença a um grupo social – por parentesco, classe, religião, profissão etc, ou seja, os indivíduos são capazes de adquirir, localizar e evocar suas lembranças.

Para Hawbachs, *“a memória individual não está isolada e fechada. Para evocar um passado um homem deverá fazer apelo às lembranças dos outros “* (1990:54). Assim, há uma inteira confiança na memória dos outros. Essa ”bagagem de lembranças históricas“, expressão de Habwachs (1990) pode ser ampliada pela interação e leituras. É dessa forma que se pode dizer, conforme Moraes que *“a rememoração pessoal situa-se nas malhas múltiplas da solidariedade (intercontato social) em que se engajam as pessoas”* (2000:41).

Segundo Hawbachs há uma diferença entre memória individual e memória coletiva:

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior: ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla que a primeira. Por outra parte, ela representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HABWACHS, 1990:55).

As lembranças prestariam o serviço de conservar o passado na forma que é mais agradável a quem o recorda, e que, por vezes, comporta-se sem preocupação com a ação. Segundo o pensamento de Willian Stern, citado por Bosi (1994:68) a pessoa conserva as imagens do passado, podendo alterá-las conforme as condições concretas de seu desenvolvimento. A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado. A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada. Acredita-se que as marcas do passado são formadas tanto pela memória individual quanto pelos valores coletivos. São essas marcas que constroem o presente, que não é individual, mas formador de uma cotidianidade coletiva, de um trabalho social, da própria cultura. A memória está ligada à cultura do trabalho (subsistência), às formas de sociabilidade, à preservação do grupo e de sua identidade. Este percurso teórico que demonstra uma leitura de Antonio Cândido para nortear as nossas reflexões sobre o fazer sociológico, o rural caipira, o modo de vida, a subsistência do grupo e do bairro; que se desloca ao encontro do próprio Marx para dar visibilidade à importância do trabalho para o modo de vida dos moradores da ilha; que se filia às contribuições da nova sociologia rural; que convoca teóricos do discurso, das representações e da memória para análise das vozes vivas dos moradores da ilha; este

percurso aparece como uma construção possível para atingir os objetivos que impomos a este estudo.

CAPÍTULO II

SER DA ILHA

A ilha do Massangano vem sendo descrita por três ângulos: pela visão dos turistas, dos jornais locais e a dos próprios moradores que sempre deixam transparecer sentimentos de afeto, de pertencimento ao lugar. Nos jornais encontra-se a seguinte informação:

A ilha do Massangano está localizada apenas 15 (quinze) quilômetros de um dos mais importantes pólos econômicos da região, a cidade de Petrolina. Com todos esses atributos, é de se esperar que esse santuário ecológico ofereça um vasto leque de atrações naturais, desde caminhadas por trilhas só conhecidas pelos ilhéus, a mergulho nas águas do velho Chico (Jornal A Gazeta do São Francisco: set., 2001).

Narrativas, relatos sobre os principais atrativos, o que o turista poderá encontrar no lugar são mostrados nos textos jornalísticos. Destacando-se apenas a visão natural, sem mencionar o outro lado: as dificuldades do povo do lugar, a busca por oportunidades de trabalho ou as condições de sobrevivência.

Quanto à forma de perceber a ilha pelos próprios moradores, esta é mais realista, sem tantos adjetivos e exaltações. Os moradores denominam a ilha como *‘lugar tranquilo, bom pra se viver’*, pois mesmo não tendo oportunidade de trabalho, dificuldades para lidar com os prejuízos causados ao meio ambiente não são motivos suficientes para que eles desistam de depositar seus sonhos e esperanças no lugar em que vivem.

”O dizer aqui é assim. É, o povo da ilha de Massangano, aqui é um lugarzinho muito acomodado, muito bom de se morar, muito bom de se morar, legal demais”. (Sr. João Massangano)

“ Aqui na ilha é bom, moradia muito boa, é muito tranquilo, eu já tenho muitos anos que moro aqui na ilha , a gente tem as divergências porque no dia a dia acontece, né?” (Sra. Terezinha Caldas)

As aspirações do povo da ilha podem ser aproximadas das palavras do poeta Carlos Drummond quando afirmou que a ilha é “ *a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos*” (...) (1983: 964).

O rio, como a terra, é a principal fonte para a sobrevivência das atividades primárias que sustentam a vida do povo da ilha , pois a água por si só já se constitui em alimento e apresenta, ainda, a sustentação para a agricultura e a atividade da pesca.

A gente cria animal, tem uma rocinha. Tem sempre o que comer. O rio ainda não nos deixa com fome. (Sr. João Pedro – Mala Veia)

A partir dessa descrição há de se considerar que uma pesquisa com a abordagem sociológica sobre a Ilha , a comunidade e modo de vida de seus moradores leva-nos para um espaço de observação, o sócio-político-cultural que aponta para outros indicadores bem menos pitorescos como querem os controladores da indústria do lazer local tais como, os proprietários das barracas e das embarcações na ilha do Rodeadouro, as pequenas empresas turísticas das cidades de Petrolina e Juazeiro, as próprias secretarias de turismo ou para uma visão bucólica apresentada pelo povo da Ilha . Assim, por trás desse bucolismo aparente resiste uma realidade que sofre ainda com a falta de assistência social e política.

2.1 - Multiplicidade das Atividades

O morador da ilha participa de multiplicidade de atividades: é fundamentalmente agricultor, mas é também pescador e barqueiro. Como agricultor, ele provê a sua subsistência imediata pelo autoconsumo, mas cultiva também produtos comerciais e nos sábados e domingos, as mulheres vendem nas feiras das cidades. Alguns homens trabalham como barqueiros nas travessias das ilhas. Para os moradores que ainda possuem embarcações, ser barqueiro possibilita uma complementação da renda da família, principalmente no verão. Para Charles William dos Santos, um dos jovens entrevistados, o trabalho como barqueiro lhe proporcionava diversão, até que o barco do pai foi roubado e ele ficou sem o emprego. No momento, é um dos assalariados em uma empresa (fazenda) de uvas. Essa multiplicidade de atividades é decorrente das dificuldades que os moradores passam.

A atividade produtiva dos agricultores da ilha é desenvolvida com duas finalidades: a primeira visa a alimentação das famílias e a outra a obtenção de recursos financeiros pela venda dos produtos no mercado das cidades de Petrolina e Juazeiro para adquirir os itens pessoais como roupas, sapatos. A compra de alimentos como café, açúcar, farinha de mandioca, entre outros gêneros, ainda é grande e necessária.

A maior parte da sobrevivência de seus moradores se dá pela utilização de formas tradicionais de preparo e cultivo da terra¹, que surgiu ainda na época das primeiras ocupações do lugar. Segundo o Sr. Pedro um dos mais antigos moradores da

¹ Para a ampliação de áreas de cultivo, os moradores fazem queimadas. (Ver caderno de fotos) A queima de vegetação rasteira é visto por Cândido (2001:58) “como regra entre nós, mostrando que a cinza resultante é buscada como fertilizador, embora em longo prazo o resultado seja ruim”, acarretando a degradação inevitável do solo. Saint Hilaire citado por Cândido (2001) descreve a agricultura extensiva cabocla brasileira baseando-se nas queimadas para aproveitamento do terreno da mata.

ilha , o arroz já foi produzido por toda a ilha “ *aqui teve uma época que era arroz por todo canto...*” . Depois substituindo ou copiando modelos dos projetos irrigados, os moradores utilizam novas formas de produção, como a plantação de fruteiras – pratica recente desenvolvida no lugar.

A família da Sra. Terezinha Caldas é uma das que hoje planta frutas, substituindo o arroz, feijão, a cebola, o capim e/ou introduzindo essas novas culturas ao lado do feijão, da macaxeira, das hortaliças, mas sem nenhuma assistência técnica, apoio financeiro, acompanhamento durante a produção e venda nos mercados locais. Para Cavalcanti, “*a valorização de novas alternativas de produção na agricultura familiar e a introdução de características específicas (sui generis) da produção agrícola rompem com a atual estrutura vigente, sem trazer retorno financeiro para as famílias*” (2000:139).

Quando chegou o plano real, um saco de arroz era cinqüenta cruzeiros, era um bom dinheiro e tinha saída, mas com essa preferência do povo comprar arroz empacotado, esse outro caiu, ficou sabe quanto? Doze real. Aí todo mundo parou de plantar arroz, que não tinha saída, ainda hoje aquele Pio ali planta arroz, só ele. Que arroz tem despesa, pra quando é na hora de você apanha quinhentos, seiscentos sacos que eu cheguei a apanhar três mil e tanto saco aqui de arroz, eu botei aí em Muniz ((dono da mercearia na ilha)), depositar aí pra vender de cinco, dez saquinho, de dois, aí não dá, com o que eu vou pagar a despesa? Vou oferecer na rua, ninguém quer. (Sr. Félix)

Mesmo com as dificuldades para plantação e as oscilações de mercado que não permitem um bom preço na hora da venda dos produtos, as famílias da ilha continuam valorizando a agricultura como forma de sua sustentação. Isso já foi indicado em outros estudos como bem aponta Wanderley (2003:10) “Numerosos estudos indicam que a valorização da agricultura parece ser muito forte na maioria das famílias rurais”.

Na ilha do Massangano existem apenas duas mercearias abertas há menos de um ano com venda de produtos alimentícios, de higiene, bebida e gás. Na ilha, a venda desses produtos é feita à vista, apenas para alguns moradores, a venda é a prazo, com o registro em um caderninho para pagamento posterior.

Segundo Wanderley (2001:40), “uma observação mais atenta, sobre as razões que levam os agricultores a escolher suas estratégias produtivas, permite perceber que elas expressam, mais uma vez, a tensão”. Aqui na ilha essa tensão ocorre entre o passado dos agricultores que arrendavam terras para o plantio de arroz, cebolas, verduras e, atualmente, acompanham a produção de frutas para venda no mercado local sem recursos das instituições governamentais para as despesas de plantio.

A agricultura na ilha é a forma tradicional do meio de vida de seus habitantes, sendo que alguns desses já foram produtores médios, como os de arroz. Existe hoje na ilha um único produtor de arroz que é o Sr. Pio numa parceria com o Sr. Félix que tem máquina para despoupar o arroz, recebendo 10% do total do arroz a ser comercializado. Essa mesma prática de cooperação foi vista por Marianne Cohen e Gislaine Duque citada por Wanderley (2003:5), que em estudo recente em duas comunidades do sertão da Paraíba, mostraram que “a cooperação familiar se expressa sob as diversas formas, inclusive com o uso comum de equipamentos e à divisão dos resultados da produção, envolvendo parentes que moram na vizinhança”.

Quanto à produção de feijão, macaxeira, milho, muitas vezes é apenas para o gasto da família, o autoconsumo. O que não ocorre com as verduras, pois é pouco a retirada para o tempero dos alimentos, pois todo o restante é para venda. Como é um produto que facilmente estraga, o agricultor precisa levantar de madrugada para levar as verduras ainda frescas para as feiras. Do resultado das vendas, são comprados os bens que vão abastecer diretamente a casa. “Essa prática, num certo sentido

‘financia’ os demais bens” (cf. Garcia,1990:115). Para Wanderley (2001:40), “o autoconsumo e a comercialização não são objetivos antagônicos, mas funcionam como estratégias complementares e articuladas, que visam a reprodução da família durante todo o ano”.

A agricultura familiar está voltada para o auto-consumo e o abastecimento de mercados e feiras, o que abre espaço para o comércio e os agricultores completam suas mercadorias comprando-as de outros agricultores. O Sr. Raimundão é um dos que compra hortaliças de outras roças no trajeto de barco entre a ilha do Massangano e a orla da cidade de Petrolina. De lá, ele ancora o pequeno barco e segue para os supermercados e frutarias da cidade, levando seus produtos em uma bicicleta adaptada para o serviço.

Depois de entregar os produtos em cada lugar, o Sr. Raimundão faz alguns pagamentos e retorna para a ilha. No restante do dia volta a cultivar suas hortaliças e, somente nos fins de semana é que muitos agricultores como o Sr. Raimundão, Sr. João Massangano e outros vão trabalhar na Ilha do Rodeadouro como barqueiros no transporte de passageiros entre a vila do Rodeadouro² e entre as ilhas do Massangano e a do Rodeadouro. Enquanto algumas mulheres vendem hortaliças nas feiras dos bairros de Petrolina e Juazeiro, seus maridos, companheiros e filhos trabalham como barqueiros na travessia turística para a Ilha do Rodeadouro ou como garçons nas barracas e restaurantes do lugar, na venda de acarajés em pontos estratégicos da ilha.

O turismo desenvolvido, principalmente na ilha do Rodeadouro, envolve o trabalho de alguns moradores da ilha do Massangano que vendem alimentos

² A vila do Rodeadouro localizada na margem baiana tem o mesmo nome da ilha turística citada neste trabalho. Para distinguir as pessoas dizem: “vou à ilha do rodeadouro” ou “vou para a ilha do Rodeadouro”

ou trabalham no transporte fluvial de passageiros. A própria associação de barqueiros da vila do Rodeadouro amplia esse relacionamento com a participação direta dos barqueiros do Massangano em sua associação. Neste povoado, as pessoas adultas da ilha do Massangano são sepultadas – um costume herdado dos mais velhos e que ainda persiste.

Durante boa parte do ano, as ilhas do São Francisco³ recebem muitos visitantes, principalmente nos fins de semana, por isso, nessa época, as vendas crescem. A Sra. Maria Conceição Nascimento é uma das moradoras da ilha do Massangano que prepara e vende acarajés na ilha do Rodeadouro nos fins de semana. Esta é uma das atividades que Conceição tem investido: sua barraca é bem procurada, ela tem usado produtos descartáveis e se preocupa com a higiene e qualidade dos alimentos vendidos⁴. Outros membros da família dela também a ajudam. Outra ocupação realizada por Conceição é no samba de véio: é a sambista que segura na cabeça uma garrafa de cachaça, enquanto dança e faz umbigadas. Ela é um dos destaques no samba de véio.

Considera-se, nesta abordagem, que pequenas unidades produtivas como a estudada mantém “uma alternância entre produção-consumo” (GARCIA,1990), porque na ilha do Massangano não há uma economia de subsistência ou voltada para a exportação, porém uma flutuação entre o que é produzido na terra por alguns membros da família, como a mulher e os filhos e o salário que o agricultor recebe de empregos em fazendas de frutas, como barqueiros nos fins de semana no transporte turístico ou com os serviços em outras roças.

³ A ilha do Rodeadouro é a única que tem uma estrutura de restaurantes, barracas, banheiros e todo os materiais para acampamento no lugar, pois ainda não existem hospedarias.

⁴ O acarajé vem acompanhado por vatapá, vatapá com camarão, caruru, verduras que são servidos e colocados em pratos descartáveis. O próprio acarajé é frito no olho de dendê na hora da compra. Isso torna o alimento com mais facilidade de estrago, principalmente pelo calor.

Na verdade, não existe uma lavoura comercial na ilha do Massangano, pois esta permite a alternatividade. Além disso, *“é preciso que se consiga com o trabalho doméstico uma renda monetária superior, que permita a compra em dinheiro dos produtos essenciais ao consumo doméstico”* (GARCIA,1990:123).

Atualmente, os moradores da ilha do Massangano procuram empregos em fazendas de fruticultura ou naquelas em que os proprietários as destinam para o lazer de fim de semana. Geralmente, são localizadas próximas à zona ribeirinha. Esses empregos são novas oportunidades de trabalho; no entanto, os moradores estão sujeitos às intempéries das necessidades dos administradores desses locais que, em determinadas épocas do ano, contratam por determinados meses maior número de mão-de-obra, principalmente no período de safras. Isso origina insegurança quanto à garantia de uma renda regular para as famílias.

Quando os moradores estão nesses empregos, eles deixam as suas terras ociosas ou apenas com uma pequena cultura de hortaliças para os familiares cuidarem. Isso indica a formação de uma rede de inter-relações, de transformações nas relações de trabalho, na divisão sexual do trabalho, *“ao mesmo tempo, multiplica-se o número de organizações e associações que garantem os novos espaços de sociabilidade”* (GARCIA:1990:80).

“Eu trabalho lá na Andorinha, na fazenda Andorinha, negócio de uva, manga, só essas coisas aí. (...) A minha função lá é trabalhá com a enxada, depois saí com a enxada, agora estou na estrovenga lá, na estrovenga. Roçando mato. Começa umas sete horas. (...) Rapaz, nós sai daqui umas cinco e pouco, aí chega lá do outro lado umas seis e meia, aí de seis meia em diante o ônibus passa pra pegar a gente. (...) Carteira assinada “ (Charles William dos Santos).

“ Eu antes trabalhava na roça, Zé plantava e eu trabalhava na roça com ele, plantava arroz, aí depois ele se cansou porque plantava de meia, nunca ganhava nada que resolvesse, que desse alguma coisa de futuro, aí ele parou, começou a

plantar verdura na terra do tio dele, de Félix, aí ele plantava verdura e eu vendia, revendia e ia vender também na feira em Juazeiro (...) Na Andorinha eu comecei como embaladeira, eu tava na colheita e eu era que embalava as uvas... a gente faz as terra com ciscado pega o ciscador tirando as folhas, ajudando os homens a tiras as folha e agora vou começar a podar a uva” (Edineide Monteiro Ubaldo).

A população da ilha também se desloca constantemente à procura de serviços nas duas cidades Petrolina/PE e Juazeiro/BA em virtude de algumas razões: a primeira dá-se porque as cidades constituem-se em importantes eixos de ligação das cidades circunvizinhas, com outras regiões do país e com o mundo, já que são pontos de apoio para o escoamento da produção agrícola por contar com diferentes modalidades de transporte: rodoviário, hidroviário e aéreo.

A segunda é pelo envolvimento em grande escala com a população das duas cidades, em virtude da dependência sociocultural e econômica, já que as atividades agrícolas da região são consideradas um sucesso. Isso foi impulsionado principalmente pela implantação de grandes projetos de irrigação (CAVALCANTI,1997:79) por iniciativa do poder público federal por meio da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF, e da criação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-árido – CPATSA, uma das unidades descentralizadas da EMBRAPA.

Esses projetos deram origem ao surto de progresso experimentado pelas cidades desde a década de 60, e contribuem significativamente para o desenvolvimento de outros setores de sua economia como a implantação de agroindústrias, a expansão imobiliária, e a dinamização do comércio e do setor de serviços.

O crescimento econômico de Petrolina pode ser constatado por meio de dados estatísticos que indica um aumento da ordem 10,96% a.a, com a

sua participação no PIB em relação ao Estado tendo aumentado de 2,98% em 1980, para 9,63% em 1993. Em 1997 o recolhimento de ICMS chegou a representar 59,46% da arrecadação na IV Região Fiscal do Estado de Pernambuco (Dados obtidos no Censo 2000 pelo IBGE).

A distribuição da população economicamente ativa (PEA), apresenta-se da seguinte forma: 51,6% vivem da Agricultura, 8,7% da Indústria, e 39,95% do Comércio e Serviços (dados do Censo 2000 - IBGE), o que significa que embora se verifique um crescimento dos setores de transformação, é a agricultura irrigada uma das principais fontes de renda e emprego em Petrolina/PE e Juazeiro/BA.

Essa nova relação com o mundo do trabalho imposta pelo desenvolvimento regional acarretou o deslocamento, no campo, do espaço da propriedade familiar para a propriedade privada, o que interfere na relação do homem com a terra. As constantes buscas da população rural estabelecem um “duplo movimento da sociedade” apontado por Wanderley (1999) por dois aspectos: “por um lado, dinamiza a vida local, na medida mesma em que é fonte da configuração da paisagem, do uso e preservação dos recursos naturais e sociais (...) da intensidade da vida social local e, por outro lado, estabelece as formas de relacionamento com a cidade e com a vida pública, para além do espaço local” (Idem, p.4).

Destaca-se o comentário dos mais velhos de que, mesmo com todo o desenvolvimento da região, durante muitos anos a ilha do Massangano vivia isolada: não havia escola, igreja ou energia elétrica. Somente nos anos setenta, com a criação da Cooperativa de Eletrificação Rural – CERPEL, a ilha recebeu eletrificação, inclusive com redução de tarifas de energia aos associados no município de Petrolina.

Somente na década de oitenta é que a ilha passou efetivamente a receber investimentos públicos, inclusive, os projetos de drenagem e irrigação implantados com o intermédio da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF. Conforme depoimento do Sr. Marcos Aurélio Leodido de Abreu - Secretário de Desenvolvimento Rural do Município de Petrolina na gestão de Augusto Coelho⁵, a construção da escola Santo Antônio e uma creche ocorreu entre os anos de 1983 e 1984. No dia da inauguração, a ilha recebeu vários convidados, tais como o Governador Roberto Magalhães e outras autoridades.

O Ex-secretário relata o jeito simples e acanhado da população, bem como a surpresa da população pela primeira visita de secretários municipais convidados pelo Prefeito. A presença desses políticos no dia de inauguração foi um grande acontecimento porque era a concretização de um antigo sonho do povo⁶: a Escola. Antes as aulas eram dadas nas casas dos moradores. A Sra. Creuza – D. Peba, que é merendeira da Escola há mais de vinte anos, comenta a situação:

“As aulas era na casona do véi Berto, o véi Berto tinha uma casona que nós chamava casona aí era Lurdes que dava aula, era professora Clarinda, depois passou pra Nilza, depois passou pra a finada Celina que dava aula era dentro da casa dela, aí eu ia pro mato pegar lenha, ia pro rio pegar água pra fazer a merenda e era desse jeito assim, aí ia pegar a merenda na rua, a gente trazia a merenda da rua de canoa. “

Na primeira gestão do Prefeito Guilherme Coelho foi feita a melhoria do acesso à ilha destinando um corredor público de passagem, já que a população enfrentava uma situação difícil que era o acesso pelas roças de terceiros para atravessar o rio, pois não havia um porto para escoamento de produtos e mesmo para travessia. Isto era feito nas roças ribeirinhas causando contratempos com os proprietários. Em

⁵ Prefeito de Petrolina entre os anos de 1983 a 1986.

⁶ O conceito de povo usado aqui no texto faz referência ao modo de se expressar dos moradores da ilha do Massangano representando um sentido restrito da palavra.

2004 já existe uma pequena estrutura de irrigação para o plantio e consumo doméstico, além de um telefone público. Nas residências, encontram-se vários aparelhos de rádio, televisão e celulares.

Além disso, a Prefeitura Municipal de Petrolina realiza alguns programas de políticas públicas em parceria com o Governo Federal, como o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Bolsa – Escola, o Programa de Saúde da Família com agentes de saúde percorrendo os diversos pontos da ilha).

2.2- Vida Social

Em razão da própria natureza rural da comunidade da ilha do Massangano existe uma dupla dimensão a ser considerada. A primeira é que ela é um lugar de vida, pois as relações familiares e produtivas se baseiam na sociabilidade, principalmente em relação ao trabalho. As mulheres se dividem com o trabalho doméstico de cuidar da casa e dos filhos e as atividades de cultivo e venda de hortaliças nas feiras da cidade. Além de mães, esposas, funcionárias da escola existam outras formas paralelas de participação das mulheres do lugar como sambistas do grupo de samba de veio, no ofício de rezadeiras das almas na quaresma. São exatamente essas formas que fortalecem o sentimento de pertença ao grupo e demarca as suas identidades.

Entre 2001 e janeiro de 2004, época da realização da pesquisa, existiam poucas mulheres trabalhando como empregadas em fazendas próximas ou como garçonetes, cozinheiras na ilha do Rodeadouro. Ao saírem de casa, elas delegam a responsabilidade da casa para os filhos e/ou filhas mais velhas os quais passam a ter o cuidado com a casa e os irmãos mais novos. O sentido desta responsabilidade para os

mais velhos está ligado à própria história familiar, a uma hierarquia no cuidado das coisas familiares, na cooperação natural existente entre todos os membros. Em um depoimento a moradora revela a seguinte situação:

Já tive oportunidade de eu ir trabalhar na rua, só que é muita dificuldade pra gente ter que pagar transporte pra ir pra rua, ir trabalhar, ganhar só o salário e ainda ter que depender de tirar pra ainda pagar transporte e tudo, mas pra mulher aqui na ilha tem muita oportunidade, porque só não ter oportunidade da gente ir vender na feira (...)" (Sra. Neuza)

“ Dia de sábado, vendo verdura que eu planto, quando eu chego de lá da escola, eu passo pra roça de tarde, aí planto cebolinha, pimentão, coentro, alface, aí quando é dia de sábado eu vou pra feira, dia de domingo eu vou pra feira, quando é dia de segunda vou pra escola de novo... “ (Sra. Peba)

Para as mulheres da ilha , lavar roupas, utensílios domésticos no rio é uma prática constante, mesmo com a instalação do projeto de água para consumo e uso doméstico. Elas se juntam em grupos pequenos e vão para a beira do rio, sendo esse o momento também para botar a conversa em dia. Esses antigos papéis das mulheres são mantidos e reforçados mesmo com as mudanças ocorridas pelo fato delas saírem para trabalhar fora do espaço da ilha . Isso também é relevante para compreender as suas representações.

Por outro lado, apesar de terem suas vidas centradas no espaço local (WANDERLEY,2001), os moradores da ilha do Massangano não são isolados, pois a própria localização da ilha favorece a integração com os espaços urbanos próximos, numa intensidade que envolve aspectos diversos da vida cotidiana, já apontados por Wanderley (2001) em seu estudo sobre os moradores de Pitanga. As idas constante às duas cidades Petrolina e Juazeiro e a outros lugares para realizar compras e outras atividades, tornam estas cidades,portanto, familiares (Idem, p.57).

Esse contato com estes lugares e suas próprias experiências na ilha , permitiu aos moradores a construção de uma percepção clara sobre a vida urbana, que

justifica as afirmações que eles fazem sobre a vida no lugar o que é “constatação de valorização positiva do meio rural” (Idem, p.57). Aqui todos se conhecem, os vizinhos vivem como se fossem apenas uma família: “*duas cabeças num corpo só*”. Ver algumas informações registradas a esse respeito:

Aqui na ilha é bom, moradia muito boa, é muito tranquilo, eu já tenho muitos anos que moro aqui na ilha , a gente tem as divergências porque no dia a dia acontece né? A vida da gente não é só um mar de rosas, tem espinho também, mas eu gosto de morar aqui na ilha , é muito bom, moro no que é meu. (Sr. Pedro Fereira)

Aqui eu gosto, eu gosto porque aqui, depois que eu cheguei aqui só teve esse desconforto com esse filho meu, mas sobrevivência, viver aqui é calmo, é bom, eu acho bom, graças a Deus, graças a Deus eu tenho meu vizinho muito bom porque ele já tem um bando de ano aqui, e aqui nós vivemos aqui, duas cabeça num corpo só, certo? Porque aqui não tem negócio de cara feia, não tem negócio de o cara hoje é um, amanhã é outro, não. (Sr. Pedro)

Pra mim não há melhor do que isso daqui não. (Sr. João Pedro – Mala Veia)

Tá vendo é água, tá vendo pássaro, tá vendo as árvores balançando as folhas... Lá na roça, qualquer coisa aí você tem alguma coisa pra olhar, molhar maracujá, podar um pé de manga, ajeitar um pé de maracujá, aqui é muito tranquilo. (Sr. Antonio Nunes)

A lógica da vida dos moradores da ilha do Massangano está no valor que a família possui, ou seja, “estar entre os seus”, além de ser uma experiência de estabilidade, segurança e afeto que nenhuma outra comunidade passageira, como a Escola e a Igreja podem assegurar. As pessoas saem do lugar para procurar empregos, estudar, porém estão sempre de volta em suas pequenas unidades, grupos familiares, de parentesco e compadrio. Os parentes, vizinhos são participantes do samba de véio, dos penitentes ou em outros grupos sociais.

As famílias ribeirinhas, consideradas “comunidades afetiva e de interesses⁷” (WANDERLEY,2003:5), querem oferecer melhores condições de vida a seus filhos, por isso os jovens rurais e famílias inteiras saem em busca de novas oportunidades de emprego e de estudo em cidades vizinhas como Petrolina e Juazeiro. Os pais ficam, pois estes têm o passado, as raízes fincadas no lugar e não desejam sair por diversos motivos: não têm condições de se manterem na cidade, pois a mesma é um lugar difícil e estranho para se viver.

“É no interior da família que o jovem é socializado, participa do esforço de trabalho comum, beneficia-se das possibilidades de consumo que a família pode oferecer” (Idem, p.6) Na fala de um morador constata-se a seguinte situação: *Se todos os filhos da ilha tivessem ficado aqui, essa ilha não caberia de tanta gente*”. Como afirma Wanderley (2003:10) “os projetos de individualização que se encaminham para a emancipação profissional e constituição de uma nova família só serão viabilizados na medida em que a propriedade familiar assegure de fato os meios para a sobrevivência de todos”.

Nas entrevistas realizadas, os jovens manifestam o interesse em freqüentar um curso universitário ou mesmo passar em concurso público, pois as oportunidades de trabalho na ilha ainda são restritas o que não é considerado por Wanderley (2003) como uma “crise na agricultura familiar, mas representa a oportunidade de participar da vida urbana, de ter uma independência profissional, ainda que isso represente, às vezes, a submissão a um sistema que explora de maneira avassaladora a força de trabalho”.

⁷ A comunidade afetiva se baseia nos valores morais e sociais dos membros da família, enquanto comunidade de interesses visa a realização de objetivos comuns os quais constituem o patrimônio familiar e comandam a divisão interna do trabalho. (WANDERLEY,2003)

Eu vendia na feira, aí depois eu fui estudar, saí daqui, fui pra Agrovila⁸, depois fui pra rua, me formei... aí mas eu penso em melhorar ainda cada vez mais né? Eu penso em ir para a faculdade. Eu já estudei, já fiz vestibular duas vezes não consegui mas vou tentar outras vezes. Eu fiz o concurso da PM também. (Rosângela dos Santos)

Para melhor compreender a situação do jovem rural da ilha do Massangano, será necessário buscar o recorte no estudo realizado por Wanderley (2003) sobre *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro* quando se aborda a dupla dinâmica social em que se insere o jovem rural: a primeira diz respeito aos espaços de vida que se entrelaçam e dão sentido às experiências dos jovens, pois eles estão em constante inserção na comunidade local e nas cidades vizinhas. Essa dinâmica espacial se relaciona a outra a dinâmica temporal: “o passado das tradições familiares que inspira as práticas e estratégias do presente e o encaminhamento do futuro” (WANDERLEY,2003:4).

Os jovens manifestam entusiasmo com os atrativos da rua: o shopping, as festas, a busca de produtos para o uso pessoal. Para os jovens da ilha , a “rua” representa também um espaço destinado às compras da família, a busca de serviços (bancos, hospitais, médicos, supermercados, o shopping) que a cidade tem a oferecer.

“Eu gosto de sair pras festas, pros lugares ali pro lado de Petrolina (...)Até lá em Branca, de Branca nós volta pra casa. Ali em Petrolina ali perto das Palhinhas.Lá é um brega. Nós só anda desse lugar aí pra cá, nós anda nas festa em todo canto daqui, em Raimundão, no Rodeadouro, no Roçado⁹. (...) Não gosto não de ir pra festa em Petrolina não. Lá é um tumulto da porra, sai tiro, é capaz de uma bala pegar no caba”. (Charles William)

⁸ A agrovila do Massangano é outro povoado localizado no lado de Pernambuco. Lá também existe uma escola municipal onde alguns alunos da ilha do Massangano também estudam.

⁹ A vila do Roçado fica na margem direita, do lado de Pernambuco. Nesse povoado está a escola onde os alunos da oitava série até a terceira série do ensino médio freqüentam à noite, após o trabalho nas roças.

Olha, quando eu vou resolver as coisas, (...) mas quando eu não vou, eu vou no shopping... gosto, ah, isso é o que eu gosto mais. (...) Só gosto de andar na moda, as meninas mesmo falam. (Rosângela Maria dos Santos)

Outro aspecto observado na avaliação da vida social é quanto ao exame da distribuição espacial das construções existentes na ilha que foi estruturada pela hierarquia das famílias, ou seja, em cada "vila" há a casa do patriarca ou "matriarca" e ao redor as casas dos filhos ou parentes mais próximos. Nas "roças particulares" já é diferente: existe apenas uma casa e mesmo que exista morador trabalhando, este ocupa um espaço na casa, um quarto. Não havendo, assim, maior separação quanto aos pertencentes da casa, bem como no preparo dos alimentos e na hora das refeições em que a família do proprietário e a do empregado se sentam juntas para cear.

Portanto, os moradores da Ilha concentram seus esforços na própria família que ainda se constitui na referência primeira. Quando os filhos se separam, terminam seus relacionamentos conjugais, eles voltam para a casa dos pais a referência principal na reconstrução do núcleo familiar.

Em visitas às famílias que residem no lado direito da Ilha , na ponta do lado do Rodeadouro¹⁰, recordamo-nos da visita feita a Sra. Isadora¹¹ que não parava de se queixar sobre os infortúnios da vida, bem como o seu desejo de também se aposentar.

“Fui à previdência e levei três vizinhos como eles me pediram: Odelino, Betulina. Lá, eles foram entrevistados”. (...) acho que daqui a sessenta dias eu vou lá saber a resposta.

Nessa conversa, a Sra. Terezinha que também estava participando das visitas, comentou sobre os cuidados que precisa ter com a mãe, inválida em uma cama.

¹⁰ Ver mapa da ilha em anexo

¹¹ Encontramos a Sra. Isadora lavando roupas. Ela veio nos receber com entusiasmo, embora começasse a falar sobre os direitos que tem de receber a aposentadoria da mãe.

Evidencia-se com isso que na ilha do Massangano, os velhos se tornam mais uma obrigação para a família, principalmente quando estão em um estado de total dependência. Muitas vezes é um dos filhos quem se delega como responsável, garantindo e dando os cuidados necessários para que seus familiares idosos tenham um melhor conforto. Essa tarefa é árdua, requer dedicação, renúncias, pois não se deve deixar os velhinhos sozinhos em casa e sair, mas sempre ter alguém presente em constante vigília. Isso se justifica com as afirmações de Wanderley (2003:4) de que a família é uma “comunidade afetiva que se constitui por laços de solidariedade, capazes de explicar o sentido de responsabilidade e proximidade entre os membros familiares”.

A preocupação com os pais, com a família faz parte do modo de vida desse povo sertanejo. Em muitos relatos, os entrevistados faziam referência à família, a responsabilidade e o cuidado que deveriam ter com os pais. O Sr. Félix dos Santos ressalta a sua responsabilidade com a mãe:

Quando foi em 75, mãe veio embora na frente, veio embora, eu não queria vim, aí eu fiquei lá, solteiro porque toda vida eu trabalhei pra ajudar ela, aí depois aqui ela inventou essa, plantou uma cebolinha e mandou me chamar, pra eu vim pra tomar de conta que ela sozinha não dava conta, aí eu vim, quando cheguei aqui quinze canteiros de cebola: mas mãe, eu aqui no meu trabalho né? (...) Eu trabalhava lá em São Paulo e mandava o dinheiro pra mãe. (...)

Em outras entrevistas, as falas emotivas e fragmentadas dos entrevistados apresentam significados que aproximam o ouvinte da força dos fatos narrados, do sentido que as histórias têm na vida deles, como a dor da perda de um filho que é real e presente, apesar do tempo transcorrido, não havendo um corte, pois conforme afirma Bosi (2003) “*a duração do relato coincide com o tempo lembrado que é assim intuído por dentro*”.

Na verdade, as pessoas do lugar são percebidas como compartilhando – “com diferenças que o rito iguala e a fala oculta - uma mesma vida” (

BRANDÃO:1995). Um modo de ser "da ilha " equivalente o bastante para afirmar por meio da diversidade reduzida de uso dos recursos familiares do cotidiano a crença na família e nas amizades.

A preocupação com a família também está presente em todo o discurso do Sr. Pedro. Ele relata que a sua terra foi recebida do pai, herança de um tio chamado Martiniano Rodrigues Ferreira¹², comerciante em Juazeiro e proprietário de boa parte das terras na ilha do Massangano.

Antes da construção da barragem de Sobradinho, o pai do Sr. Pedro queria vender as terras na ilha do Massangano e ele não deixou que isso acontecesse. Depois, quando a família do Sr. Pedro, que já estava casado e com filhos, precisou sair da ilha de Santana do Sobrado/BA¹³ em decorrência da hidrelétrica, o pai dele o chamou para que ele viesse conhecer o lugar antes de ir para Xique-Xique/BA. O Sr. Pedro relata textualmente a fala do Pai: *“você quem sabe, agora eu achava que você devia vim pra aqui, você já tem sua casinha aí, você vai viver na ilha do jeito que você vive lá onde você morava”*.

Depois de conhecer a ilha do Massangano em um dia de domingo, o Sr. Pedro foi buscar a família e trouxe também um grupo de dezessete pessoas que o acompanharam na nova morada.

“Nós morava na região de Santana do Sobrado, nós morava lá também em uma ilha , viu? (...) chegamos aqui no primeiro ano plantamos uma cebola, até que eu tirei as despesas, no mês de junho eu terminei de arrancar a cebola (...) Foi em setenta e sete, aí chegamos, cuidamos, plantamos a cebola, arrancamos a cebola no mês de junho, depois que nós arrancamos a cebola, o preço tava lá em cima (....)” (Sr. Pedro)

¹² O Sr. Martiniano Rodrigues Ferreira era solteiro e ao falecer, ele deixou de herança suas terras na ilha do Massangano numa área de aproximadamente 240 hectares. Com o tempo, os familiares venderam suas partes da herança, ficando apenas a terra do pai do Sr. Pedro que também deixou sua parte para os filhos.

¹³ Essa ilha ficava a duas léguas de distância da Barragem de Sobradinho com uma população de aproximadamente setecentas pessoas que foram deslocados para muitas regiões: São Paulo, Alagoas, Bahia entre outros lugares.

O Sr. Pedro no início da entrevista recordou a sua chegada à Ilha . Era interessante perceber como as lembranças eram nítidas e estavam presentes em sua mente. Suas falas eram reproduzidas fielmente, o que tornavam os fatos mais recentes. Até aquele momento a vida do Sr. Pedro havia sido partilha da com muita luta, sofrimento, relembra-la tornava-se um ato de extrema coragem e sensibilidade.

Os fatos da história de vida do Sr. Pedro apresentam o significado dado ao papel que a família possui. Cuidar da família é ainda uma representação do sujeito que se insere na comunidade da ilha . Além disso, ao estar atenta à escuta da voz e do *pathos* do narrador oral (neste caso, o entrevistado) que revive momentos cruciais de sua vida, distingue-se uma fala que, enquanto produz imagens, conota sentimentos do tempo. Para Bosi (2003), é a melodia do passado, interpretada pelo presente. Ainda segundo esta pesquisadora, *a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações* (2003:36).

Na entrevista, o Sr. Pedro recordou a sua chegada à Ilha . Era interessante perceber como as lembranças eram nítidas e estavam presentes em sua mente. Suas falas eram reproduzidas fielmente, o que tornavam os fatos mais recentes. Até aquele momento a vida dele e de sua família havia sido partilha da com muita luta, sofrimento, relembra-la tornava-se um ato de extrema coragem e sensibilidade.

O Sr. Pedro iniciou o relato da morte de seu filho sem nenhuma pergunta direta. A narrativa surgiu a partir do questionamento sobre alguns aspectos de sua vida, a família. Sua esposa e filhos residiam na ‘rua’ como eram chamadas as cidades de Petrolina e Juazeiro.

Vou levar Neto¹⁴ pra roça, se ficar desse jeito aqui ele vai ficar na base da malandragem e eu não admito isso, Neto, vamos pra roça, ele disse: vou, vamos, trouxe, tá aqui, aqui ele ainda hoje tá, se acostumou logo aqui e aí eu tinha outro filho que ele morreu (...)

- Isso foi há quanto tempo, Sr. Pedro?

- Já faz agora no dia onze, no dia onze desse mês fez nove anos, foi, mas para mim, parece que foi ontem, certo?

A partir desses questionamentos, o Sr. Pedro começa a relembrar dos fatos:

“ Dico foi uma viagem ali em Casa Nova em um carro, de lá pra cá o carro (...) encima de uma mercadoria, atravessou um cara na frente, o cara bateu o pé no freio de vez, ele foi saltar lá, quando saltou lá né? foi morto, aí pronto, pra acabar de completar aí o cara ainda deu uma ré, quando deu uma ré o carro passou por cima dele, pronto, aí se acabou, ele não vivia aqui na roça não, esse daí estudava e trabalhava na prefeitura, ele era Office boy da prefeitura, todo lugar, Petrolina, Bonfim, todo lugar pra resolver qualquer coisa ele ia, coisa da prefeitura, e aí nesse dia ele tava em negócio de amizade né? Ele tinha amizade lá com um comerciante e o cara chamou ele: você hoje não tá fazendo nada, vamos em Casa Nova? Levar uma mercadoria? Olha, ele já tava, um dia de sábado, ele já tava quase pronto pra vim aqui pra roça, eu disse a ele: vamos, eu sei que aí ele foi pra Casa Nova, e nós viemos aqui pra roça, rapaz, que quando nós estamos aqui de tardezinha, tava aqui deitado, nesse mesmo lugar aqui, um cara gritou ali, que era esse daí, Chiquinho, eu digo: Oxente, Chiquinho ali, o que foi que aconteceu? Aí eu vou lá, quando chegou lá ele disse, já conheci logo: o que é rapaz? O que foi? Ele disse: rapaz, aconteceu um acidente com Dico aí e digo: ah rapaz, eu digo: rapaz, eu sei que meu filho morreu, ele disse: foi “. (...) ”

Alguns compraram lotes de terra e, por isso, hoje eles também se consideram povo da ilha . A senhora Maria Rosa, por exemplo, hoje com 85 anos chegou à ilha há mais de 30 anos com os filhos e o marido para morar perto de uma filha que já vivia no lugar:

“Nós estávamos na usina, no Garanhuns. De lá essa menina minha ((apontando para a filha)) era casada, veio pra cá, derradeiro veio eu com o resto...” (Sra. Maria Rosa)

¹⁴ Filho do Sr. Pedro que hoje reside na própria ilha e trabalha na agricultura e como barqueiro nos fins de semana.

“Eu vim passear, passear na casa de meu irmão, (...) de Juazeiro eu resolvi vim até a ilha na casa de Josuel, aí que carnaval foi esse que eu vim passear aqui na ilha, aqui mesmo, gostei, continuei morando uns meses, depois desses meses voltei à Santa Maria novamente, aí vim plantar roça, depois dessa plantação de roça, arranjei um namorado, (...) daí surgiu o casamento, continuei morando na ilha Massangano. (Sra. Terezinha Caldas)

O povo da ilha que resiste às adversidades e mantém a integração da comunidade pela disposição geográfica das famílias, já que existe uma grande proximidade entre os grupos, embora também haja o distanciamento dado pelas roças e cercas que separam as propriedades. Mesmo assim, são os laços de parentesco que os aproximam, inclusive, por se manterem num mesmo local, resultando na formação de “vilas” cujos nomes são dados aos espaços onde se concentram maior número de casas reunidas num único local.

As ‘vilas’ são dispostas estrategicamente ao redor do chefe da família e recebem denominações de acordo com as peculiaridades de cada espaço. Os moradores, apesar de residirem em ‘vilas’ distintas, estabelecem ‘costuras de sentido’ – expressão utilizada por Brandão (1995) para explicar as relações de trocas e as obrigações recíprocas de dar, receber e retribuir.

Alguns nomes dessas vilas se destacam como a vila de Peba, apelido dado à senhora Creuza pelo seu pai ainda criança: *“quando eu nasci era bem gordinha e só vivia cavando o chão, aí ele foi e botou esse apelido, aí ficaram chamando Peba mesmo”*. Todos se dirigem à vila de Peba, referindo-se a casa dela ou dos filhos. A vila de Manezão também recebe esse nome porque como a maioria das outras ‘vilas’ os residentes são filhos ou a parentela do Sr. Manuel que pelo seu tamanho recebeu este apelido.

Já a vila dos índios comenta o Sr. Eláido é porque *“ nós tinha um time aqui e era muito curto o time, nós ganhava também muito e botaram Vila dos índios.*

Cadê os índios, vai jogar e finalmente ficou assim Vila dos Índios. “ Enquanto a vila da zuadenta porque sempre foi visto como o espaço mais barulhento da ilha , há festas e outras diversões como jogos de sinuca no lugar. Tudo isso mantém uma rede de relações sociais primárias construídas e solidificadas pelos laços de parentesco, de compadrio e vizinhança.

Para dar sentido à descrição desses espaços, recorre-se ao que Bosi (2003) caracteriza como sendo espaços de elos familiares, já que os objetos pertencentes a esses lugares fazem parte do cotidiano da vida de seus donos, tornando-se mais expressivos de acordo com o grau de afetividade (expressividade) presente neles, ou seja, muitas vezes são relíquias da família e não podem sequer ser substituídas ou trocadas, pois representam uma experiência afetiva do dono da casa.

As casas dos moradores da ilha são simples, pequenas, o chão de algumas não tem piso. Poucas possuem banheiro e se o têm é fora da casa, à parte, para uso coletivo de duas ou mais famílias. No interior dos lares da ilha o que mais chama a atenção são os detalhes da decoração que marcam a singularidade de seus proprietários.

Em cada casa, existe uma profusão de objetos¹⁵ pessoais espalhados pelas paredes, como fotos dos familiares em ocasiões festivas, quadros com imagens de diversos santos, fotos de familiares vivos ou já falecidos. Há ainda alguns arranjos na sala, flores de plásticos, um aparelho de TV e/ou som completam a caracterização desse ambiente familiar tão peculiar.

Uma característica peculiar da vida do povo da ilha é que eles, no período de muito calor, dormem fora de casa, ao relento, inclusive aqueles que têm, usam mosquiteiros, redes, esteiras, outros dormem em cima de bancos ou por cima de

¹⁵ Para Violette Morin citada por Bosi (2003:26) esses objetos são chamados de biográficos, os quais envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida.

papelões. Ficam lá durante toda a noite. Ao passar por essas casas, somente os cachorros dão sinal de vida, fazendo barulho. Na rua principal, algumas famílias preferiram ficar dentro de casa já que para alguns moradores existe uma preocupação em se proteger da chegada de estranhos que vêm modificar a rotina do lugar.

Quando se passa por esses lugares muito tarde da noite, é costume alguém acordar e dar um grito, os cachorros param de latir e mais nada perturba o sono daqueles que dormem ao relento. Esse hábito foi herdado dos mais antigos que procuravam se proteger do calor das noites quentes do sertão e isso se perpetua até hoje ou até quando houver segurança no lugar. Em conversa com um dos moradores, ele falou que:

Quando brigava com minha mulher, ia para cima da árvore e dormia lá em cima, tinha raposa (...) não tinha medo de nada, era só levá minha esteira.... (Sr. Jonas Luiz da Silva)

Como em muitos recantos sertanejos, na ilha do Massangano a solidão não é um costume do povo e aquele que vive solitário é considerado um infeliz, um coitado, sem família ou a não ser que a pessoa goste e se refugie lá de forma voluntária. Se isso acontece, os mexericos, as conversas se iniciam entre a vizinhança na tentativa de descobrir o porquê de tal fato.

Existem casos de alguns moradores mais velhos viverem sozinhos ou de irem nos fins de semana para a ilha do Massangano sem a companhia de ninguém. Essas pessoas estão sós, mas não longe da roda de parentes ou vizinhos que os circundam. Já as relações de amizade são regidas por condições naturais e sociais profundas, solidificadas pelas conversas, pelo diálogo constante.

Nas noites de sábado e domingo, os homens e algumas mulheres costumam ficar nos barzinhos da própria ilha, numa conversa animada sobre o trabalho, a vida, as chuvas, os últimos acontecimentos. Assim entre uma cachaça e

outra - “a sapupara” – podemos perceber o quanto o imaginário cotidianamente trocado entre as conversas masculinas versam sobre as histórias do passado, as aventuras da mocidade vividas, algumas vezes em outras terras, lugares distantes já que muitos não nasceram na própria comunidade. É nessas conversas descontraídas, sem preocupação com o tempo que esses homens e mulheres vão revivendo suas histórias de vida.

Na ilha só existem duas "terras" em que o proprietário fez uma casa separada para o morador. Um deles não se encontra na região e, por isso a casa principal fica fechada. Foi justamente esse morador quem cercou suas terras "de cima" da Ilha . Essa cerca, embora delimite os espaços das terras dele, tornou-se um incômodo para o povo da Ilha , pois impediu a passagem de pedestres nas terras, inclusive, é nelas que perpassa a iluminação feita desde a parte central da Ilha até as vilas mais próximas, numa reta, ou melhor, no caminho, no "carreiro" da ilha . Passagem tradicional dos moradores, estudantes, enfim entre os vizinhos.

Essa decisão de cercar as terras já era uma idéia antiga do proprietário e quando houve oportunidade para realizar tal fato, não existiu nenhuma consulta ou interesse de discutir tal decisão, nem mesmo com o vizinho mais próximo. Em sua fala, um morador diz que não houve consulta, nem respeito do proprietário de preservar o caminho antigo.

No momento, a passagem é feita pela estrada da carroça e quando molham as plantas, o trajeto fica difícil, perigoso, inclusive, quando os alunos retornam à noite da escola passam por lama e escuridão. Esse pequeno conflito gerou indignação por parte de alguns moradores, porém nada foi feito para ser modificado, pois a população parece aceitar tal situação, apenas reclamando quando alguém aborda o assunto.

Esse fato pode ser comparado ao que foi exposto por Brandão de que as pessoas do lugar, participando desigualmente das condições sociais de produção são percebidas como compartilhando “*com diferenças que o rito iguala e a fala oculta uma mesma vida*”, ou seja, *existem oposições reais entre as pessoas ‘do lugar’ e aqueles que não apenas chegam “ de fora”, mas são e continuam sendo ‘de fora’* “ (1999:103).

2.3 - As Expressões Culturais

O mês de janeiro é uma época especial para o povo da ilha . Além das chuvas, é o momento de se comemorar a festa de Santos Reis. No restante do mês, o samba de veio¹⁶ realiza apresentações por toda a ilha . Em 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, comemora-se com oferendas para a Rainha das Águas num percurso de barcos pelo rio São Francisco.

Tudo isso mostra que o povo da ilha é fervoroso e preserva velhas tradições dos seus antepassados como na quaresma, quando um grupo de moradores mantém a prática do sacrifício pessoal: a penitência¹⁷ realizando a peregrinação por pontos estratégicos de toda a ilha . Nesse período, várias famílias pagam promessas às almas, oferecendo um café completo aos penitentes.

Este ritual é realizado em sigilo ficando a cargo do dono da casa e de sua esposa, pois os demais membros da família não podem presenciar a refeição. Os alimentos, como o café, o bolo, a tapioca são preparados pela dona da casa todos os anos. Na residência da Sra. Terezinha Caldas esta é uma tradição, ou como ela mesma disse “uma promessa” de mais de vinte anos. O costume de oferecer alimentos é visto

¹⁶ Ver caderno de fotos.

¹⁷ Para Cascudo citado por Queiroz (1973) a prática dos penitentes é herança européia que vem desde o século X.

por Cândido (2001:38-39) “*como o prolongamento de uma prática imemorial, na qual a ingestão de alimentos traz uma poderosa carga afetiva transformada em manifestação simbólica*”.

Os penitentes têm participação apenas masculina e se realiza integralmente entre grupos de homens devotos que, no período da quaresma se flagelam sem a presença de mulheres. Elas fazem parte de um outro grupo que é o das ‘alimentadeiras das almas’. Segundo a pesquisadora Antonila da França Cardoso em seu livro “*Nosso vale... seu folclore beira-rio*” (1985:19), as alimentadeiras das almas¹⁸ acompanham os penitentes durante a quaresma, as segundas, quartas e sextas-feiras. Cada noite as alimentadeiras cumprem sete estações. “Sete também é o número que cada membro do grupo assume com a penitência. Se morrer antes de cumpri-los, um parente substitui no cordão até completar o tempo previsto” (cf. Cardoso, 1985:22).

Um cordão de jovens e mulheres acompanhadas por alguns homens, parentes e amigos realizam um percurso de algumas paradas para orações e súplicas às almas. Esses locais são, geralmente, encruzilha das ou o no pequeno cemitério na própria ilha, onde estão sepultados corpos de crianças e/ou recém-nascidos.

A religiosidade também está presente na devoção ao padroeiro Santo Antonio. A festa do padroeiro é comemorada todos os anos na Ilha com uma trezena ao Santo, a partir do dia primeiro de junho. No dia 13, quando vários grupos de moradores já organizaram o dia da festa com a presença de equipes de apoio da própria comunidade, são celebradas uma missa e procissão, em seguida, acontecem apresentações do samba de veio e de bandas de forró¹⁹. Numa constante harmonia da

¹⁸ Ver caderno de fotos.

¹⁹ Nos últimos quatro anos, os grupos artísticos regionais com patrocínios de empresas e pessoas têm sido convidados para a festa de Santo Antonio. A presença desses artistas, tais como o Grupo de Forró *Pega Leve*, *Targino Gondim* atrai muitos convidados para a festa.

comunidade da ilha que valoriza estes eventos. Decorre daí que os grupos formados na ilha do Massangano por parentes e vizinhos se “constituem em equipes estáveis para a prática de experiências religiosas coletivas” (cf. BRANDÃO,1999:149).

Outras demonstrações da religiosidade e fé do povo da ilha são as novenas a Santa Terezinha Missionária, as promessas a São Gonçalo, a crença nas orações das benzedadeiras²⁰ para tirar dores de cabeça, “o sol”, afastar mau olhado, dores de barriga em criancinhas. A Sra. Vanilda é uma das benzedadeiras mais procuradas na ilha. Quando estávamos fazendo a entrevista na casa dela, um jovem veio pedir que ela rezasse para tirar suas dores e mau-olhado. As famílias da ilha também se preocupam em cumprir as promessas feitas a São Gonçalo, mesmo que o prometeiro morra²¹ antes de cumprir sua obrigação.

Foi isso o que se presenciou na Ilha do Massangano, ao participar de uma roda de São Gonçalo na casa de uma família cujo membro já falecido - a sogra do Sr. João Massangano -, havia feito a promessa ao santo. O dono da casa se sentia com a incumbência de finalizar a promessa feita pela sogra para que o defunto não viesse “aperrear” a família. Para isso, foi improvisada uma latada e no fundo com uma armação de madeira. Como a dança estava sendo realizada para pagar promessa de alguém que já morreu o pano de fundo era preto, tendo sido trocado por um pano branco ao concluir a roda no fim da manhã.

Quem inicia a dança, tem que terminá-la e a pessoa que faz a promessa ou a cumpre em nome de algum parente tem de arcar com as despesas da comida e bebida oferecidas aos convidados presentes. Durante a festa, foram servidas refeições

Autoridades como o Prefeito de Petrolina, alguns Vereadores e Deputados também são presenças constantes nesses eventos da ilha.

²⁰ Ver caderno de fotos.

²¹ Segundo Cardoso (1985:115), “Quando a Roda de São Gonçalo ocorre em cumprimento à promessa de alguém que já morreu antes de poder pagá-la, recebe o nome de *São Gonçalo de Finados* (grifos da autora).

para os que compareceram. Não importa a idade ou sexo, todos dançavam e acompanhavam os passos daqueles que conduziam a roda. Nesse mesmo dia, 29 de outubro de 2003, o Sr. Félix participava da roda do santo, depois ao entrevistá-lo em janeiro de 2004, foi feito o questionamento sobre o período em que a Roda de São Gonçalo²² poderia ser realizada. Segundo o entrevistado, não havia uma época específica para cumpri-la, mas se fosse uma promessa não paga, ou seja, quando a pessoa morre antes de cumprir a promessa e depois de morta vem pedir aos familiares a realização do que foi prometido, havia os dias determinados para pagar a promessa.

Ao indagar ao Sr. Felix se as pessoas da ilha cumprem as promessas ao São Gonçalo, ele começa dizendo que sim e ele mesmo já pagou uma promessa. Durante a narrativa, enfatiza a sua preocupação em realizar o prometido, em pagar a dívida em vida, pois o povo também o pressionou, mantendo, dessa forma, uma relação de troca, de reciprocidade, pois o não cumprimento poderia trazer conseqüências para o povo do lugar. Isso se evidencia nas palavras: *São Gonçalo não perdoa!*

Eu fiz uma promessa, foi promessa e não foi, porque o povo ficou dizendo que São Gonçalo não perdoa. Eu tava com a roça cheia de cebola ali naquela de baixo, aí fui e chamei o rapaz que tava mais eu plantando e disse: Seu João, se nós ganhar dinheiro, vamos fazer uma roda de São Gonçalo aqui nesse terreiro? E ele disse: vamos. Foi nada não, nós não ganhamos dinheiro, nós só livrou as contas, coisinha pouquinho, então nós achou que não tava devendo ao santo, mas o povo ficou, muita gente sabia da promessa e ficou dizendo que eu tava devendo. Eu disse que não, eu disse que se ganhasse dinheiro, e eu não ganhei, só tiramos uma conta e foi mixaria. Ah, mas São Gonçalo não perdoa, você tem que fazer, senão quando você morrer você vem aperrear o povo. Ai eu digo: então, vamos trabalhar, fazer ai, ajeitei e fiz, mas a promessa foi essa.

O samba de veio é a expressão usada pelo povo da ilha para uma das formas de manifestação cultural cuja origem vem de muito longe, provavelmente da

²² Para Queiroz (1997:138) a dança de São Gonçalo atualmente não é apenas realizada para obter ou agradecer casamentos, mas também em cumprimento de promessas feitas: boa colheita, cura de moléstia. Por isso, não existe uma data fixa para execução da dança, ou seja para o pagamento do promissário.

época dos negros e índios quilombolas, embora não se tenha registro do início dessa tradição eminentemente oral. Tudo o que se sabe está guardado na memória dos mais velhos.

Segundo a Sra. Creuza, o samba de véio da ilha do Massangano só saía pela ilha no final de dezembro até janeiro, durante a comemoração de Santos Reis, quando os foliões se reuniam e os sambistas também acompanhavam o cortejo. A roda de samba era uma forma de agradecimento às oferendas arrecadadas no mês de janeiro para a festa de Reis.

Era samba de véio, toda vida foi samba de véio, toda vida, agora era dos reis, sempre era o samba acompanhava o Reis. Esse samba aqui tem mais de cem anos, o samba era assim era o reis, se chamava reis, aí quando era pra sair no tempo de minha mãe, no tempo dos véi, que eu me lembro, (...) saía numa casa pra ir nas casas que mãe levava a gente, mãe já dizia: ói, ninguém fale, é pra chegar nas casa de surpresa, aí até na ponta do pé ia, pra pegar o dono dormindo pra não acordar, hoje em dia tá tudo diferente né? Quando chegava lá aí cantava os santos reis (...) aí o dono de casa tava era dormindo aí levantava, abria a porta, podia ter um morto, tinha que cantar, (...) era desse jeito, e saía assim, todas casas desse jeito, aí depois Raimunda Solposto ficou com nós mas já foi dum tempo desse pra cá, de Raimunda Solposto tem uma base de quatro anos, uns quatro anos aí ficou assim... pra levar pra Recife, aí ela ajeitou tudo pra levar e nós fiquemo andando aí com apoio foi de Fernando que ajeitou mais (...) (Sra. Creuza)

Existem hipóteses entre os moradores mais antigos de que o samba nasceu com os negros escravos refugiados nos quilombos, do outro lado do rio, tendo seus descendentes, com o tempo, migrados para a ilha , ou com os índios cariris que habitavam o alto sertão pernambucano, muito antes dos portugueses que aqui chegaram.

Na ilha do Massangano, a festa de Reis²³ segue a tradição folclórica (Cf. RIBEIRO,1970:319). As pessoas se reúnem à noite tendo à frente a bandeira cheia

²³ José Ribeiro em seu livro “ *Brasil no Folclore*” (Aurora: 1970), comenta que a folia de Santos Reis tem a finalidade de visitar os moradores do município, especialmente nas zonas rurais para obter donativos para a festa de Reis. Há referências dessa festa em diversos

de fitas, chamada de ‘bandeira dos Santos Reis’ com a figura de Deus Menino, de outros santos e dos três Reis Magos. O pandeiro, o tamborete de couro de bode, a viola são instrumentos que acompanham a procissão. Em cantoria, os foliões seguem de casa em casa por toda a ilha para arrecadar donativos para a festa de Reis no dia 6 de janeiro. O evento só termina de madrugada.

Era costume o samba de véio na ilha acontecer sempre após o trabalho, no final do dia. Na ocasião, os moradores se reuniam para ‘enfrentar’ (CARDOSO:1985) uma noite de samba, sempre no terreiro, na frente das casas. Enquanto isso, o puxador do samba começava o canto acompanhado pelo barulho dos tamboretas de couro, do triângulo e alguns poucos instrumentos musicais. Assim, logo se forma um círculo com os sambistas, reforçando o ritmo com as batidas de palmas e dos pés. Nisso, uma garrafa de cana passa discretamente entre os presentes. “Cada um toma um gole, limpa a boca com as costas das mãos e entrega a garrafa ao vizinho” (CARDOSO,1985:147).

Nesta região, existem outros grupos de samba de veio como o da ilha do Rodeadouro/BA, na localidade do Salitre/BA. No entanto, o único que se tornou mais conhecido foi a da ilha do Massangano. Esse destaque foi atingido por intermédio de sua representante, a Sra. Raimunda Sol Posto, filha de Petrolina, mas que sempre manteve uma relação estreita entre as pessoas da ilha porque tem laços de família, já que seu marido é da ilha e pelos serviços prestados à comunidade, no início como vereadora do município de Petrolina, depois por ser uma das lideranças da comunidade.

estados com pequenas variações, mas em todos os lugares a procissão de Santos Reis visita de casa em casa os moradores, que mesmos já dormindo devem abrir as portas para deixar entrar os foliões. Segundo D. Creuza da ilha do Massangano “*hoje em dia é que quando a gente chaga já tá é as porta aberta*”.

Essa participação de D. Raimunda na ilha começou em 1982, quando ela realizou um trabalho num projeto de saúde na ilha .

“ Em 1982, doutor Augusto era prefeito e me convidou, sem ter assistência nenhuma médica, e eu fui entrando na ilha pra ajudar a comunidade, naquela época não existia agente, não, era um trabalho voluntário (...)

Logo depois, ela construiu uma residência na ilha e, assim pôde conhecer a cultura e o samba de véio que era uma prática comum nos finais de ano, quando os sambistas saíam de casa em casa pedindo donativos para a Festa de Santos Reis. Segundo D. Raimunda Sol Posto, nas conversas com os mais velhos, ela foi resgatando a história do samba: *“tinha uma velha que chamava Isabel e essa velha me pedia pra que eu não deixasse o samba morrer, essa era a única diversão que eles tinham”*.

Assim, D. Raimunda Sol Posto reuniu o grupo, organizou e fundou a ‘Associação Cultural do Samba de Véio’ com o objetivo de fortalecer o grupo e de divulgar o trabalho dos sambistas e da ilha do Massangano na mídia e em outros lugares. Atualmente, a Associação Cultural do Samba de Veio possui uma secretária – a Sra. Maria das Graças Sol Posto que organiza as apresentações do grupo.

Segundo a Secretária, o samba de veio lançou o primeiro CD em 2002, pela produtora África Produções no Marco Zero em Recife/PE, fazendo parte do projeto “Pernambuco em Concerto” no qual havia a participação de outros artistas regionais. O lançamento desse CD²⁴ trouxe muita alegria para os sambistas, embora a tiragem e a divulgação tenham sido insuficientes.

Com as apresentações realizadas nas cidades de Petrolina, Juazeiro, no Pelourinho em Salvador, Recife (em 2 de maio na festa da Lavadeira, no Marco Zero),

²⁴ Em 2004, houve o lançamento do segundo CD do grupo no festival de inverno em Garanhuns/PE – resultado das oficinas desenvolvidas no Festival, mas ainda não está sendo comercializado.

o samba de veio passou a ter uma nova característica, que não se restringe mais à simplicidade da manifestação na própria ilha . Essa nova caracterização pode ser percebida pelos trajes confeccionados, uniformes, que foram adquiridos pelo patrocínio de algumas pessoas, já que antes não havia trajes, as roupas eram simples, do dia-a-dia:

“A primeira roupa fui eu que comprei, juntando todo mês do meu pequeno ordenado pequena quantia pra poder comprar as primeiras roupas velhas, aí seriam as camisas de malha e umas saias estampadas, a segunda roupa quem nos deu foi a TV Grande Rio e a loja Narciso, foi quem nos patrocinou, a TV Grande Rio e a Narciso que patrocinou a roupa e a costura, e a terceira roupa quem nos deu foi o deputado Osvaldo Coelho e o deputado Ciro Coelho, que ajudaram a dar a roupa”. (Sra. Raimunda Sol Posto)

Em virtude de uma reportagem na TV Cultura o samba de veio ficou conhecido até mesmo pelas pessoas de Petrolina e Juazeiro. Logo depois, os alunos do CEFET/PE em Recife vieram visitar a ilha para conhecer o samba:

“ O professor Fernando que é exatamente quem conheceu dona Raimunda aqui, ele viu uma matéria na televisão, foi exatamente em cima dessa matéria que ele saiu pesquisando a história do samba, a origem do samba, na realidade o Samba de Véio surgiu dessa pesquisa, se descobriu que a origem do samba não foi carioca e teve toda uma intensidade de Pernambuco e do Brasil, e conserva essa raiz, aí descobriu através de dona Raimunda que tinha esse grupo na ilha do Massangano que há muitos anos conservava a origem do samba” (Profª Elisabete- CEFET/PE)

Segundo relato do Sr. Chico Tim que presenciou a apresentação do grupo, em das ocasiões em que foi se apresentar na capital pernambucana existiu para o informante uma mistura de surpresa e preocupação com fato de encontrá-los descontraídos, bebendo 'cachacinha' e comentou para D. Raimunda Sol Posto que eles estavam na capital e bebiam muito. Prontamente, ela respondeu :

É assim mesmo, quanto mais eles bebem, mais sapateam com ritmo e garra (...) No momento que eles tão dançando, eles só dançam bebendo, porque o samba é muito quente, ele tem um ritmo muito forte, se você não toma alguma coisa pra esquentar você não consegue fazer, que o samba é forte”.

As apresentações realizadas pelos sambistas podem ocorrer por duas formas distintas: uma é quando eles são convocados pela Sra. Raimunda Sol Posto para eventos socioculturais tanto na própria ilha, quanto nas cidades de Petrolina, Juazeiro ou em outros lugares. A outra forma de apresentação recebe o nome em particular - 'samba de rancharia' – por se referir ao convite feito por um agricultor ou roceiro para que o samba faça a apresentação em seu rancho. Para isso, ele se responsabiliza pela comida e bebida oferecida aos sambistas. Geralmente, prolonga-se por toda a noite, debaixo de um rancho²⁵ e/ou propriedade daquela pessoa. Muitas pessoas, convidados, comparecem nessas ocasiões de festejo. Embora seja uma prática menos freqüente, ainda é motivo de alegria e honra para os sambistas aceitarem esses convites:

Eu cheguei aqui aí o samba rolava só no mês de outubro, de janeiro, às vez botavam aquele samba de rancharia que é passar uma noite na casa de um, o caba arcando com toda despesa, bebida e comida... (Sr. Adelino)

“ Se tivesse assim um samba de rancharia aí chamava, diz: ói, eu quero o Reis hoje aqui em casa com o samba de rancharia. (Sr. Félix)

Deve-se mesmo considerar que o samba de véio sofre mudanças: a primeira quanto ao perfil dos participantes, pois o acesso era restrito aos adultos, já que os mais velhos não admitiam a presença dos jovens no grupo e nem de serem vistos bebendo e festejando diante de crianças e a segunda quanto à exploração comercial feita por seus representantes.

Rapaz, era tudo, a comunidade toda, não ficava não gente aqui da ilha porque de primeiro não era assim dessa menineira, só era os véio, era tudo, era os véio tudo, era véio que só, agora hoje em dia é que ninguém vê um véi de jeito nenhum, porque samba de véi é samba de véi é véi mesmo (Sr. Félix)

²⁵ O rancho muitas vezes é um local improvisado, árvore ou outro local escolhido pelo proprietário para a apresentação do samba de véio. Lá são preparadas as comidas para o festejo e, assim os sambistas passam a noite. Daí resultar o nome de samba de rancharia. (Conceito colhido a partir dos relatos feitos pelos próprios sambistas)

Os movimentos, o sapatear representam emancipações do espírito, com gestos simples, mas repletos de ginga. A harmonia do grupo é a característica mais significativa do grupo, que permanece unido mesmo diante das dificuldades existentes.

“A gente sai prum canto é todo mundo unido entendeu? É todo mundo junto, se um vai fazer uma coisa, comer e tudo uns com os outros.(Maria da Conceição)

“As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo e estiveram, em todas as suas fases históricas ligadas a períodos de crise, de transtorno tanto para a vida do homem, na vida da natureza como na sociedade” (BAKHTIN:1993), por isso a escolha dos temas dos cantos se refere às preocupações com o modo de vida do próprio povo da ilha do Massangano.

Os cantos são curtos, de domínio público, formando um *pout-pourri*. Um dos temas mais cantado é o que fala sobre a mulher casada, que deve ser respeitadora, caso contrário, merece castigo. Segundo D. Raimunda “ *O tema da ilha é mulher casada, pra eles a mulher casada ela teria que ser tão séria que a metade das músicas deles é em cima da mulher casada*”. As letras do Pout-pourri do samba de véio são as seguintes:

- 1- NAZARÉ – Ou Nazaré Nazaré olha o povo do samba chegou
Acorda quem ta dormindo alevanta quem tem amor.
- 2- VIM DA ILHA – Eu vim da ilha , eu vim da ilha , eu vim da ilha ,
Eu vim da ilha sambar pro nosso samba mostrar.
- 3- MULATA DE OURO – Mulata de ouro sinhá,
Não bambeia não ou sinhá,
ou não bambeia não sinhá
- 4- CASA DE PALHA – Essa casa de palha, ela queima, ela queima,
ela queima, ela queima.
- 5 LUA NOVA – Ou lua nova, ou lua cheia
mulher casada que namora merece peia.
- 6 – AMARRA O BOI – Amarra o boi Maria.
Amarra o boi Aia.
- 7- TÁ DOIDA MULHER – Ta doida mulher,

- ta doida mulher minha, mas a mulher matou
marido com a faca na baina.
- 8- PISA NELE NEGÓ – Pisa nele nego, pisa nele
não, pisa nele na cabeça no umbigo não.
- 9 – ÁRVORE – Árvore que não dá flor, toca fogo
nele toca fogo nele o amor que não tem dono eu
sou dona dele.
- 10 – AVIÃO – Eu quero ver morena, eu quero ver
morena, eu quero ver morena o avião avoar.
- 11- VENTO DO NORTE – Adeus vento do norte
é hora de viajar na despedida a morena a
morena pegou a chorar.

Conforme as letras, os sambistas não se valem apenas do tema da mulher casada para as suas cantigas, eles falam também da simplicidade do dia-a-dia, com temas prosaicos, pois o samba é uma tradição. Dessa forma, a sobrevivência da cultura local tem no samba de véio a sua manifestação mais genuína, sem, entretanto, esgotar-se nela. A cultura do povo da ilha deve ser considerada em aspectos amplos, envolvendo todos os seres, saberes e fazeres que constituem, de fato, o modo de vida do povo do lugar.

O samba de véio apesar de virar um documentário televisivo com a sua divulgação na imprensa local, regional e nacional, traz expectativas de mudanças de vida para seus participantes, embora isso ainda não tenha ocorrido. Os sambistas continuam realizando os mesmos afazeres, nas mesmas condições. A participação no samba tem lhes proporcionadas oportunidades de sair e conhecer novos lugares, "a capital", pessoas, de serem vistas na TV e terem o nome do samba comentado em diversos lugares.

“ Eu gosto só porque a gente se diverte muito, a gente brinca muito né? A gente sapatea muito, a gente sai, já vê duas vezes mesmo a gente viajou pra Recife, nunca tinha andado né? já andei em Recife duas vezes com o samba, se não fosse eu nunca ia lá mesmo, que eu não vou dizer que eu ia né? aí já fui, Petrolina eu não conto as vezes que eu já tenho ido... “ (Sra. Creuza – D. Peba)

A comunidade da ilha se sente privilegiada com a presença de visitantes que preservam o ambiente, trabalham pela melhoria de vida do povo, participam dos eventos da comunidade, tais como as festividades religiosas e culturais do lugar.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE O MODO DE VIDA DE ONTEM E DE HOJE

A ilha do Massangano é representada de diversas maneiras pelos seus moradores. Nesta análise, parte-se daquilo que o texto diz para uma relação entre o dizer e as condições de produção, ou seja, o discurso não pode ser isolado de aspectos tais como a cenografia, as relações com a historicidade e com os sujeitos. No respeitante à integração das representações sociais no corpo deste trabalho, abordam-se as mesmas em um contexto real focalizando um grupo social específico de modo a verificar as condições de produção e de atualização dessas representações, o seu funcionamento e função, as eficácias e transformações mediante o saber do senso comum articulado entre os moradores da ilha. Pretende-se, pois, pelas falas dos próprios moradores, destacar aspectos de seu modo de vida. Considera-se que as entrevistas realizadas são uma construção, lidas e compreendidas pelas formulações que amparam nosso tema.

Uma importância fundamental para esse tipo de análise é uma visão de sujeito ligada a uma determinada posição, concebido como ser essencialmente heterogêneo. Pensa-se, também, aqui, numa formação discursiva articulada com os processos históricos e ideológicos que interferem na produção do discurso, que lhe dão um caráter coletivo. A intenção é captar os efeitos de sentido que as falas produzem e quais as suas regularidades.

As próprias entrevistas, enquanto gênero, já se constituem numa situação de diálogo, sendo esse espaço dialógico onde se articulam as seqüências de falas sob alguns temas que entendemos como necessários para a leitura dessas falas. A seleção dos temas já implica um nível de análise, como também a contribuição dos estudos sociológicos.

Ler as falas significa que teremos que verificá-las na forma que de fato constitui a linguagem, que é a forma responsiva; concebê-las como texto, uma unidade

complexa de significação cuja análise implica as condições de produção (contexto sócio-histórico, situação, interlocutores). O texto se constrói no espaço discursivo entre os interlocutores, no caso específico, o entrevistado e o entrevistador. Interessa-nos destacar nas falas o viver na ilha.

Os moradores mais antigos da ilha são unânimes em valorizar positivamente a vida na ilha e entre os aspectos mais relevantes destacados em tais falas constam a propriedade, a rusticidade e as relações de parentesco. A terra, a casa, a natureza, a segurança, a solidariedade entre os membros da comunidade e a unidade familiar por laços afetivos e econômicos são constituintes das representações que os moradores verbalizam sobre o viver na ilha.

Em suas falas, os enunciadores deixam-se marcar pela primeira pessoa (eu), na perspectiva de uma subjetividade que quer contar a sua história de como o local passou a constituir essa própria subjetividade. O sujeito das falas dos moradores da ilha não é um sujeito em si, mas interpelado por visões de mundo. Em suas falas, outras falas dizem. Este sujeito pode ser visto, por exemplo, como um sujeito morador, constituinte de um conjunto de enunciados marcados pela mesma regularidade, pelas mesmas regras de formação. Esse conjunto determina o que pode e o que deve ser dito a partir de um lugar historicamente determinado. O ser morador do lugar constitui os enunciados sobre o próprio lugar, positivamente.

Os moradores da ilha falam de um espaço de morador do lugar que defende a terra como um valor indissociável do seu modo de vida. E isso não quer dizer, entretanto, que haja a homogeneidade que articula todos os enunciados e todos os valores sobre o modo de vida, pois existem os conflitos. No aspecto subjetivo do gosto é que são unânimes na valorização do lugar onde moram, interagem e trabalham. É observável, no conjunto dos enunciados das entrevistas, que por trás desse gostar existem muitas outras falas.

Trata-se de um gosto que está ligado também às atividades que realizam e que mantêm a sobrevivência do grupo. O trabalho realizado pelos moradores da ilha do Massangano contribui para que os mesmos procurem viver em harmonia com o próprio meio. A ilha é o espaço de onde os moradores extraem o seu sustento:

Rapaz, aqui na ilha é bom porque o caba arruma um emprego e lá a gente não arruma não, que aqui a gente trabalha na roça, planta macaxeira, verduras. (Sra. Valdete)

Esse espaço, já nas suas relações conflituosas, é também o espaço do trabalho. Para Orlandi (1999:156), o texto atesta como se organiza a discursividade e como o sujeito a partir de suas condições (circunstâncias e memória) está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos. De acordo com as falas dos moradores, o modo de vida vai se representar por meio de sua relação com o trabalho, ou seja, à forma de subsistência, relacionado ao seu sustento e sobrevivência quer enquanto indivíduo, quer em grupo. Esse trabalho representa-se discursivamente como memória e como princípio da atualidade.

Como foi dito, desde o povoamento da ilha, o trabalho aparece como uma motivação para a fixação no campo, para a vida dos moradores que plantam com as suas próprias mãos, daqueles que sobrevivem de alguma atividade produtiva ligada à terra. Muitas são as falas que tematizam o trabalho, dispersas em todas as entrevistas. As relações do homem com a terra e o trabalho são desveladoras de todas as demais relações estabelecidas pelas diversas falas:

Foi, aí fiquei trabalhando com eles, aí o veio ficou tomando conta do gado dele, aí depois peguemos, o povo pegou pra plantar negócio de verdura e aí ficamos, aí nunca saímos (Sr. João Gomes – João Marciano).

Aí vim plantar roça, depois dessa plantação de roça, arranjei um namorado, aí desse namorado que eu arranjei aí deu certo, ainda fiquei uns tempos trabalhando, daí surgiu o casamento, continuei morando na ilha do Massangano (Sra. Terezinha Caldas)

1966, eu vim plantando cebola, eu vim pra aqui pra plantar cebola, eu trabalhava ali no Massangano, aí daí Luis Armando passou o motor pra aqui aí eu vim trabalhar. (Sr. Adelino)

Então meu pai tinha esse terreno aqui e eu vim pra aqui (...) a família não largou em vim pra aqui, pra aqui veio comigo dezesseis pessoas pra trabalhar na cebola (Sr. Pedro)

Meu negócio é plantar canteiro, limpar coentro, aí quando é dia de sábado eu vou lá na feira (Eliene da Conceição)

Cheguei aqui, arrumei um trabalho com o japonês (...) aí eu entrei lá no trabalho e fiquei até hoje, aí fui trabalhando e fui achando bom e terminei comprando esses pedacinhos de terra que acho que agora não tem mais como eu sair daqui (Sr. João Massangano- João Miolo)

Os enunciados sobre o trabalho apresentam uma regularidade direta ou transitiva, que o vincula com o lugar, com a terra e a família, com a subsistência, com os bens espirituais. Essa regularidade é que constrói uma narratividade que, discursivamente, constitui um grande texto produzido pelos moradores. Um tema que se deixa interpenetrar pelas histórias de vida, pela diáspora sertaneja, pela concepção de um meio de vida que volta sempre ao seu ponto de origem: a subsistência.

São verificáveis, nessas falas, marcas temporais, geralmente de um hoje que se volta para um passado que inicia um percurso gerativo de sentido para as suas próprias vidas, a narratividade de uma chegada e da duração do processo de trabalho com a terra que se deu e continua o sustento da sobrevivência da ilha. Não se deve esquecer que existem, atualmente, muitos trabalhadores assalariados nas fazendas de uva.

Como já se disse, o sujeito é o morador da ilha, embora cada pessoa possua individualmente a sua história de vida. São, entretanto, histórias coletivizadas, interseccionadas. A convergência para a produção coletiva é articuladora de um discurso de morador trabalhador da ilha convicto de sua condição daquele que busca o seu trabalho na terra, e dela retira o seu sustento.

Deve-se considerar que as atividades produtivas dos moradores da ilha representam-se como o aspecto mais fundamental de sua ligação com o próprio lugar, sendo constituindo-se em traço determinante do modo de vida. O processo de trabalho foi responsável pelo povoamento, pela inclusão da ilha na regionalização. É responsável pela sobrevivência e pela inserção dos mais novos no sistema de produção capitalista.

A representação do trabalho, sempre atravessada por uma memória, está ligada a uma formação discursiva de moradores trabalhadores que defendem a sua atividade como meio gerador da sobrevivência da própria comunidade. É nesse sentido que podemos pensar em um coletivo, uma figura enunciativa como articuladora das falas.

Mas ao falarem do trabalho, na opacidade de suas falas, os moradores também deixam escapar quais os tipos de relacionamento que mantêm com esse mesmo trabalho, a partir do momento em que afirmam a forma tradicional de produção de trabalho, de objetos e meios, ou seja, tudo o que representa o trabalho para as suas condições de sobrevivência. Os moradores compreendem que o trabalho no campo é a forma mais diretamente relacionada à sua cultura, buscam expressar isso em suas falas, e acabam por estabelecer um diálogo com as falas institucionais.

Como se pode perceber, o trabalho aparece como um tema fundamental na fala dos moradores, revelando aspectos outros como parentesco, relações de trabalho, trabalho e propriedade etc:

É, que é de meu cunhado, lá onde mora Manezão, mãe, é de Bié, casado com minha irmã, esse aqui Abelardo, meu irmão tem aquele pedacinho dele lá e essa outra aqui é minha, aqui só mora um bolo de gente. (Sr. Eládio)

E comigo mora Joselmo que é solteiro. Hoje mesmo que a gente tá conversando aqui em casa, os meus netos estão todos aqui em casa, estão os cinco meus netos, e sempre nessa vida de dona de casa né? De agricultora, graças a Deus eu vivo não é muito bem mas dá pra sobreviver, também sou muito feliz que eu tenho meu esposo, sou muito bem casada (Sra. Terezinha Caldas).

Vim pra onde tá mãe, vim porque mãe tava só, meu irmão viajando, os outro era empregado, fui pra aqui pra acolá, ainda fazia esteira e eu cortava (...) vendia perto da feira, quando não ia de animal, ia de canoa, eu e ela, levava as esteiras. (Sr. Félix)

As relações de parentesco e a estruturação da família na Ilha do Massangano podem ser observadas por meio das atividades que dentro de uma mesma família, são desenvolvidas. Há um pertencimento de todos à ilha, assim como a uma família, laços que, para uma comunidade rural são fundamentais. Essas relações de parentesco são importantes redes de solidariedade mantidas pelo povo da ilha. O valor de parentesco aqui tem relevância porque estabelece/fortalece as relações sociais, já que os próprios vizinhos são os parentes.

Esse modo de se estruturar produz, de certa maneira, um isolamento e algumas consequências: o primeiro é que não há crescimento das relações sociais, pois dificilmente existe a chegada de novas pessoas ou o contato direto com serviços, além

dos já comuns ao local tais como a vinda do agente de saúde, os trabalhadores da CERPEL (Companhia de Eletrificação Rural de Pernambuco) para realizar alguma manutenção, as professoras no período escolar ou a vinda de amigos e demais parentes que morem em outras localidades/ cidades.

Na ilha existe a formação de núcleos familiares os quais são identificados pelo patriarca ou matriarca da família, como, por exemplo: Vila de Peba, Bertulina, Sr. Odelino, Sr. João Miolo ou João Massangano, Zé das Véias, Sr. Eládio, Sr. Raimundão, Véio Berto, Sr. Pedro, Seu Antonio Nunes, Marcos, Alírio, Seu Benedito etc. Essa proximidade entre os moradores é também um elemento definidor daquilo que dizem e constroem em relação aos laços que os unem, o modo como os moradores compreendem a relação familiar. Existem fatores agregadores. O trabalho, como já dissemos, é marcado, nas falas dos moradores, em suas relações com a terra e com a própria existência na ilha, que compreendem a propriedade, a casa, o terreno, a roça, agregadores das relações familiares:

Pedaço de terra que é meu, a roça é minha, a casa mais de meu esposo e meus filhos, compramos com esforço da gente, foi muito sofrido mas hoje em dia vale a pena, e por isso eu gosto de morar aqui na ilha. (Sra. Terezinha Caldas)

O trabalho se materializa, nas falas, como atividade agrícola, origem e subsistência da comunidade, atividade determinante de sua própria formação, em um rural no meio do rio.

Foi, aí fiquei trabalhando com eles, aí o véio ficou tomando conta do gado dele, aí depois peguemos, o povo pegou pra plantar negócio de verdura e aí ficamos, aí nunca saímos daqui. (Sr. João Gomes – João Marciano)

É, a terra aqui é minha, a gente plantava, uma vez ganhava um pouquinho de dinheiro, uma vez tinha prejuízo e a vida de lavoura é assim mesmo, né? A vida da agricultura, às vezes o caba ganha uma, perde outra, vai, aventura outra, às vezes perde aquela outra, vai aventurar outra, Às vezes ganha uma coisinha, não dá nem para tirar o prejuízo da outra e a vida é assim mesmo, a vida de roça. (Sr. Jonas)

Ganhei dinheiro mas quando entrou esse plano real e aí o povo acharam que o arroz comum não servia né? só esse arroz beneficiado,

empacotado e hoje tá aí e você vê que é pouca pessoa que come arroz comum, só quer arroz empacotado, arroz parboilizado... (Sr. Pedro)

Eu às vezes eu planto, planto, que eu não tenho condições, eu planto mais é uma mandioquinha... plantar ali pé de mandioca ali, pé de goiaba ali mas até agora não deu, tudo, só gastando com aquela fruta. (Sr. Joaquim)

A casa de farinha tá funcionando, é porque a mandioca aqui agora é pouca e o povo tão plantando mais no cultivo da macaxeira recife, essa daí é que vem... acabou a farinha aqui da ilha do Massangano, porque o povo planta... (Sr. João Massangano – João Miolo)

Eu tinha de ter terra aqui na ilha porque é uma área boa, solo bom e não tem problema de água né? nós estamos aqui, por ser uma ilha, estamos arrodado de água. (Sr. Antonio Nunes)

Porque aqui as terras não tava tão cansada que nem agora, agora a gente planta, ói, eu deixei de plantar arroz porque não tava dando mais lucro, eu plantava arroz, essas terras aqui eu enchia tudo de arroz, eu cheguei a bater oitocentos, mil sacos de arroz no ano, no final tava assim, a gente gastava mil e duzentos, uma comparação, e apurava oitocentos, quer dizer quatrocentos contos ia embora, aí eu deixei, hoje eu tô só mexendo com verdura, uma goiabinha por ali...(Sr. Félix)

O sujeito morador trabalhador, como é observável nos enunciados acima, encontra na agricultura a principal fonte de sua subsistência. Esse fazer, a atividade maior que determina a permanência, relações simbólicas, a alimentação, a troca, a sociabilidade, o comércio, é a categoria fundamental que determina o modo de vida dos moradores. A predominância da agricultura de subsistência é acrescida de uma agricultura familiar que se abre para o mercado, Por exemplo, a venda da produção na feira livre.

Esse sujeito trabalhador vai apontar, na sua avaliação do próprio processo de trabalho, do objeto que também é meio, que a agricultura está em declínio, como é percebido no enunciado, como resposta aa pergunta se plantar dá para viver:

Agora não tá dando não, de primeiro dava mas agora não tá dando não, acabou com tudo, ô, agora tudo caro e tudo que planta não dá, pode ser que dê porque agora as terra tá bem molhada. (Sr. Félix)

Porque aqui as terras não tava tão cansada que nem agora, agora a gente planta, ói, eu deixei de plantar arroz porque não tava dando mais lucro, eu plantava arroz, essas terras aqui eu enchia tudo de arroz, eu cheguei a bater oitocentos, mil sacos de arroz no ano, no final tava assim, a gente gastava mil e duzentos, uma comparação, e apurava oitocentos, quer dizer quatrocentos contos ia embora, aí eu deixei, hoje eu tô só mexendo com verdura, uma goiabinha por ali...

O que relaciona essas falas é a referência à atividade agrícola, e deve-se considerar que elas constroem diferentes aspectos ligados à atividade. Essa abundância de arroz faz parte de um passado em que a agricultura, na ilha, gozou de um certo apogeu por parte de proprietários que adquiriram terras na ilha apenas visando a produção agrícola.

Confrontando o dizer com as suas condições de produção, podemos compreender melhor os sentidos dos enunciados. A agricultura continua sendo a grande fonte de sustento da vida na ilha, mas essas falas estão permeadas pelo próprio contexto no qual a ilha se insere. Queremos pensar aqui que as condições de produção podem fazer resignificar tais enunciados, já que se trata de uma agricultura de subsistência e que caracteriza, também, uma resistência. Essa resistência é mesmo percebida pelo contexto adverso que tem controlado a pequena agricultura no Vale. Para tal contextualização, observemos o que diz Bloch (1996) sobre o vale do São Francisco (região Petrolina/Juazeiro):

O desenvolvimento da agricultura irrigada no submédio São Francisco é o tema de grande atualidade e que vem sendo objeto de estudos que abordam aspectos os mais variados, como o crescimento populacional e econômico da área atingida pelo impacto da irrigação; a atuação de órgãos federais, como a CODEVASF e a EMBRAPA, nas transformações que vem ocorrendo na economia regional; a importância que a região adquiriu como exportadora de produtos tropicais oriundos da agroindústria ou apenas da agricultura; as modificações e adaptações de uma nova tecnologia agrícola e os impactos sobre o meio ambiente. (Bloch, 1996:7)

Diz ainda o estudo que a modernização da agricultura provocou um extraordinário boom populacional e um efetivo crescimento econômico na região, por outro lado os benefícios desse processo não foram equitativamente distribuídos. O forte fluxo migratório do sertão em direção ao São Francisco explica em grande parte

esse fenômeno de “mal desenvolvimento”: enquanto a pequena agricultura familiar de sequeiro fica abandonada à própria sorte, a grande irrigação, que necessita de muita mão-de-obra, aparece como opção irresistível.

Diaristas e safristas oriundos do Sertão formam assim boa parte do contingente dos novos assalariados, verdadeiro batalhão de mão-de-obra desqualificada, sazonal e barata, que, tipicamente, busca sua sobrevivência nas plantações de tomate, cebola e cana-de-açúcar. Na uva, as condições de trabalho estão a priori entre as melhores da região, já que a maioria dos assalariados tem emprego permanente. Existe, contudo, uma série de desrespeitos às leis trabalhistas nas fazendas de uvas (Bloch, 1996:13-14).

Podemos afirmar com o autor que a pequena agricultura e a agricultura de subsistência na Ilha do Massangano está em declínio, enquanto a venda da mão-de-obra para a agricultura dos grandes projetos começa a aparecer como a única alternativa de trabalho para muitos moradores, já que os mesmos estão aptos apenas ao trabalho com a agricultura. Como revela Bloch, embora esses trabalhadores, mesmo os assalariados, sejam de várias regiões, existe todo um contingente de assalariados que é do próprio submédio São Francisco, onde as possibilidades de se praticar a pequena agricultura e a pesca são cada vez mais remotas.

Sobre o aspecto econômico, que tem como sua principal característica a atividade agrícola, pode-se afirmar que os ilhéus enfrentam muitas dificuldades para obterem a sua subsistência, o que tem influenciado negativamente no seu modo de vida. A atividade agrícola produtiva da ilha enfrenta problemas com o isolamento e as condições ambientais como o empobrecimento do solo, a proliferação de ervas daninhas e o declínio das culturas. O ritmo de mudanças imposta às relações sociais e de trabalho também vai transformando o modo de vida dos moradores da ilha, a sua forma de existir que é a sua própria cultura porque, ao se relacionarem aos fatores externos, tem havido transformações nas formas de relacionamentos internos, nos hábitos e nas concepções de mundo, nas relações rural/urbano.

3.1 - O Antes e o Depois na Fala dos Moradores

Para entender as representações sociais, pensa-se em um interacionismo, por meio dos quais são verificadas formas de interação verbal.

Entende-se a ação humana a partir da natureza da sua condição. Memória e representações andam juntas na construção daquilo que é o modo de vida dos moradores da ilha, como resultado do que foi e do que é.

Relembrando as entrevistas feitas com os moradores podemos constatar que os entrevistados em relação às perguntas elaboradas tendem a focalizar um ou mais temas, gerando com isso práticas discursivas diversas que são caracterizadas como as narrativas, as argumentações e conversas, repertórios utilizados nas produções discursivas, ou seja, nas produções de sentido. Essas práticas são vistas como linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentido e se posicionam em relações sociais cotidianas (Spink e Frezza, 1999:45).

Durante as entrevistas percebe-se nas falas dos entrevistados as diversas vozes, o grau de envolvimento emocional quanto ao assunto, o momento em que as lembranças têm vozes (reproduzindo diálogos, recuperando gestos e expressões de outras épocas, etc). As expressões corporais, às vezes, são mais eloqüentes que as palavras. Isso foi relatado por Moraes (2000), mas é uma atividade extremamente interativa, diria que a subjetividade conduz a entrevista estabelecendo novos parâmetros de respostas e de questionamentos.

Recorre-se, portanto, à relação entre a visão sociológica e o discurso dos ribeirinhos com o seu passado e futuro, pois em seus discursos há uma intervenção da memória, inscrita nos seio das práticas discursivas, ao mesmo tempo em que isso gera um relacionamento com o exterior, gerado por discursos pré-construídos de outros atores sociais que interagem com a comunidade em estudo.

Como já se afirmou, os moradores enunciam uma memória e um hoje. Desvela-se, nessas vozes, como os moradores da Ilha reconstroem seus modos de vida, em suas falas e como evocam a presença de elementos do passado, saudades, sofrimentos que dão sentido às suas vidas. Segundo Bosi (1994:56), o instrumento decisivamente idealizador é a linguagem que reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual dos dados coletivos.

Já para Arruda (2000:41), a memória não se resume a um conjunto de lembranças sobre determinado fato ou espaço, mas constitui-se mesmo num processo de luta em torno do que deve ou será guardado, ou seja, a memória de ser ribeirinho contribuindo para a manutenção de uma identidade respaldada na força de vida que constitui esse modo de vida peculiar. Daí a importância, neste trabalho, da problemática da memória, elemento fundamental no entendimento da circulação de determinadas imagens sobre a ilha, seus moradores, sobre as paisagens, sobre a natureza e sua utilização. Perguntado se com o trabalho na roça dá pra viver, um dos entrevistados responde:

“ É, um diarista, agora empregado mesmo pra dizer é eu e fulano não, só é eu só, é isso que eu tô dizendo, antigamente eu tinha, eu tinha trabalhador direto, e arrumava pra roça, hoje a roça não dá mais, eu tenho que arrumar é dum barco ou duma casa alugada que eu tenho na rua pra inteirar porque a roça não dá mais, é por isso, seu Antonio Nunes também ele começou e parou porque não deu, seu Pedro a mesma coisa, todo mundo aqui trabalha agora, as roças era tudo, hoje você vê, tudo aí abandonada...” (Sr. Félix0

Tal abandono ao qual se refere o morador trabalhador, está ligado às condições de sobrevivência da atividade agrícola na ilha e é esse abandono no presente que faz intervir, na vida dos moradores, um passado. É também sobre esse presente e passado que se pode afirmar que existem diferenças de opinião. Essa divisão pode ser sintetizada pelo enunciado de um dos moradores: “as roças era tudo, hoje você vê, tudo aí abandonada”. As marcas temporais demarcam um antes e um depois nas formas de representar o modo de vida na ilha, que tem como centro o trabalho com a terra, predominantemente em relação à prática agrícola.

Sobre o passado e esse presente nem todas as falas, porém, dizem a mesma coisa, o que faz perceber que uma outra voz começa a penetrar na suposta hegemonia das vozes que formavam uma monofonia discursiva. As representações também colocam certas contradições, por exemplo, entre dois passados, como na fala:

Aqui era fraquinho, cansadinho, o povo vivia só de verdura mesmo carregando água nas costas no galão, depois foi que um foi chegando, encostando com motor, outro com outro, ao foi no ano que surgiu esse negócio dessa rede elétrica, aí botaram bomba, mas aqui era fraquinho demais mesmo. (Sr. Josuel Caldas)

Mudou muito, mudou não só foi pra mim só não, foi pra todo mundo, porque aqui todo mundo mexia, plantava uma coisa, plantava outra, plantava cebola, era muita gente que plantava cebola aqui na ilha e todo mundo, arroz também aí mudou todo mundo pra arroz, menino, aqui teve uma época que era arroz por todo canto... (Sr. Félix)

É sobre um passado rústico ou pela abundância da produção agrícola, percebe-se que a representação do passado é vista de maneira variada, pois existem vários passados para os moradores da ilha. O elemento da apreciação vai constituindo maneiras de avaliação sobre o que foi e o que é.

"Eu sou da Ilha", é uma referência constante da identidade dos moradores da Ilha do Massangano, como um enunciado fundador. Em suas falas não há mais uma referência ao passado anterior, mas apenas ao do vivido na própria ilha. Os outros lugares em que eles viveram ou passaram algum tempo servem apenas para ilustrar que não estiveram sós aqui, não nasceram aqui, embora haja um forte sentimento de pertencimento a ilha pelo tempo já decorrido.

"Cheguei em 1926... " (Sr. Adelino)

"Cheguei em 1957. Nunca saí daqui, só vou para a rua quando tenho um negócio a tratar" (Sr. Joaquim Francisco)

A comunidade da ilha do Massangano ainda não possui registros das histórias de seu povo, de suas vivências, de suas lembranças, por ter na oralidade um relevante instrumento de transmissão de suas lembranças ou de suas tradições. Embora existam algumas pesquisas sobre o desenvolvimento socioeconômico da região do Vale do São Francisco, mas nenhuma ainda que se detivesse em refletir ou investigar as lembranças e representações sociais de homens que vivem à margem desse desenvolvimento e os quais não produziram ou deixaram documentos escritos sobre suas vivências.

Segundo Halbwach, citado por Bosi (1994:54) a memória tem um caráter onírico, livre, espontâneo que é excepcional já para o Bosi a memória é trabalho. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. O trabalho da memória reconstrói um passado glorioso (antigamente), um passado maior

que o presente, um presente que é maior que o passado e um futuro maior que o presente. É assim que se constroem as representações das diversas ilhas, de seus diversos modos de vida, aos olhos de um hoje.

Autores como Filloux (1959) recorrendo à Maurice Halbwach cita a seguinte passagem: "São os outros que nos incitam a recordar". Essa frase retrata bem os fatos relembrados pelo povo da ilha em cada fala, durante cada entrevista realizada, pois, por causa do nosso interesse em questionar certas passagens é que eles sentem a necessidade de lembrá-las.

Os acontecimentos e conhecimentos comuns do povo da ilha partilham certas recordações por ser um grupo relativamente mais limitado, visto que as lembranças são reconstruções do passado em relação às experiências coletivas do grupo a que se pertence ou se pertencia.

É na lembrança do passado, no diamante bruto, como define Chauí, na introdução do ensaio de Bosi (1994) que se pode compreender os sentimentos mostrados por um entrevistado durante o relato de suas lembranças e memórias, do tempo em que era jovem, resgatando o seu passado, lapidando o espírito à medida que as lágrimas eram derramadas, a cada palavra dita durante a entrevista feita. Esse passado é, de alguma forma, glorioso.

Outra entrevistada indaga: "Que me resta ainda?" Como se o presente não significasse mais nada a não ser para recordar os dias que foi mais feliz, quando tinha o companheiro e a filha presentes. Reconstruir aquelas lembranças, as do seu passado é atribuir um valor diferente àquilo que foi experimentado na época da narração visto que já não somos os mesmos de então e porque nossa percepção se altera e, com ela nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.

A memória dos moradores da ilha revela um passado que tem forte ressonância em suas vidas no presente. Eles reavivam a presença do passado com tal nitidez, clareza, que é o como se esse passado ainda estivesse no presente, embora muitas barreiras, saudades tenham se dissipado com a "labuta", os afazeres diários. É o caso de um dos entrevistados, ao falar sobre a ilha em que vivia antes do deslocamento da barragem de Sobradinho que tantas transformações operou no vale do São Francisco.

A memória dos moradores da Ilha é constituída de acontecimentos vividos pessoalmente e pela própria coletividade. De tal maneira que ela é constituinte

do sentimento de identidade dos que aqui vivem. Cada família, indivíduo veio para esta ilha com um objetivo, finalidade e aqueles que apenas vieram passear, visitar seus parentes e/ ou amigos ficaram e estabeleceram vínculos, como o matrimônio com pessoas deste lugar. A memória de vida se confunde com a memória do trabalho:

Eu vim passear, passear na casa de meu irmão, primeiro eu vim passar um carnaval em Juazeiro, aí de Juazeiro eu resolvi vim até a ilha na casa de Josuel, aí que carnaval foi esse que eu vim passear aqui na ilha, aqui mesmo, gostei, continuei morando uns meses, depois desses meses voltei à Santa Maria novamente, aí vim plantar roça, depois dessa plantação de roça, arranjei um namorado aí desse namorado que eu arranjei aí deu certo, ainda fiquei aqui uns tempos trabalhando, daí surgiu o casamento, continuei morando na ilha Massangano. (Sra. Terezinha)

Porque o terreno era trabalhado, que o povo já trabalhava aqui e um terreno muito acidentado, principalmente aqui que só é lagoa, (...) aí quando chegamos em Juazeiro, nesse tempo eu tinha uma C-10, aí ele: agora vambora, me diga, vem morar aqui ou não? Você é de maior, você vai pra onde quer, eu só tô lhe perguntando, eu digo a ele, que eu já tinha falado com um rapaz pra trabalhar comigo pra nós ir pra Xique-Xique, digo: é, chegar lá eu vou falar com mano e avisar os menino que eu não vou mais pra Xique-Xique, eu venho pra aqui, disse: é, você quem sabe, agora eu achava que você devia vim pra aqui, você já tem sua casinha aí, você viver lá do jeito que você vive lá onde você morava, eu digo: eu venho. (Sr. Pedro)

A memória pode revelar a história das representações dos indivíduos e coletividades por meio da história oral colhida entre os moradores da ilha do Massangano. São momentos singulares defrontados durante os diálogos com os entrevistados. Um dos aspectos dessa memória está muito ligado às formas da atividade agrícola, às transformações que mantinham as suas condições de vida, culminando com o declínio que hoje vivenciam:

Houve, a gente continuou plantando cebola, cebola e feijão, agora que não planta, mas cebola e feijão, por causa que as terras não ajuda em nada, nós planta só fruteira, maracujá, goiaba, manga. (Sra. Terezinha)

Porque hoje lá na ilha existe um tiririca ela mata a planta, por exemplo, as hortaliças deles não vão pra frente mais porque a própria tiririca não deixa, então hoje eles tem uma dificuldade para sobreviver, tão saindo pra fora pra trabalhar... (Sra. Raimunda Sol Posto)

Essas falas ratificam que existe uma dualidade na avaliação do ontem e do hoje. Existe uma mudança no tipo de agricultura cultivada. Isso é bom ou ruim?

Observe-se que a fala admite um declínio das culturas tradicionais e que disso resulta a fuga para os mercados de trabalho, porque há, hoje, dificuldade de sobrevivência. No mínimo, essas falas revelam que há problemas para a subsistência ou sobrevivência no presente.

Pensar o hoje da situação de vida dos moradores convoca algumas explicações. Baseadas no próprio Bloch. O hoje, para o morador trabalhador da Ilha do Massangano está submerso em uma realidade que o afeta em todo o modo de vida, pois é obrigado a integrar-se à “Nova Califórnia”, “Vale de fartura”, “O Sertão que virou Pomar”: Na região onde se localiza a ilha, ou seja, nas duas margens do rio, criou-se, inegavelmente, o maior pólo de agricultura irrigada do Nordeste, direcionando para Juazeiro (BA), Petrolina (PE) e os municípios vizinhos da beira do rio São Francisco, fluxos importantes de recursos financeiros nacionais e internacionais, como também de população sertaneja. Além do fluxo migratório, a força de trabalho é recrutada entre os próprios sanfranciscanos e, dentre eles, os próprios moradores da ilha:

Contudo, nesse processo de desenvolvimento baseado na criação de condições físicas adequadas para a irrigação, não se nota uma grande preocupação para com a população da região. Isso leva a questionar o uso que geralmente se faz do termo “desenvolvimento”, quando ele remete somente ao crescimento econômico e à criação de (qualquer tipo de) emprego. Os fatos, com efeito, se obstinam em mostrar que indicadores econômicos aparentemente favoráveis podem esconder tristes realidades sociais. Veremos assim que, no bem diferente daquela imagem em forma de cornucópia que a mídia gosta de veicular. (Bloch,1996:12

Atualmente, a realidade da ilha está ligada a uma política que, do ponto de vista social, vem estimulando muito a ação de empresas e pouco a de cooperativas de pequenos produtores. Isto afasta da possibilidade de trabalhar a terra e faz com que os trabalhadores rurais dependam de trabalho sazonal e de salário muito baixos. Para os demais trabalhadores não moradores, a situação é ainda pior, pois além da mão-de-obra barata, que vivem alojados em barracos à beira das estradas, vendendo sua força de trabalho diariamente, sem nenhuma garantia. Cria-se assim na região uma

população flutuante, muito pobre e sem perspectivas para o futuro. Bloch alerta para a deficiência dessa política, afirmando que os grandes projetos de irrigação merecem pesquisas e reflexões, pois a população sertaneja deve ser o sujeito das políticas de desenvolvimento auto-sustentado.

O autor esclarece que na beira do rio São Francisco tem, por um lado, a irrigação artesanal a qual usa pequenos motores a diesel para mover bombas que irrigam algumas tarefas de cebola e, no outro extremo, os grandes sistemas de captação e distribuição de água dos grandes projetos públicos ou privados. A irrigação artesanal sempre é, no presente, a forma utilizada pelos moradores da ilha para garantir o sustento de suas plantações. A água é representada pelos moradores como elemento fundamental e, como diz Marx, junto com a terra, o objeto universal do trabalho humano, fornecido pela natureza.

Como eu tô cansando de dizer a Jonas: Jonas, roça só é roça se tiver água, se não tiver não é roça, o que é que você vai fazer sem água? Água é vida, aonde tem água tem vida e onde não tem água não tem vida, vai viver de que? (Sr. Pedro)

A água é vista em todos os seus aspectos, como fonte de vida. Para os grandes grupos, produção e lucro. O que se quer mesmo observar é que os projetos de irrigação se justificam, legal e politicamente, pela utilidade pública da obra implantada e pelo interesse social para a população da área de influência. Entretanto, os critérios de seleção de lotes empresariais ou as regras de licitação pública são pouco observados diante dos interesses e pressões das empresas. O que vale é mais o atendimento personalizado e local de interesses privados, do que uma estratégia clara de desenvolvimento regional que privilegie a maior eficiência da iniciativa empresarial. (Bloch,1996: 31)

A cultura de frutas, mais uma das transformações na atividade agrícola da ilha é, atualmente, mais uma das imposições prescritas pelo desenvolvimento regional. Para os grandes projetos, a fruticultura é com a produção de cana, cebola e tomate, uma das principais atividades produtivas do submédio São Francisco:

O setor como um todo está em nítida expansão na região: entre 1987 e 1992, a produção, a produção de frutas passou de oito mil para 55 mil toneladas, e as exportações saltaram de seiscentas toneladas, para 28 mil

toneladas. A uva e manga, com mais de sete mil há de área, corresponde a uma produção da ordem de cem mil toneladas em 1994. Essas duas frutas são, sem dúvida, os “carros chefes” da fruticultura irrigada (Bloch, 1996: 35-36).

De modo geral, o avanço da agricultura irrigada por ser interpretado como uma espécie de revolução agrícola regional que, modificando o valor da terra, a estrutura de classes, as dotações de capital e tecnologia e as relações de mercado, foi mais do que suficiente para alterar os modos de vida e de produção que antes predominavam na região. Isso pode ser verificável pelas novas relações no grupo familiar, com o local e com novas perspectivas que, de alguma maneira repercutem no meio de subsistência. Como diz Bloch (1996), agricultura irrigada trouxe mais benefícios para uns do que para outros

Existe, na Ilha, como antecipamos, uma busca por emprego assalariado nas grandes fazendas exportadoras. Bloch dirá que um exemplo dramático é da “frequência-pela-exportação-no-meio-da-miséria”. Sobre tais relações Bloch vai afirmar o seguinte: *A idéia de que as exportações criam empregos e eliminam a fome é uma farsa, porque em nenhuma hipótese há como empregar os milhões de nordestinos, e seus salários são insuficientes para tirar qualquer dos bóias-frias da miséria.* (Bloch, 1996: 75).

Pela avaliação apresentada sobre os efeitos da transformação na agricultura e o estabelecimento do assalariado, Bloch conclui que a situação atual do Vale do São Francisco, em relação ao trabalho, demonstra a precariedade do emprego e a demanda de uma mão de obra que submetida a determinadas imposições da situação precária de sobrevivência. Bóias-frias, moradores de favelas, homens, mulheres e crianças ficam nas estradas à espera de uma oferta de trabalho. São diversos os tipos de trabalhadores da área rural e isso oferece, segundo Bloch (1996: 47) uma boa idéia de complexidade da situação gerada pelas mudanças dos últimos vinte anos.

São mudanças no campo, no próprio modo de vida dos ribeirinhos. A participação da mulher rural no trabalho remunerado em áreas de irrigação também se faz acompanhar de uma série de variações que afetam a vida dessa trabalhadora. Tais transformações passam, por exemplo, pela ampliação da jornada de trabalho; monetarização do seu trabalho; conscientização dos seus direitos na esfera pública e

privada, embora de forma ainda tênue; exploração no desenvolvimento das atividades agrícolas por meio da especialização do trabalho; comprometimento da saúde; e participação política.”(Bloch,1996,:59)

Um outro aspecto a considerar é o trabalho assalariado da mulher. O crescimento do abandono da produção familiar por parte das mulheres traz, então, contradições: se, por um lado, a mulher é explorada (mais do que o homem) em um trabalho que compromete sua saúde e a mantém longe de casa (onde deve cumprir outra jornada de trabalho); por outro, ela “reduz ou elimina o hiato de produtividade existente entre ela e o homem”, e sua condição de assalariado a torna mais consciente dos seus direitos, inclusive na família. (Bloch,1996:59)

Atitudes urgentes precisam ser feitas nas relações e nas condições de trabalho. Parece que a mão-de-obra, que já se especializou – como as mulheres que releiam a uva – teria com isso adquirido maior poder de barganha. Mas é pouco, e o grosso da mão-de-obra requerida é mesmo sazonal, desqualificada e barata. Nesse ponto, a organização sindical é crucial e, ao mesmo tempo, muito difícil.

Todos esses aspectos repercutem no modo de vida dos moradores da ilha, pois se conclui que o envolvimento de todos os setores sociais é decisivo, inclusive dos centros consumidores nacionais e estrangeiros. Esta ampliação de horizontes visa potencializar as lutas dos setores populares e, sobretudo, a capacidade ainda pouco desenvolvida de formular políticas. (Bloch,1996: 78-79):

Focalizando agora mais precisamente o Submédio São Francisco e tomando como base algumas das mais recentes concepções de desenvolvimento, verificamos que o desenvolvimento da região não é “apropriado”, isto é, não acontece sem ruptura brutal, nem em sintonia com os valores e capacidade da comunidade. Para se convencer disso basta pensar na ruptura que representa a passagem da pequena agricultura familiar de sequeiro para o assalariamento nos projetos de irrigação, sem falar no trauma das 40 mil pessoas que foram desalojadas pelas barragens. (Bloch,1996:83-84).

É essa a realidade de hoje, vivida pelos moradores da Ilha do Massangano, ou seja, os mesmos são unânimes em defender, a duras penas, a sua agricultura de resistência porque a mesma é considerada fundamental para a própria sobrevivência da comunidade, considerando-se que se trata de uma comunidade rural e

que tradicionalmente vive da agricultura que, como já foi dito, condiciona e constitui seu modo de vida.

Quando se pensa na agricultura familiar praticada na ilha, uma das formas de defendê-la é apelando para o argumento da água em abundância que existe à disposição dessas pequenas plantações. O morador trabalhador vem desenvolvendo, principalmente nos dias atuais, uma consciência cada vez maior sobre a importância do rio, a preocupação com o meio ambiente transparece em muitas falas:

Ah é uma maravilha, água aqui não falta né? a gente soma de um lado e de outro tem água, e a gente, a valença da gente é o rio, aqui se a pessoa, assim, se não tiver nada pra comer, comparando né? não tem nada pra comer, pega uma tarrafa, vai pro rio paga um peixe, tendo a farinha dentro de casa, a pessoa tá todo mundo de barriga cheia, né? (Sra. Creuza- D. Peba)

O lugar até certo ponto paradisíaco nas representações dos moradores é também espaço de debates e conflitos sobre a própria topografia do lugar. O mesmo também é representado como um espaço cenográfico das interações, marcado por expressões como “lá em cima” e “aqui embaixo”, espaço de conflito.

Do meio da ilha pra cá, ali de seu Claro pra cá nós não tem benefício nenhum. (Sra. Anália Soares)

Tem gente aqui pra baixo que as casas tá caindo, como a de Eládio mesmo, tá caindo encima dele, né? e não acha quem ajude, nós não tem ajuda de nada, ajuda só de Deus, é nós aqui mesmo, agora mesmo nós quer, que todo ano nós brinca assim um carnaval, faz uma brincadeirinha assim, que não é carnaval mesmo, só é a forma de carnaval pra gente né? aqui a gente não acha apoio de ninguém, é nós mesmo, ontem mesmo teve uma reunião aqui, aí nós aqui embaixo ajeitemo mode sair, arrumar ao menos as camisa, não acha nem quem doe as camisa nem nada, é nós mesmo aqui pra baixo. (Sra. Creuza – D. Peba)

Eles lá é o centro, aqui é o subúrbio . É, aqui é o subúrbio. (Sra. Edineide)

São fatos como esses que demonstram que o discurso dos moradores da ilha, sobre alguns aspectos não é o mesmo, é antagônico. Isso vai contribuir para uma

própria mudança no sujeito trabalhador. Teremos, então, um sujeito trabalhador “de baixo” e um sujeito trabalhador “de cima”. Trata-se de um conflito que vai, de fato, fazer perceber duas formações discursivas, em relação ao político. Verifica-se nesse conflito de posições algo de positivo para os moradores, porque é nesse debate que os mesmos propõem um novo estatuto para a Ilha e para a sua sobrevivência.

3.2 Aspectos da Religiosidade e da Festa na Fala dos Moradores

As festas e as práticas religiosas na Ilha também tiveram a sua origem no trabalho, na agricultura, no tempo das colheitas. Um dos aspectos fundamentais para o modo de vida dos moradores da Ilha do Massangano está ligado à sua religiosidade e esse aspecto está ligado, poderíamos dizer, não apenas às necessidades físicas de seus moradores. A religião aparece como o meio pelo qual os moradores se ajustam a seu ambiente sobrenatural. Trata-se, pois, de um ambiente imaginário. Os enunciados sobre a religiosidade colocam os moradores da ilha amparados por um sujeito que vê na religião um sustentáculo em sua necessidade de ajustamento.

Acordo cinco horas e vou acorda os filhos pra reza o ofício. Uns dá trabalho pra levanta, mais levanta. Rezava no sábado mais a gente vai pra feira e ai acorda na quarta. (Sra. Anália Soares)

Dentre as manifestações ligadas à religião, predominantemente católica no espaço da ilha, está a festa do padroeiro que é um evento de grande destaque para a comunidade. Em 2003, ocorreu uma maior divulgação, inclusive com outdoors espalhados pela cidade de Petrolina, convidando as pessoas para a festa a qual assumiu uma outra dimensão. Após os festejos religiosos: a missa, a procissão, sempre acontece apresentação do samba de véio e a presença de bandas de forró dando continuidade à festividade. Nessa época, muitas pessoas de Petrolina, Juazeiro e cidades circunvizinhas vêm prestigiar a festa do padroeiro. É o momento também dos políticos locais estarem presentes. A Festa de Santo Antonio e a devoção são constitutivas do modo de vida dos moradores, ou seja, de sua cultura. Sobre a origem do santo, na Ilha, e como ele se tornou o padroeiro, dá-se uma vinculação muito interessante com a Guerra de Canudos:

Participou da Guerra de Canudos, é tio de Zé de Helena e eles contavam que ele encontrou na guerra de Canudos, ele foi pra guerra e quando estava correndo no meio do tempo, do mato, da mata, encontrou aquele santinho pequenininho, tanto que o Santo Antônio de lá é bem pequenininho. É, parece um bonequinho e ele botou no visaco e levou pra ilha, achou por bem que Santo Antônio seria o padroeiro a partir daquela época pra ilha, então é considerado. (Sra. Raimunda Sol Posto)

Na festa de Santo Antônio, nós fizemos tudo o que a ilha tem durante o ano a gente teve no dia pra recepcionar, na beira do rio a gente colocou as lavadeiras lavando roupa, depois você ia assim do lado aí tinha um burrinho, tinha um boi, tinha um jumento aí tinha uma casinha de taipa que eu mandei fazer, essa casa de taipa tinha um candeeiro aí um banquinho pra o povo sentar, aí as pessoas com a serpente, colocamos assim bem alto fizemos a entrada da, onde cê passa assim passava por debaixo aí tinha dois alunos com remos, quando cê passava eles cruzava os remos pra você passar por baixo, quando cê chegava mais na frente aí tinha as noivas, fizemos cinco pés de banana, bananeiras e aí as noivas ficavam debaixo das bananeiras, traje de noiva mesmo... (Sra. Raimunda Sol Posto)

As ligações com o santo têm também na origem familiar uma de suas explicações. Percebe-se uma hierarquização nas ligações com o sobrenatural:

Porque o santo tem os donos que são aqueles familiares mais velhos que chegaram aqui na ilha, eles são os donos do santo, são os familiares, certo, eles não são donos da igreja, quem é dono da igreja é o povo, somos nós que fazemos a igreja, agora o santo tem o dono que são Amélia, Raimunda, (...) são donos do santo, essa responsabilidade que tá hoje comigo eu vou passar pra Rosa que é uma das coordenadoras e são donos do santo. (Sra. Terezinha)

Um outro santo muito cultuado pelos moradores da Ilha é São Gonçalo, a quem são pagas promessas. É importante destacar que algumas dessas promessas, que consiste na promoção de uma festa por parte do beneficiado, estão ligadas ao êxito no trabalho e na agricultura. Até mesmo o próprio samba tem a sua origem como uma festa de colheita.

A religiosidade na ilha passa também por um sincretismo e por uma diversidade nos rituais. É assim que sobrevivem, também, os cultos às divindades da Umbanda:

Eu tenho aqui assim, eu tenho obrigação aqui que foi meu pai que deixou, que ele trabalhava negócio de rezador, aí eu trabalhava junto com ele aí ele faleceu, aí ele deixou, aí ele disse que eu nunca deixasse de fazer a festa, é catorze menino assim, aí eu boto sete menino homem e sete menina mulher, de treze anos abaixo. É assim, eu faço porque foi meu pai que deixou e pediu que eu não deixasse, aí eu nunca deixei. (...) A pessoa, é giro, abre um giro, aí pronto, aí o povo vão girar cantando, cantando cantiga mesmo de caboclo e tem gente que abaixa né? assim. A pessoa, é giro, abre um giro, aí pronto, aí o povo vão girar cantando, cantando cantiga mesmo de caboclo e tem gente que abaixa né? assim. (Sra. Creuza)

Existem, ainda, as benzedadeiras¹ que desempenham papel de médico, às vezes, e na solução de alguns problemas ligados ao sobrenatural. Uma outra manifestação de religiosidade, que já foi mencionada, são os penitentes.

A religião aliada a uma afetividade própria entre os parentes e vizinhos, determinam uma estrutura solidária, fazendo com que os comportamentos dos moradores estejam categorizados enquanto formas de sociabilidade, fazendo parte da rede de relações sócias desenvolvidas no fluxo da vida cotidiana. Existe, sim, uma sociabilidade e solidariedade que têm como base o núcleo de vizinhança que representa a unidade primeira de sociabilidade acima da família:

É, aí a gente vai passar na casa de farinha, mas a gente, eu tô dizendo assim numa brincadeira, que a gente aqui divide com os vizinhos, pronto, ele quer fazer uma semente a gente cede um pouco, fulano quer fazer semente, a gente cede outro pouco, num tem disso não, aqui graças a Deus pra isso todo mundo é unido, todo mundo se dá um com o outro não tem, não tem... e quem chega aqui também. (Sr. João Massangano)

Meus vizinhos é seu Pedro aqui, o primeiro vizinho, tem aqui pro lado poente... tem Véio Zeca, tem Alírio, tudo é gente boa, tudo, qualquer um que eu precisar qualquer coisa, que precisar de mim tô sempre. (Sr. Antonio Nunes)

A gente aqui divide com os vizinhos, pronto, ele quer fazer uma semente a gente cede um pouco, fulano quer fazer semente, a gente cede outro pouco,(...) aqui graças a Deus pra isso todo mundo é unido, todo mundo se dá um com o outro não tem, não tem... e quem chega aqui também. (Sr. João Massangano)

¹ Ver caderno de fotos

Além da sociabilidade interna, como já foi antecipado, novos atores têm determinado o modo de vida na Ilha. Existem hoje muitos interesses, e muitos moradores acreditam nessa abertura como a chegada de melhores condições de vida, em reorganizar e revalorizar as ilhas, notadamente a ilha do Massangano que se localiza próxima à Ilha do Rodeadouro² - ponto turístico das duas cidades. Portanto, há a intenção de ampliar essas condições para outros espaços como o da ilha do Massangano, embora o poder público local ainda tenha feito nada para isso. Por uma questão de subsistência, acabam se abrindo para relações com o “estrangeiro”, o outro:

Vai aprendendo e graças a Deus os que vem de fora, também que chega aqui, quando pensa que não, tão unido com a gente, aqui não dá pra fazer diferença nenhuma. (Sr. João Massangano)

Cândido, como já se disse, relata que as sociedades se caracterizam pela natureza das necessidades de seus grupos e os recursos de que dispõem para satisfazê-las. Em relação ao povo da ilha deve-se questionar quais são os recursos disponíveis para satisfazer as necessidades do povo, isto é, o que eles fazem, já que um processo de acréscimo e de modificação de interesses e constantes alterações entre o homem e o seu meio ocorrem. É para satisfação de necessidades espirituais e materiais que ganha destaque o samba de véio.

A manifestação que congrega a totalidade dos habitantes da ilha é o seu famoso samba de véio, que está na própria origem do grupo e é fator de agregação entre a comunidade, visto como expressão genuína. Assim se manifestam os moradores sobre o samba:

Além eles faziam no final de ano que era esse de ir de casa em casa, na casa deles, entrar na do outro, eles também faziam assim, eles plantavam, que eles tem muita fé em Santos Reis, então eles plantavam e quando eles colhiam antes de ser irrigado eles faziam aquilo como se diz, pra glorar, e cantar e dançar e agradecer porque, como se diz, a vida. (Sra. Raimunda Sol Posto)

É, aí ele, aí chamava pra dançar, dançava, dançava (...) o povo da casa, aí cantava tudo aí (...) se esconder, aí chamava... não, sei não, morreu

² Essa ilha recebe semanalmente milhares de turistas e visitantes em seu interior. Lá, já existe uma modesta estrutura para os visitantes como barracas, restaurantes, lanchas para travessia, uma associação de moradores, etc.

porque tava doente, ele morreu de pau, por que não matou os dois? Não, foi fulano, não, fulano (...) esse moço não tá morto, ele tá doente, por que? Vai chamar o doutor, aí chamava o doutor, aí examinava, é (...) rabo, aí corria, quando corria dizia: vamos pegar um menino, cadê? Pegava não ficava um, aí jogava dentro, aí chegava o professor que aí dava bênção levantava e ia se embora e a gente ia sambar. (Sr. João Pedro – Mala Veia)

Rapaz, era tudo, a comunidade toda, não ficava não gente aqui da ilha era tudo, porque de primeiro não era cheio dessa menineira, só era os véi, era tudo, era os véi tudo, era véi que só, agora hoje em dia é que ninguém vê um véi de jeito nenhum, porque samba de véi é samba de véi é véi mesmo, aí era bebida, se tivesse assim um samba de rancharia aí chamava, diz: ói, eu quero o Reis hoje aqui em casa com o samba de rancharia. (Sr. Félix)

O samba de véio situa-se nas fronteiras entre a vida e arte com os elementos característicos de representações feitas pelo povo sobre a tradição local, ou seja, o ritual do samba pretende preservar as tradições dos antepassados do lugar, quando após o trabalho, reuniam -se para sapatear, num movimento de muito improviso e sensibilidade.

Desde o seu início era uma prática realizada no final do dia, durante o descanso periódico; ou seja, está ligado ao trabalho, como diversas outras atividades. Deve-se destacar, entretanto, que o próprio Samba de Véio sofre transformações, constituindo-se, ele mesmo, em trabalho. O que era festa, lazer, agora está se transformando, em subsistência.

A religião e outros setores convocam a ação dos moradores. Tivemos a oportunidade de observar uma reunião de algumas pessoas da comunidade, inclusive líderes, na qual a senhora Terezinha falou sobre a necessidade de participação dos jovens na vida religiosa da comunidade. A partir dessa época, a ilha estava recebendo a presença de padre³, jovem e disposto a conhecer e experienciar a vida na Ilha. Ele sugeria a participação e o engajamento religioso e social de toda a comunidade da Ilha. Existe, sim, a esperança na religião como depositária de uma certa esperança para o futuro da vida na ilha.

³ O Padre Bacilon foi designado a trabalhar com as comunidades ribeirinhas pertencentes à paróquia da cidade Petrolina, neste período. O trabalho realizado pelo pároco trouxe integração entre a própria comunidade, inclusive com a realização de cursos e encontros com casais e jovens das comunidades à beira do Rio São Francisco. Mensalmente, são realizadas missas com essa população ribeirinha.

É importante destacar que esses aspectos vistos como fundamentais são componentes da cultura, embora saibamos – e isso pode ser visto em todo o estudo – que as práticas culturais estão ligadas à subsistência dos moradores e, portanto, ao eixo norteador deste estudo, ao trabalho, à agricultura. A cultura, aqui, é pensada de forma ampla, devendo a mesma constituir-se de todos os seres, fazeres e saberes produzidos pela comunidade.

3.3 Elementos para Novas Reflexões

A ilha é um lugar também representado, o espaço cenográfico das interações, marcado por expressões como “lá em cima” e “aqui embaixo”:

Tem gente aqui pra baixo que as casas tá caindo, como a de Eládio mesmo, tá caindo encima dele, né? e não acha quem ajude, nós não tem ajuda de nada, ajuda só de Deus, é nós aqui mesmo, agora mesmo nós quer, que todo ano nós brinca assim um carnaval, faz uma brincadeirinha assim, que não é carnaval mesmo, só é a forma de carnaval pra gente né? Aqui a gente não acha apoio de ninguém, é nós mesmo, ontem mesmo teve uma reunião aqui, aí nós aqui embaixo ajeitemo mode sair, arrumar ao menos as camisa, não acha nem quem doe as camisa nem nada, é nós mesmo aqui pra baixo.
(Sra. Creuza)

Para que haja uma melhor comunicação entre as diversas vilas e recantos, surgiram nessa reunião a sugestão da instalação de um auto-falante para que todos possam saber as notícias do lugar. Ainda é bem precário o sistema de veiculação de notícias entre a própria comunidade. O recado ainda é o único meio de propagação de novidades, mesmo em distâncias maiores, vai-se até a casa de cada morador. Quanto às notícias externas, essas são mais facilmente recebidas pela presença do rádio ou da TV nas residências.

Após as teorias lidas e as tentativas de leitura das diversas faces do modo de vida dos moradores da ilha, aproveitamos para expor, nessa parte, uma avaliação mais contundente sobre as condições de vida da comunidade.

Inicialmente, nos perguntamos até que ponto as transformações ocorridas na ilha, provocadas pelas intensificação das trocas com o mundo urbano, principalmente quando se constata a presença de agricultores como mão-de-obra em fazendas produtoras de frutas, diminuem as diferenças sociais. Qual o significado

dessas interações com o mercado global, quando os entrevistados recebem salários no valor de R\$ 268,00 (duzentos e sessenta e oito reais), ou seja, R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais) de salário e mais R\$ 8,00 (oito reais) de abono e têm um regime de trabalho de quarenta e quatro horas semanais. A maioria deles foi contratada⁴ a partir do início de 1998, no momento em que algumas empresas de fruticultura estavam chegando à área próxima da Ilha, entre a localidade do Roçado e da Tapera.

O que podemos verificar sobre o trabalhador assalariado da ilha, assim como os outros trabalhadores na agricultura, é que a onda neoliberal que está chegando à beira do rio por meio dos empresários mais “modernos” não reverteu significativamente o quadro de desigualdades nas relações sociais. Se se acredita em melhorias das condições de vida dos habitantes, elas estão comprometidas pelos baixos salários. É necessário, pois, o desenvolvimento de algumas políticas que restitua aos moradores trabalhadores a sua condição de pequenos produtores.

Na ilha do Massangano, durante muitos anos, a atividade principal foi o cultivo de cebola, mas com os prejuízos provocados pela queda no preço da cebola, os agricultores substituíram-na e passaram a plantar hortaliças e mandioca. O cultivo da mandioca atravessa muitas dificuldades com poucas oportunidades de crescimento, pois, inclusive a casa de farinha existente na ilha precisa de reformas urgentes para restabelecer a fabricação de farinha.

Para que a Prefeitura Municipal de Petrolina reinicie a reforma do local é necessária uma reunião da Associação de Agricultores da Ilha para efetivar a reforma, pois caso a maioria dos associados recusem esta proposta (quando há interesses políticos por trás desses fatos), o projeto não será realizado. Nas palavras da Presidenta da Associação, a reforma da casa de farinha é esperada há muito tempo, mas é preciso a autorização da maioria para a concretização do fato.

Nesse momento, em decorrência dos projetos agrícolas também se cultivam frutas: a goiaba, o maracujá, manga entre outras, porém a produção é relativamente pequena, por isso é vendida apenas nas feiras das duas cidades em fins de semana. Esta situação se agrava com o empobrecimento do solo em decorrência do

⁴ Não há dados estatísticos sobre a quantidade de moradores trabalhadores da ilha do Massangano em empresas de fruticultura porque são números que oscilam constantemente, em virtude de crise no setor ou pela deficiência da mão-de-obra utilizada em certas áreas dessas empresas. Em 2001, durante visita a uma empresa exportadora de frutas, recebi a informação da Gerente que naquele período havia dos 200 (duzentos funcionários) na folha de pagamentos e vinte deles eram residentes da Ilha do Massangano.

uso de agrotóxicos e a competição acirrada do mercado de hortaliças, no qual os ribeirinhos saem em desvantagem pela quantidade de hortas comunitárias distribuídas pelo pólo Petrolina-PE e Juazeiro-BA, bem como pelas hortas hidropônicas e orgânicas dos projetos de irrigação.

Uma questão relevante, dentre tantas outras, que nos chama a atenção está ligada ao gênero. Pelas falas dos agricultores quando questionados se as mulheres da ilha também saem para realizar o trabalho assalariado nas fazendas agrícolas, os mesmos responderam que não. Elas ficam em casa cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos, como também cultivam hortaliças e cuidam dos animais na terra da família. Somente os homens buscam as fazendas de frutas como um meio para complementar a renda da família, pois o cultivo na própria terra não dá condições de se manter.

Indagados se as mulheres da família, esposa e filhas trabalhavam com as hortaliças o agricultor (46 anos) diz: "Elas ajudam a mãe, elas ajudam". Câmara (1998) vem afirmar "às mulheres é designado uma função de cuidado da família e só depois lhe são oferecidas as possibilidades do mercado de trabalho".

Enquanto os homens estão fora, as mulheres são responsáveis pelo cultivo das hortaliças e vendem-nas nas feiras das cidades nos fins de semana. Estes fatos revelam uma nova estrutura nas relações de gênero no trabalho, o que nos leva a indagar por que, especificamente, essas mulheres não saem para o trabalho assalariado nas fazendas, enquanto as das agrovilas do Massangano e as da vila do Roçado entre outros lugares participam da cadeia produtiva de frutas.

Evidentemente, as causas desta situação podem ser relacionadas ao modo de vida, ao próprio espaço em que vivem. A atuação dessas mulheres é muito significativa, pois o trabalho com a uva possui características específicas e nisto elas se destacam⁵. As mulheres passam a desempenhar duplas funções⁶ como a de dona-de-casa e a de agricultora, usando o tempo livre para cultivar hortaliças e complementar a renda da família. Esta atividade, aparentemente sem destaque,

⁵ Às mulheres atribuem-se habilidades para tratar com atenção e delicadeza os cachos de uvas, afim de torná-los compatíveis com os padrões requeridos para a exportação (Cavalcanti, 1998).

⁶ Segundo Bruschini (1998:279) "a idéia de que a raiz da subordinação da mulher está na sua exclusão do mundo produtivo era o fundamento do feminismo (...). Para o feminismo brasileiro, a trabalhadora é a principal agente de transformação feminina.

contribui para o orçamento familiar, de forma significativa, acrescentando novas dimensões às relações sociais da família.

Outro ponto importante que merece destaque são as tentativas de organização. Uma das formas de se perceber que os moradores buscam alternativas para melhores condições de vida e trabalho é a manutenção das Associações. A partir delas, pretende-se uma participação política mais efetiva e uma intervenção mais taxativa junto aos órgãos públicos. Os moradores trabalhadores acreditam nessa possibilidade, vendo nela a saída para uma nova realidade na ilha. É certo que os moradores precisam de mais organização e mais participação, mas existe, sim, um núcleo para desenvolvê-las.

Existem nessas associações um debate político que reflete uma divisão entre os moradores. Os de baixo sentem-se discriminados, pois apenas os “de cima” são beneficiados. E isso revela que existem forças políticas atuando entre esses dois espaços, pois, como se sabe, as práticas coronelistas ainda possuem herdeiros nessa região. Segundo José Moraes de Sousa em sua pesquisa sobre “*As práticas do coronelismo: estudo de caso sobre o domínio político dos Coelhos em Petrolina/PE*” (2001), o controle da máquina pública local vem ajudando o grupo Coelho a permanecer no poder político, buscando práticas que a essência da participação política do cidadão e, portanto, tolhe sua cidadania – a negação da liberdade do seu voto e da sua vontade.

Para esse mesmo autor, o coronelismo de hoje não é o mesmo descrito por Leal (1976), Faoro (1991), Queiroz (1976), Vilaça e Albuquerque (1988), ou seja, ligado ao mundo agrário onde o proprietário de terras aparece como a principal personagem do domínio político local, amontoando os eleitores em currais e tangendo-os nas direções indicadas, como se tange rebanhos de gado. Mas persistem as relações efetivas, familiares, de amizade, ultrapassando os limites formais, técnicos da administração municipal, estadual e federal e se sobrepondo aos Partidos políticos e aos interesses nacionais. Muitas dessas relações têm ajudado a determinar o poder político dos Coelhos. Também persistem as relações de dom, de compadrio e do assistencialismo, nas quais o favor político é apreendido como uma forma de controle.

O debate político na ilha se dá entre os partidários desse grupo e aqueles que não mais se submetem a esse poder e buscam seus direitos a partir da regulação de

uma outra formação discursiva, de um outro posicionamento político que reivindica a ação do Estado, mas como direito.

Pela observação e conversas com o conjunto dos moradores, é possível concluir que os mesmos querem se politizar, ir além das formas fenomênicas da realidade, que querem um modo de vida que preserve o seu sustento da agricultura, a sua vida familiar e de vizinhança, a sua cultura. Os moradores da ilha precisam da modernidade dos instrumentos para a garantia da produção agrícola, a comunicação e todos os elementos necessários para a melhoria das condições e qualidade de vida. Mas entre um antes e um depois, os moradores da ilha do Massangano querem permanecer comunidade da ilha, com o seu modo rural de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se percebeu, processou-se, neste estudo, um percurso exploratório que pretendeu também, por sua vez, descrever e explicar, em meio à amplitude de aspectos relativos ao modo e vida dos moradores da Ilha do Massangano, alguns elementos constitutivos, como os meios de vida, tomando como referência a própria fala dos moradores. A análise dessas falas, em seu aspecto metodológico, buscou o estabelecimento de sujeitos discursivos, para verificar a enunciação e visões que a norteiam e avaliar as condições de produção do discurso.

As falas, de formas explícita ou implícita, ligam-se àquilo que pode ser concebido como subsistência, aos meios de manutenção dos indivíduos e da própria ilha, da vida na ilha, mas materializam a especificidade do trabalho agrícola e é a essa forma de viver, trabalhando e plantando no campo, que se ligam representações de um modo de vida. É dessa atividade que são geradas todas as demais representações que organizam formas de existir, de relações humanas, sociabilidade, lazer, religiosidade, enfim, da cultura do povo do lugar.

Quanto ao sujeito discursivo, verificamos que, quase sempre, os enunciados são articulados por um sujeito morador trabalhador, que se vale do espaço responsivo para imprimir as suas considerações sobre os diversos aspectos do modo de vida dos moradores da ilha. Esse sujeito morador trabalhador, em alguns momentos, confunde-se com o sujeito morador que articula enunciados sobre as positivities de viver na ilha.

As condições de produção estão relacionadas à forma como são apresentadas as questões econômicas ligadas à própria subsistência. Trata-se de um homem histórico que pensa no que vai comer amanhã. Tais condições, o exterior que controla as falas e a própria formação discursiva é, na realidade, nessa elaboração, o objeto de estudo mais próximo da sociologia. São elas quem mais próximas estão da interpretação. As condições que contextualizam as falas dos moradores são o próprio momento atual, das transformações no vale do São Francisco, com os seus diversos mecanismos de inclusão/exclusão e, por força de uma sistemática, de degradação da vida rural. É nesse contexto sócio-econômico que se fazem revelar as diversas falas.

Nestas considerações finais, continuamos, ainda com muitos questionamentos, como, por exemplo, que consequências surgirão de determinadas práticas econômicas impositivas que submetem os moradores da ilha a um urbano que pode ser bom mas pode ser, também, a degradação de seu modo de vida. Na realidade, ainda persistem muitas distinções nestes dois mundos, os mesmos interagem cada vez mais contribuindo para que alguns hábitos tendam a desaparecer ou se homogeneizarem nesses ambientes. Até que ponto os sentimentos do *ambiente natural* - conceito usado por Friedman citado por Mendras (1969) interferem na realidade atual? A ilha do Massangano, ainda que comporte – por sua própria posição geográfica – um certo isolamento, está cada vez mais sendo integrada à vida urbana. E esse inter-relacionamento não é, de fato, o responsável pelos problemas que apresenta.

Não se pode afirmar que a influência do urbano não trouxe benefícios para a comunidade, pois alguns indicadores refletem ganhos relativos a higiene, saúde, transporte. Por outro lado, os reflexos da globalização apontam para os problemas na qualidade de vida da população da ilha, principalmente no que se refere à relação com a terra e o trabalho. Conclui-se, portanto, que as transformações do espaço físico e sociocultural da ilha do Massangano e do vale do São Francisco trazem consequências para o imaginário e o modo de vida dos ribeirinhos, colocando-os em meio a um conflito entre um passado próximo e um presente complexo.

O trabalho é a atividade que, em parte, determina a maneira de viver dos moradores, passando a ser, inclusive, a razão de suas existências, por estar ligado ao sustento e também a uma história de trabalho com a terra, com uma cultura. As modificações no plano econômico acabaram por impor aos habitantes da ilha transformações muito visíveis nas relações com a agricultura, a base fundamental de sua subsistência. Os fatores econômicos que interferem na manutenção do tipo de atividade agrícola praticada na ilha – falta de recursos para tratar da terra, aquisição de sementes, falta de mercado e preço para escoamento da pequena produção - fragilizam e desagregam a comunidade da ilha, contribuindo para que alguns habitantes abandonem a sua condição de ilhéus. A origem das pessoas, aliada aos deslocamentos ao longo da vida, o ir e vir entre Pernambuco e Bahia, acabou por contribuir em um modo de vida que tem como *locus* a ilha, mas as características, as raízes são, atualmente, de diversos lugares.

Os moradores da ilha, embora mantenham alguma organização política em torno das associações, não conseguem o apoio para continuarem se estabelecendo como comunidade da ilha, produtora de alimentos, dona de sua produção. As relações com o mundo do trabalho, impostas pelo desenvolvimento regional, acarretaram o deslocamento, no campo, do espaço da propriedade familiar, para a grande propriedade privada, o que interfere na relação do homem com a terra. Ao tempo em que simula integrar o homem ao mundo do trabalho como mão-de-obra assalariada, a grande empresa retira o camponês de sua produção própria, ainda que seja de subsistência, deslocando-o de suas raízes, seu habitat, suas plantações, suas famílias, gerando traumas e fissuras em sua própria identidade.

Existe um sonho de se integrar ao trabalho assalariado, de ter carteira assinada e mudar de vida, já que esta, na ilha, principalmente na visão dos mais jovens, está em descompasso com as condições de cidadania, com a vida urbana e com a civilização à qual almeja integração. Mas essa passagem do espaço da ilha para o espaço da fazenda, que deveria ser inserção ao mundo do trabalho e à sociedade petrolinense, acaba sendo de exclusão porque os próprios salários e as relações sociais não contemplam as aspirações dos trabalhadores da ilha. Os moradores vivem uma situação de graves dificuldades sem poder acompanhar as mudanças e integrar-se à nova realidade sócio-econômica da região do vale do São Francisco.

Existe um sentido de localidade muito significativo presente no grupo. É o local dos antepassados, do trabalho, dos festejos, da sociabilidade, da família, da própria identidade. Um sentido que continua forte, a duras penas, e que resiste na consolidação da identidade do grupo, o sentimento de pertencimento à ilha. Essa identidade está muito ligada às suas relações com a terra e a natureza, seus cultos (religiosidade), à forma como se relacionam entre si, à estrutura familiar e ao samba.

Os aspectos lingüísticos influenciam na identidade de “ser da ilha”, assim como a integração grupal e a valorização das crenças tradicionais são fatores de preservação da identidade dos ilhéus. A resistência - confundida por alguns agentes externos que propõem a sua cultura como produto de exportação - é uma das formas de os ilhéus preservarem as condições do meio em que vivem e da própria vida social.

Enfim, os habitantes da ilha, como vimos pelas falas, ainda não alcançaram quaisquer benefícios na interação com o mercado global porque a sua pequena produção está à margem dos produtos e tecnologia exigidos pela globalização. Ao estruturar a grande agricultura regional, os moradores da ilha foram inseridos nesse processo apenas como mão-de-obra barata, mas nunca como agricultores que deveriam ser estimulados para o desenvolvimento da pequena agricultura e, conseqüentemente, participarem em melhores condições da vida social.

A falta de políticas públicas voltadas para a ilha e incentivos à sua produção - os pequenos agricultores resolveram plantar/cultivar frutas, substituindo o feijão, a cebola, o capim ou mesmo introduzindo essas novas culturas, mas sem nenhuma assistência técnica, apoio financeiro, acompanhamento durante a produção - é a causa maior de exclusão social e um empobrecimento cada vez maior de seus moradores. Se se deixou de plantar o feijão e não se produz a farinha, bases da dieta, para produzir frutas para o consumo externo, deixou-se de produzir o próprio alimento.

Urge que novos estudos e propostas de fixação do povo da ilha do Massangano em seu espaço original e no cultivo. Para tanto, cabe ao Estado e à própria sociedade sanfranciscana estabelecer diretrizes de desenvolvimento auto-sustentável para as suas comunidades. São ações tecnicamente econômicas, mas diretamente ligadas a tudo que se possa conceber como modo de vida dos moradores da ilha, destacando-se, aqui, a sua maior riqueza, a cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massangana; S. Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Divagações sobre as ilhas. In: *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ANDRADE, Manuel C. de. *Nordeste: alternativas da agricultura*. Campinas, Papirus, 1988.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 6.ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Tradição e mudança. A organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do Submédio São Francisco*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: 2000.

ALTHUSSER, L. (sd.) *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa/São Paulo, Presença/Martins Fontes.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Partilha da Vida*. São Paulo, Geic/Cabral Editora: 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília, Hucitec/Editora da UNB: 1993 a.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo, Hucitec: 1992.

BLOCH, Didier. *As frutas amargas do Velho Chico: irrigação e desenvolvimento no Vale do São Francisco*. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomás. 4 ed. Rio de Janeiro; Bartrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: duas Cidades; Ed. 34, 2001.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. Revista Estudos Sociedade e Agricultura. Outubro de 1998. nº 11. Págs. 53 a 78.

CAVALCANTI, J. S.B. *Sobre o emprego, trabalho e trabalhadores rurais no fim de milênio*. Revista de Estudos Avançados da USP. (São Paulo).

CAVALCANTI, J. S.B. *Teoria sociológica e Agricultura: tendências e desafios*. In revista Estudos Sociedade e Agricultura , outubro de 1999, nº 13.

CAVALCANTI, J. S.B. (org.) *Globalização, Trabalho, Meio Ambiente*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

CAVALCANTI, J. S.B. *Frutas para o mercado global*. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP(São Paulo) 11 (29), 1997. Pág. 79 a 93.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1980.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense: 1980.

CHAUÍ, M. (Prefácio). In: BOSI, Ecléa. *História e memória: lembranças de velhos*. São Paulo, Unicamp: 1987

DAOU, Ana Maria Lima. *Os “desabrigados” da barragem: longe e perto do lago. Uma reflexão sobre o deslocamento compulsório de Sobradinho*. Revista Energia na Amazônia: FAPERJ, 1990.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tunnus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 7ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro:Edições Graal,1979.

GIDDENS, A. *Política, sociologia e teoria social*. Encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. Trad. Cibeles S. Rizek. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins fontes, 1997.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4ª edição, ed. Atlas, São Paulo. 1995.

HAGUETTE, Teresa Maria. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 5ª edição. Vozes. Petrópolis, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 2 ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 1995.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. São Paulo, Unicamp: 1994.

LOPES, Esmeraldo Lopes. *Opapa. Formação Histórica e Social do Submédio São Francisco*. Juazeiro- BA: [s.e.], 1997

MALINOWSKI, B. In os Pensadores – *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, Abril Cultural, São Paulo 1976.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em análise do Discurso*. Trad. Freda Induski. Campinas (SP): Pontes, 1989.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade de Homem Simples: cotidiano e história na sociedade anômala*. São Paulo. Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza.(Org.) *Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole*. São Paulo:Hucitec, 1999.

MARTINS, Paulo Henrique. *A dívida entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARX, K. *O Capital. Crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant' Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina.(Org.) *Estudos interdisciplinares de Representação Social*. 2.ed. Goiânia:AB,2000.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 2 ed. São Paulo: Cortez,2001.

ORLANDI, E.P. (1983) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes.

PARETO, Vilfredo. *Tratado de Sociologia*. In.: A. Rodrigues (org.) Pareto. São Paulo: Ática, 1984.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et alii. Campinas, Unicamp:1988.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura.*Bairros rurais paulistas*. São Paulo, Ática,1973.

PIERSON, Donald.*O Homem no Vale do São Francisco*. Tomos I, II, III. Ministério do Interior. Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), Rio de Janeiro: 1972.

ROBIN, R. *História e lingüística*. Trad. Adélia Bolle. São Paulo, Cultrix:1974.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social – Métodos e Técnicas*. 3ª edição. São Paulo. Atlas. 1999.

SÁ, Celso Pereira de. *Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: SPINK, Mary Jane.*O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense,1995.

SANTOS, Elmo José. *O discurso da revolta: aspectos enunciativos dos jornais da sabinada*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade de São Paulo – USP, 1995.174 p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 2. ed. São Paulo: Hucitec,1997.

SILVA, Pedro Carlos Gama da. *Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina- PE/ Juazeiro -BA: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas*. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Economia, Campinas,2001.

SPINK, Mary Jane (Org.)*O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense,1995.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. (2001). *Territorialidade e Ruralidade no Brasil: por um pacto social pelo desenvolvimento rural*. In: SAUBORIN, Eric; TEIXEIRA, Olívio Alberto. Planejamento e desenvolvimento de territórios rurais. Conceitos, controvérsias e experiências. Brasília: Embrapa Tecnológica, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de George Simmel*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. Reforma Agrária*. Campinas, 1995.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. (1999). *Olhares sobre o rural brasileiro*. Recife. (Relatório de Pesquisa).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. "Morar e Trabalhar: o ideal camponês dos assentados de Pitanga: estudo de caso no Nordeste. Recife, NEAD, 2001c. (Relatório de Pesquisa).

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife, 2003. (Relatório de Pesquisa).

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo, Hucitec- Editora Universidade de Brasília: 1987.

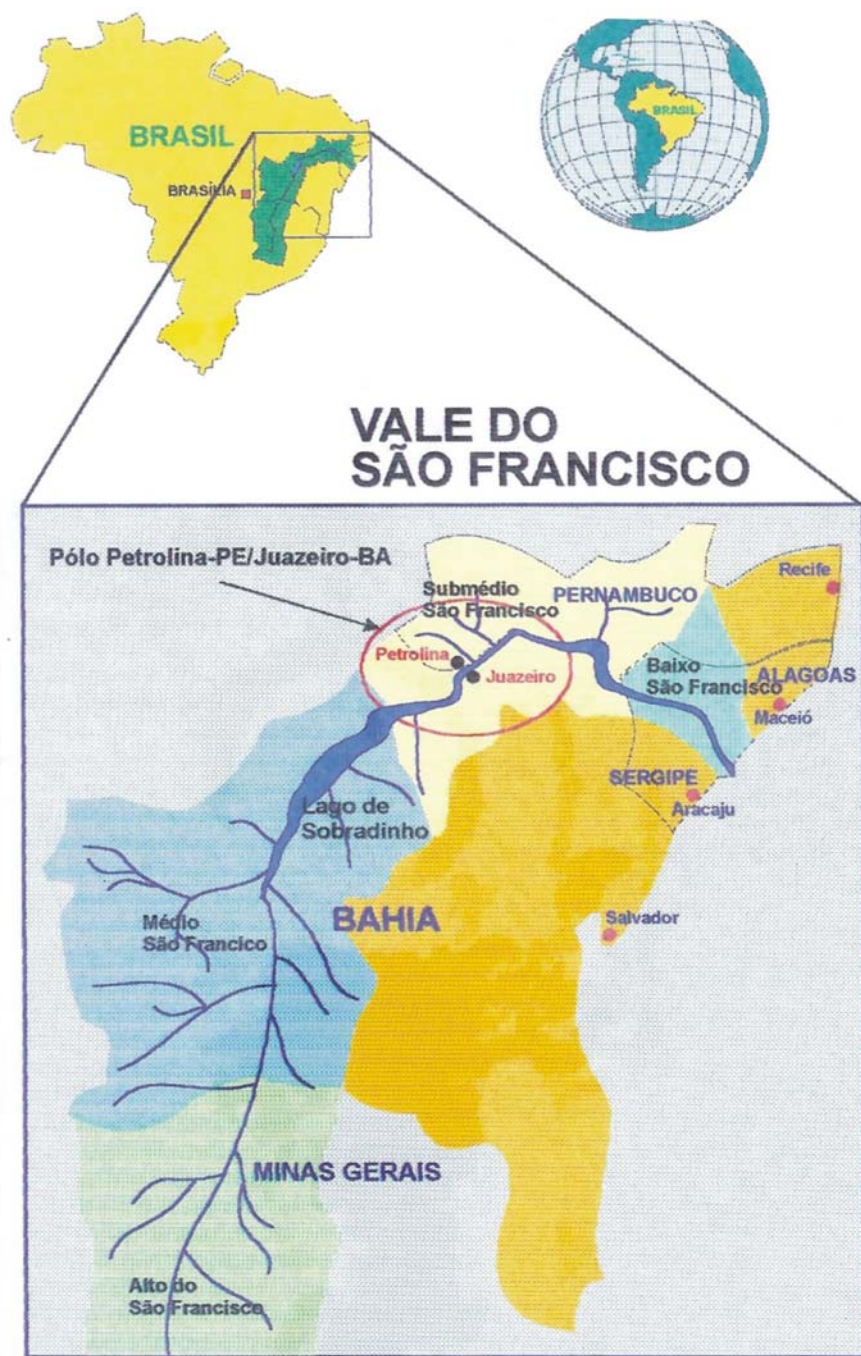
ANEXOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Quando e por que veio morar na ilha? Origem do povo
2. Trajetória de vida dos moradores – memória/ Família
3. É proprietário? Se sim, quando comprou a terra, de quem, qual o interesse em adquiri-la. Se não, qual a situação com a mesma.
4. O que plantava naquela época e o planta atualmente? Quais os motivos da manutenção da mudança?
5. Qual (is) a(s) atividade (s) que desenvolve(m)?
6. Como os moradores obtêm os recursos para a sua manutenção? Ainda pescam, agricultura, empregos em outros lugares e na própria ilha?
7. O que significa viver na ilha?
8. Qual a importância do rio na vida dos moradores da ilha?
9. Como se dão as relações familiares, de vizinhança e a integração na comunidade? – A convivência com vizinhos, as cidades de Petrolina, Juazeiro.
10. O trabalho das mulheres
11. Falar sobre a associação - Qual a importância da associação dos moradores?
12. Como são as relações com os políticos locais?
13. Quais as relações com as outras ilhas e as cidades?
14. Como se dá a participação nas manifestações culturais e religiosas da comunidade?
15. Participação no samba de véio - Importância do samba de véio para a comunidade.

LISTA DOS ENTREVISTADOS

NOME	DIA	MÊS	ANO	IDADE	OCUPAÇÃO
T1. João Gomes Correia (João Marciano)	18	Agosto	2002	71	Era marinheiro, atualmente aposentado, agricultor
T2. Eliene da Conceição	18	Agosto	2002	21	Estudante
T3. Srª Terezinha Caldas	18	Agosto	2002	52	Agricultora, Presidente da Associação dos agricultores
T4. Sr. Josuel Caldas (falecido em 2003)	18	Agosto	2002	71	Agricultor
T5. Sr. Jonas Luiz da Silva	14	Dezembro	2002	83	Agricultor, aposentado
T6. Sr. Pedro Rodrigues Ferreira	15	Dezembro	2002	61	Agricultor, aposentado
T7. Profª. Elisabeth	22	Dezembro	2002	42	Professora do CEFET –RECIFE
T8. Srª Raimunda Sol Posto	22	Fevereiro	2003	57	
T9. Srª Anália Maria Soares	07	Setembro	2003	44	Agricultora
T10. Sr Adelino Manuel de Souza	07	Setembro	2003	66	Agricultor
T11.Sra. Maria Francisca	13	Setembro	2003		Aposentada
T12. Sr. Joaquim Rodrigues	13	Setembro	2003	80	Agricultor
T13. Maria Rosa	12	Outubro	2003	82	Agricultora
T14. Sr. Eladio Ubaldo	12	Outubro	2003	56	Agricultor,Assalariado em Fazenda de uvas
T15. João Massangano (ou João Miolo)	29	Outubro	2003	58	Barqueiro, Agricultor
T16.Sr. João Pedro de Souza (Mala Veia)	30	Novembro	2003	68	Agricultora, Confecciona redes de pesca
T17. Srª Vanilda Ferreira da Conceição	30	Novembro	2003	43	Planta hortaliças, Benzedeira
T18. Srª Raimunda SolPosto	09	Janeiro	2004	56	Enfermeira, líder da comunidade
T20. Sr. Antonio Nunes	11	Janeiro	2004	63	Corretor de Imóveis
T21. Srª Creuza (D. Peba)	17	Janeiro	2004	54	Merendeira da Escola, planta hortaliças
T22. Srª Edineide Monteiro	17	Janeiro	2004	32	Agricultora, assalariada em Fazenda de uvas
T23. Rosângela Maria	17	Janeiro	2004	24	Professora na ilha
T24. Charles William dos Santos	18	Janeiro	2004	23	Estudante
T25. Sr. Félix Manoel	25	Janeiro	2004	56	Agricultor
T26. Sr. Marcus Aurélio	30	Janeiro	2004	50	Administrador
T27. Sra.Maria. das Graças	29	Junho	2004	35	Secretária Samba de Vêio
T28. Maria da Conceição do Nascimento	20	Janeiro	2004	24	Estudante
T29. Sr. Pinho Solome Soares (Sr. Pio)	20	Janeiro	2004	57	Agricultor
T30. Sr. Raimundo Nascimento (Raimundão)	20	Janeiro	2004	56	Barqueiro,vendedor de hortaliças
T29. José Ubaldo	20	Janeiro	2004	30	Trabalha na roça do Sr. Antonio
T31. Sra. Isadora	07	Setembro	2003	65	Planta hortaliças
T32. Sra. Francisca M. Ubaldo	18	Janeiro	2004		Agricultora
T33. Sra. Valdete Ubaldo	18	Janeiro	2004		Agricultora, vende hortaliça
T34. Raimundo Ferreira	18	Janeiro	2004		Barqueiro, agricultor



Localização do pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA.

(Mapa retirado da tese de doutorado de Pedro Carlos Gama da Silva (2001) "Articulação dos interesses públicos e privados no pólo Petrolina e Juazeiro: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas")



Foto 1: Jovens da ilha praticam a pesca no rio São Francisco para complemento das refeições. Ao fundo, vê-se a ilha do Massangano.



Foto 2: Nas casas de taipa, os banheiros são construídos à parte e são utilizados por mais de uma família.



Foto 3: As mulheres da ilha produzem hortaliças para a venda nas feiras de Petrolina/PE e Juazeiro/BA. É um costume do tempo de ocupação da ilha.



Foto 4: A prática de queima da vegetação é comum em toda a ilha.



Foto 5: Após as queimadas, o terreno está pronto para o cultivo.



Foto 6: A maioria das casas ainda são feitas de taipa.



Foto 7: O Sr. Joaquim com mais de 80 anos, é um dos primeiros moradores da ilha que ainda pega na enxada e planta sua própria macaxeira.



Foto 8: A Associação dos Agricultores da ilha do Massangano adquiriu um novo trator em 2003 o qual é alugado para os moradores da ilha para o preparo da terra a ser usada, principalmente no cultivo da cebola. Aqui, temos a foto nas terras do Sr. Pedro.



Foto 9: O lixo é um dos principais problemas para os moradores da ilha, lá não existe um sistema de tratamento adequado. O lixo é queimado, enterrado ou fica exposto.



Foto 10: No fim da manhã ou da tarde, as crianças e jovens aproveitam para brincar. O terreiro em frente das casas é o espaço preferido desses encontros.



Foto 11: É costume da ilha até os dias atuais dormir fora de casa, improvisando mosquiteiros, redes para um melhor conforto.



Foto 12: Vista da ilha do Rodeadouro, que é vizinha a ilha do Massangano. Ao fundo, vê-se as barracas, restaurantes e um barco de travessia para os turistas que visitam o lugar.



Foto 13: Conceição é uma das moradoras da ilha do Massangano que trabalha na ilha do Rodeadouro nos fins de semana. Ao fundo, vê-se a imagem das barracas e de alguns turistas.



Foto 14: Os músicos que acompanham o samba de véio usam o tamborete de couro para dar mais ritmo à dança.



Foto 15: Aumbigada faz parte das apresentações do samba de véio. Seus sambistas usam trajes uniformes nos eventos e festas.



Foto 16: O Sr. João Pedro (Mala Veia) confecciona uma rede de pesca para venda sob encomenda embaixo de uma mangueira no terreiro. Ao lado dele, sua neta e alguns menino da vizinhança.



Foto 17: Durante visita à casa do Sr. João Pedro, sua esposa a Sra. Vanilda, benzedeira da ilha, estava tirando “sol” da cabeça de um vizinho que sente muitas dores de cabeça .



Foto18: As pessoas aguardam a saída do cordão das alimentadeiras das almas que esperam a chegada de outros membros, realizando orações.



Foto19: Na quaresma, as alimentadeiras das almas saem em cordões por toda a ilha, fazendo paradas em encruzilhadas ou no pequeno cemitério do lugar. Elas permitem que sejam feitas fotos, mas sem identificá-las.

